



R-7418

Tejuelo. 2523

ESTUDO

DA

Estrada Militar Romana

de BRAGA a ASTORGA

EM QUE SÃO DETERMINADAS TODAS AS ESTAÇÕES DA REFERIDA VIA

POR

José Henriques Pinheiro

*Professor do Lyceu Nacional de Bragança,
Socio correspondente da Sociedade Martins Sarmento,
Secção Archeologica,
e da Associação dos Benemeritos Italianos
com medalha de ouro de 2.^a classe.*



PORTO
IMPRENSA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

(Em frente à R. de Santo Ildefonso)

—
1895



H-17 3690

R. 1627 (Brens)

I

O trabalho que vou apresentar á apreciação de sabios e eruditos teve como origem e movel a descoberta das ruinas de Castro de Avellãs, povoação situada a quatro kilometros a occidente de Bragança, na provincia de Traz-os-Montes. Na parte occidental das referidas ruinas existiu uma igreja com a invocação de S. Sebastião, em torno da qual appareceram sepulturas, umas romanas, outras preromanas, construidas estas de lages postas de cutello e tampadas, e tambem muitas vallas cheias de cadaveres, dispostos em camadas separadas por lages: tudo isto em torno da referida igreja.

Appareceram tambem muitas lapides funerarias romanas, tres sarcophagos de granito e dous milliaris que tinham sido utilizados para d'elles fazerem tumulos, tendo sido cavados para lhes darem aquelle destino. Um dos milliaris, que fôra transformado em sarcophago, estava cheio de terra crivada, o outro, que foi tambem adaptado ao mesmo fim, continha os ossos correspondentes a cinco cadaveres de adultos e alguns ossos de creança de oito a dez annos de idade.

Appareceram mais dous sarcophagos de granito, um na Castanheira, outro em Gostei, servindo de lavadouros.

Gostei é a séde da freguezia e estão-lhe annexas Formil, Castanheira, Castro d'Avellãs e Fontes de Barrosas.

Um dos milliarios é de Augusto, o outro contém duas inscrições muito apagadas. O de Augusto contém a inscrição seguinte:

IMP.CAESAR.DIVI.F
AVG.PONT.MAXIM.P
XV.COS.XIII.TRIB.POT.
XXI.PATER.PATRIAE

Estes milliarios foram transportados de Castro d'Avellãs para Bragança; estiveram no pateo da casa em que eu habitava até novembro de 1893, e o sr. Chrystovam Ayres, condescendendo com o meu pedido, consentiu que fossem collocados na cerca da casa da Escola Industrial, onde actualmente estão.

As ruínas de Castro d'Avellãs descobri-as em 1888, do que apresentei relatorio á Sociedade Martins Sarmiento. No anno seguinte descobri na igreja de Formil o padrão de Claudio, que encontrei mettido na parede da mesma igreja, entre o pulpito e o côro, onde actualmente se conserva (1). Eu encontrei outra inscrição em Lagomar (Lacomão), perto de Donae. (2) Entre estas duas povoações, mas no terreno de Donae, encontrei ha tres annos uma anta ainda coberta e com instrumentos de pedra polida e de pedra lascada. Este monumento é actualmente propriedade da Sociedade Martins Sarmiento, e foi reposto no estado em que estava, depois de explorado: tem na localidade o nome de Tombeirinho.

O monumento de Claudio diz:

TI.CLVDIO
CAESARI
AVG.GERMA
NICO:IMP.

(1) Veja noticia sobre o padrão de Claudio e sobre a inscrição de Flavio Fronto.

(2) A de Flavio Fronto.

II

Este conjuncto de achados moveu-me a estudar a via romana de Chaves á Poeblla de Sanabria, e pedi ao sr. Martins Sarmento que me enviasse uma nota do Itinerario de Antonino desde Braga a Astorga. O meu illustre mestre e amigo satisfez immediatamente o meu pedido, enviando-me a referida nota no dia 24 de maio de 1888. Mais tarde informou-me tambem a respeito dos trabalhos de um illustre hespanhol, Silvello, e recentemente o sr. Chrystovam Ayres indicou-me os trabalhos de Aureliano Fernandes Guerra a respeito de vias romanas de Traz-os-Montes, incitando-me a que continuasse o meu estudo da via romana de Chaves á Poeblla de Sanabria, visto eu considerar como certas ou determinadas algumas estações da referida via — a de Pinetum em Val-de-Telhas, a de Veniatia em Vinhaes e a de Petavonium na Poeblla de Sanabria. A respeito da estação de Aguas Flavias ninguem póde duvidar que é Chaves: Argote, Silvello e Aureliano Guerra consideram-n'a como determinada. Silvello aceitou o Pinetum de Argote, mas não aceitou Rebordello como Roboretum, isto era absurdo de mais para Silvello, pois que de Val-de-Telhas a Rebordello são tres legoas e Roboretum deve estar a nove legoas de Pinetum. Diz este illustre hespanhol, que Roboretum é em Robledo, adiante de Rio d'Onor Compleutica em Gondezende, ao norte de Bragança, Veniatia já em Hespanha, em Veceana de Sanabria a poente da Poeblla de Sanabria.

Um dos erros mais graves do traçado de Silvello consiste em collocar Compleutica antes de Roboretum. O traçado de Aureliano Guerra tem um pouco do de Silvello; determina a posição de Pinetum de Chaves para Pinheiro Velho, duas legoas a occidente da Moi-

menta; Roboretum é o Robledo de Silvello, e situa Compleutica a seis legoas a oriente do de Bragança. A nota que pude obter a respeito do traçado de Aureliano Guerra não dizia a respeito de Veniatia e de Petavonium. Finalmente Silvello confiou de mais em Argote e seguiu-lhe os passos, Aureliano Guerra parece também que se aproveitou dos trabalhos de Silvello. Não conheço Aureliano Guerra, mas sei que tem talento para fazer obra limpa; é, porém, preciso trilhar muito terreno para effectuar trabalhos d'esta natureza (1).

III

Um amigo com quem conversei a respeito de estradas romanas do nosso paiz, fallou-me n'uma que ia de Braga ao Pezo da Regoa e subia, indo por Murça, a Chaves. Ora, Delamarche situa Salacia perto de Penafiel e Caladunum perto de Lamego, e como Salacia e Caladunum são estações da estrada ou estradas de Braga a Chaves, não me pareceu isto absolutamente absurdo, e n'esta hypothese Salacia era em Travanca, Presidium no Pezo da Regoa, Caladunum em Murça e d'esta villa seguiria para o Franco; descendo de Chaves ia a Val-de-Telhas e dava uma volta de nove legoas passando pelos Possacos, Valpassos, Sanfins, Santa Maria d'Emeres, Zebras, Franco, Lamas de Orelhão, Carvalhaes, que seria n'este caso Roboretum. O Franco estabeleceria a ligação com o Douro por Murça e Carvalhaes com o alto districto. Em Mirandella e Carvalhaes ha ruinas e muito importantes; principiam perto da Villa, em S. Sebastião; seguem para o Mourel na direcção de Sedães.

O Roboretum de Delamarche é em Moncorvo:

(1) Falleceu no dia 6 de setembro de 94.

chama-se Roboredo um monte em cuja base assenta esta villa. Compleutica situa-a Delamarche perto de Izeda, Veniata em Vinhaes. O engenheiro geographo Charles situa tambem Salacia perto de Penafiel, Presidium perto da Regoa, no Douro, defronte de Lamego, Caladunum a oriente de Presidio, Roboretum nas proximidades de Rebordãos, Veniata já em Hespanha, Petavonium parece estar na Poebia de Senabria. Não conheço o atlas de Sprüner, mas sei que leva pela Regoa uma das estradas de Braga a Chaves.

As duas estradas de Braga a Chaves foram estudadas por Padre Mattos; este trabalho merece alguma confiança e levou-me ao convencimento de que essa estrada que dizem tocava no Douro não tem nada commum com a estrada de Braga a Astorga. (1) A estrada nova, a de Vespaziano, mede quinze legoas e um terço de 18 ou grau, a de Augusto doze, o que dá em legoas metricas, para a de Augusto dezeseis e tres quartos, para a de Vespasiano dezoito e meia. A tabella das partidas das duas estradas é a seguinte:

ESTRADA DE AUGUSTO: (2)

Areias	$\frac{1}{2}$ legoa	Bezerrinhos	$\frac{1}{2}$ legoa
Carvalho	$\frac{1}{2}$ »	Covelo do Monte	$\frac{1}{4}$ »
Pinheiro	1 »	Atilho	$\frac{1}{2}$ »
Pardieiros	1 »	Carvalhedos	1 »
Cruz Real	$\frac{1}{4}$ »	Quintas	$\frac{1}{2}$ »
Confurco	2 »	Boticas de Barroso	$\frac{1}{4}$ »
Espinho	$\frac{1}{4}$ »	Granja	$\frac{1}{4}$ »
Zebral	$\frac{1}{4}$ »	Sapiães	$\frac{1}{2}$ »
Bustello	$\frac{1}{4}$ »	Cazas Novas	1 »
Linhares	$\frac{1}{2}$ »	Ribeira de Curalha	$\frac{1}{2}$ »
Cruz de Penascaes.		Casas dos Montes	$\frac{1}{2}$ »
Amear	$\frac{1}{4}$ »	Chaves	$\frac{1}{2}$ »

(1) Vid. Argote, tom. 2.º

(2) A estrada de Augusto tem mais extensão do que lhe dá padre Mattos: tem 17 legoas metricas, como se verá no meu trabalho.

ESTRADA DE VESPASIANO:

Areias	$\frac{1}{3}$ legoa	Subilla.	
Carvalho	$\frac{1}{2}$ »	Brea.	
Pinheiro	1 »	Pedreiras	$\frac{1}{8}$ legoa
Pardieiros	1 »	Géa	$\frac{1}{3}$ »
Penedo	1 »	Villa da Ponte.	$\frac{1}{3}$ »
Gavinheiras	$\frac{1}{3}$ »	Cruz de Leiranco	$\frac{1}{2}$ »
Salamonde.	$\frac{1}{2}$ »	Penedonos	1 »
Ruivaens	1 »	S. Vicente de Chã	$\frac{1}{3}$ »
Boticas de Ruivaens	$\frac{1}{2}$ »	Peirezes	$\frac{1}{4}$ »
Santa Leucadia.		Portella d'Orseira.	$\frac{1}{2}$ »
Covelo do Monte.		Cazaes	1 »
Ponte do Arco	$\frac{1}{4}$ »	Viduedo.	$\frac{1}{8}$ »
Villarinho dos Padrões.		Castellãos	1 »
Codeçoso do Arco.		Hervejedo.	1 $\frac{1}{2}$ »
Porto de Carros.		Chaves	$\frac{1}{2}$ »
Lama do Carvalho	$\frac{1}{8}$ »		

Isto mostra que as duas estradas se cruzavam e sobrepunham em alguns pontos e que porisso não se affastavam muito uma da outra: é, pois, absurdo dizer que uma d'estas descia ao Douro. Ainda mais—de Braga a Chaves são dezeseis legoas em linha recta, sendo Salto o meio d'essa recta. Chegou o delirio inventivo a ponto de transportarem para essa estrada do Douro os nomes das estações das estradas de Braga a Chaves!

Estou convencido de que havia muitas estradas romanas, e direi alguma coisa a este respeito; mas, do que se trata é de *vias militares*.

IV

«Augusto fez no governo provincial duas innovações importantes: uma financeira, outra religiosa, ambas muito politicas.

Vinte annos de guerra civil e de exacções monstruosas tinham destruido no mundo romano a riqueza produzida, e o estacionamento da industria, da cultu-

ra e do commercio tinham obstado ao seu renova-
mento. Em toda a Italia e em mil pontos a população
tinha sido esbulhada, e a propriedade, que tinha mui-
tas vezes mudado de mão já não rendia o que costu-
mava produzir. A miseria era profunda, todos mendiga-
vavam, até os senadores; na Azia, a mais opulenta
das provincias, a bancarrota era universal, e Augusto
viu-se na necessidade de decretar uma medida revo-
lucionaria: a abolição das dividas. Os impostos já não
davam entrada nos cofres, e as necessidades do the-
souro cresciam. Para obstar a que os governadores
saqueassem as suas provincias tinha-lhes fixado Au-
gusto um vencimento; e para dar segurança ao impe-
rio, organisára um exercito permanente de trezentos
mil homens. Não sabemos quanto esta administração
custou, mas pôde calcular-se em 200 milhões de fran-
cos a despeza annual com o exercito. D'onde havia
de vir odinheiro necessario? Não podia pensar-se em
augmentar sériamente o imposto nas provincias esgo-
tadas. Restava um unico meio: uma melhor regula-
mentação nos recursos do Estado. Durante a republi-
ca as contribuições dos individuos eram moderadas,
mas desigualmente repartidas e cobradas mui arbitra-
riamente: dous males que Cezar e Augusto quizeram
curar. Não diremos que o imperio teve em vista a
perequação do imposto; procurou pelo menos conhe-
cer o *quantum* da materia collectavel para distribuir
os encargos mais equitativamente. O cadastro come-
çado por Cezar foi concluido por Augusto. Quatro
geometros percorreram todo o imperio afim de lhe
medirem as distancias. Zenodoxo concluiu a medição
da parte oriental em treze annos, cinco mezes e nove
dias; Theodoto, a das provincias do norte em deze-
nove annos, oito mezes e dez dias; Polycleto, a das
regiões do Meio-dia em vinte e quatro annos, um
mez e dez dias; emfim, Didymo a de oeste em deze-
seis annos e trez mezes. Os trabalhos d'elles, centrali-
sados em Roma, foram coordenados por Balbus que
depois de ter levantado o registro das medidas de to-
dos os paizes e de todas as cidades, escreveu os re-
gulamentos agrarios impostos á universalidade das
provincias. Agrippa presidiu por muito tempo a este

trabalho consideravel, do qual organisou um mappa mundi que mandou gravar debaixo de um portico de sorte que cada senador, designado para um governo provincial podesse préviamente estudar os recursos e a extenção do que nós chamamos *bureau* de estatística do imperio. «O senador recebe, diz Vergece, uma descripção da sua provincia com a individuação das distancias em milhas, do estado das estradas e dos caminhos, das montanhas e dos rios.» As terras foram, segundo o seu producto e a sua fertilidade ordenadas em diversas classes, cada classe taxada em razão do que a propriedade lhe rendia, e sabendo assim o cultivador quanto devia ao Estado podia beneficiar o seu campo sem recear trabalhar sómente para o cobrador. (1)

A carta de Pontinger parece ser uma redução ou uma imitação grosseira da carta de Agrippa com retoques posteriores; diz tambem Duruy.

.....
Os trabalhos do cadastro tinham facilitado outras duas operações de extrema importancia. Reconhecido e medido o imperio, foi facil abrir-lhe essas estradas que os romanos consideram como as redeas do governo e que são, como o direito civil, a grande originalidade d'este povo. O senado tinha sulcado a Italia de vias militares, tinha aberto audaciosamente, com uma estrada, as montanhas do Epiro e da Macedonia, ligára a Hespanha por uma estrada á Italia, seguindo pelas costas do Mediterraneo; Augusto mandou construir as da Cisalpina, da Gallia e as da Peninsula, Iberica. Seguiu-se portanto o exemplo: das arterias principaes destacaram-se ramificações em numero infinito que ligaram entre si os povos e as cidades.

.....
Augusto regularizou tambem outra instituição que ficára até então embrionaria: em todas as estradas que partiam do milliaro de ouro levantado no Forum, collocou a mui curtas distancias jovens que exerciam o mister de correios, e mais tarde carruagens para se receberem mais promptamente informações das provin-

(1) Duruy *Histoire des Romains*, volume 4.^o

cias. Estas postas, muito bem servidas, facilitaram a circulação entre todos os pontos do imperio. (1)

Pierre Larouse diz o seguinte a respeito do Itinerario:

«Itinerario de Antonino, publicado pela primeira vez por H. Etienne, (Paris, 1512, in-16.º) E' provavel que o titulo sob o qual chegou aos nossos dias este documento, provenha de um erro ou da ignorancia dos copistas, e que um e outro dos Antoninos sejam absolutamente estranhos á confecção d'este Itinerario. Os mais antigos monumentos dizem com effeito: *Dimentio universi orbis a Julio Cæzari et Marco Antonio consulibus facta*, o que em vez de Antonino nos dá Marco Antonio.»

Depois de grande discussão os eruditos concordaram que este trabalho tinha sido apprehendido no tempo de Julio Cezar e retocado successivamente até á epocha em que um geographo desconhecido do terceiro seculo, ou do quarto, lhe deu a fórma sob a qual chegou aos nossos dias. Existiam uns 60 manuscritos pouco differentes uns dos outros, quando H. Etienne tratou de publicar um d'elles.

A obra está dividida em duas partes, a primeira, a mais consideravel, tem o titulo de *Itinerarium Provinciarum*. A obra tem falta de methodo, pelo menos assim o comprehendemos. O Itinerario das provincias toma como ponto de partida não a Roma, mas a Mauritania e dá em primeiro logar todo o desenvolvimento de uma estrada que conduzia de Tingis a Alexandria. Da Africa o auctor passa á Sardenha, á Corsega e á Sicilia, dividindo cada uma d'estas ilhas por um caminho longitudinal que elle segue em seu percurso e depois em suas ramificações. Faz o mesmo a respeito da Italia, de Milão a Regium; depois, partindo de Roma, conduz-nos ao Egypto e á Libia, passa d'ahi á Azia, percorre o Ponto, a Capadocia, a Siria, vae ao Danubio, á Panonia, á Gotia Cisalpina, volta a Roma por outras estradas differentes das já descritas, passa a Brindes, volta para a Azia para dar o Itinerario da via aquatica. Depois, tomando por centro

(1) Duruy, *ibidem*.

Milão irradia d'esta cidade para a Gothia, para a Germania e para a Hespanha.

O Itinerario maritimo comprehende trez fragmentos independentes uns dos outros extrahidos de origens diversas, o primeiro, traduzido provavelmente do Grego, especifica os caminhos abordaveis das costas da Acaia, da Secilia e da Sardenha com as distancias de diversos pontos entre si e os que os separam dos portos da Italia e da Hespanha e das Gallias. O segundo fragmento enumera as estações maritimas da Hostia e Arles, o terceiro dá a lista das ilhas do Mediterraneo.

Posto que estejam um tanto confusos, estes Itinerarios são, como as taboas de Pentiger, as melhores fontes geographicas que nos deixou a antiguidade.»

Segundo Léger (les Travaux publics au temps des Romains, pag. 158), a construcção das vias romanas effectuava-se assim: «Cavava-se o sólo até encontrar terreno solido, se necessario fosse; o fundo da escavação era construido, endireitado, nivelado e depois batido ou cylindrado; espetavam estacas no fundo e bem batidas quando a solidez não parecia sufficiente; depois, sobre uma superficie de areia de 0,^m10 ou 0,^m15 de espessura, ou de argamassa de 0,^m025, estendida no fundo da valla, assentavam-se com o maximo cuidado quatro camadas de pedra: primeiramente pedras aparelhadas, ligadas por um cimento muito duro; depois uma camada de betão, e em seguida mais outra camada de betão mais fino, que era depois cylindrado; ultimamente a capa resistente que variava conforme a natureza dos materiaes fornecidos pela localidade. A altura total da construcção variava segundo os logares de 1,^m045 a 1,^m390. O mesmo auctor calcula que 80:000 kilometros de vias militares construidas deviam custar cerca de 7 milhares de francos. Calculou-se que, segundo o Itinerario de Antonino, havia no Imperio trezentas e setenta e duas grandes vias de um comprimento total de 77:000 kilometros ou de 18:000 legoas. As grandes vias ou de primeira ordem tinham de largura no ager (impe-drado) 4,^m50 e a largura dos passeios variava entre 0,^m50 a dous metros.»

«Tel peuple, tel art; la domination de Rome se reconnaît à ces routes, qui vont droit devant elles, comme sa volonté, sans se détourner pour éviter un obstacle, et à ces constructions massives et sans grâce, j'allais dire sans art, qui montrent tant de force, s'élèvent si haut et pèsent si lourdement sur le sol qui les soutient . . . » as rampas eram muitas vezes de 0,^m15 a 0^m,20 por metro, e os aterros atravez dos pantanos, elevam-se, em certos pontos a 12 metros sobre 20 kilometros de comprimento, como n'uma porção da Via Appia construida por Trajano. (1)

V

Iter a Bracara Asturicam; millia passum CCXLVII (a)

Salacia	XX	
Præsidium	XXVI	
Caladunum	XVI	
Ad Aquas	XVIII	
Pinetum	XX	(b)
Roboretum	XXXVI	(c)
Compleutica	XXVIII	(d)
Veniata	XXV	
Petavonium	XXVIII	
Argentiolum	XV	
Asturica	XVIII	(f)

(a) Variantes de varios codices: —CCXLVI; CCXLVII

(b) XXVIII

(c) XXXIII

(d) XVIII; XXV; XXVI; XXXIII

(f) XXIII

A medida adoptada pelos romanos n'este genero de trabalhos é a legoa de quatro milhas, equivalente á legoa metrica. Delamarche no seu atlas; na carta de Hespanha antiga, traz a equivalencia da legoa metrica com a legoa romana de trez milhas. Aureliano

(1) Duruy, texto e nota, pag. 218 e seguinte *Historia dos Romanos*, v. 4.^o

Guerra empregou a legoa metrica no seu trabalho sobre as vias romanas da Peninsula. As marchas do soldado romano eram em regra de sete legoas, quando não eram forçadas.

Em todo este trabalho recorri sómente a duas variantes do Itinerario, á variante (d) de Compleutica, e á de Roboretum. Quanto a designação de distancias ha erro no Itinerario em Salacia, pois diz que de Bracara a Salacia são cinco legoas, e são seis. Entre a Poeblla de Sanabria e Astorga ha erro e grande; quanto ao mais, está bem. Se o erro fosse por excesso, podia dizer-se que a estrada dava muitas voltas; é, porém, por defeito, e por isso envolve um impossivel geometrico.

De Braga a Chaves corriam duas vias militares, a de Augusto e a de Vespasiano; esta substituiu a de Augusto. E' a estrada a que se refere o codice que me proponho estudar.

O estudo da via romana comprehendida entre Braga e Chaves fil-o sobre a carta de Folque, não fiz estudos *sur place*, porque não pude dispôr do tempo que requerem estudos d'esta natureza.

Tendo concluido o estudo de Chaves até Astorga, e voltando a lêr o que diz Argote e P.º Mattos, convenci-me de que a estrada de Braga a Chaves podia ser regulada, pois que os dados colhidos na linha de Petavonio a Astorga e entre Braga e Chaves estabeleciam a ordem no Itinerario.

Convencido de que vou lançar alguma luz sobre este intrincado ou enredado problema, seguirei com Argote e P.º Mattos de Braga até Chaves.

.....
«Supposto, pois, que esta primeira via militar que Antonino descreve é a que corria por Chaves, referiremos primeiro o como elle a descreve, e depois diremos quaes são hoje as terras por onde passava no tempo dos romanos, porque a tal estrada se acha actualmente mui diversa. Diz o Itinerario de Antonino que esta via militar corria de Braga até Astorga por espaço de duzentos e quarenta e sete mil passos, que montam sessenta e uma legoas e trez quartos, n'esta fórma. Sahia a estrada de Braga, e corria até

Salacia em distancia de cinco legoas, passava depois a Presidio e fazia mais seis legoas e meia; logo, andando outro tanto chegava a Caladuno, e d'alli continuava por espaço de quatro legoas e meia até Aquas que dissemos era Chaves, d'onde proseguia em distancia de cinco legoas até Pinetum, e d'aqui andadas nove legoas, tocava em Roboreto, d'alli ia a Compleutica em distancia de sete legoas; depois, passadas seis legoas e um quarto, chegava a Veniatia d'onde proseguia até entrar em Petavonio, andadas sete legoas, depois a espaço de trez legoas e trez quartos, chegava a Argentiola, e d'alli a trez legoas e meia findava em Astorga.» (1)

Entre Petavonio e Asturica ha um erro de vinte e nove mil passos; distribuiram por duas estações o que pertencia a uma: assim, em vez de dar a cada uma sete legoas, deram a Argentiola XV e a Asturica XIII.

Deve, pois, dizer-se:

De Bracara a Salacia	XXIV m. p.
a Presidio	XXVI
a Caladunum	XVI
a Aquas	XVIII

Não vejo motivo para alterar o que consta do Itinerario, não ha que mecher n'elle sem motivo claramente justificado: os erros que contém são sómente estes.

927. «Esta estrada era a mais Meridional de todas as outras, como se vê das terras por onde ao de mais corria. E' certo, porém, que era mui diversa, e fazia muitas mais voltas, que a estrada, que hoje se pratica. O que se prova das distancias, porque de Braga a Chaves contam hoje quinze legoas, e o Itinerario da estrada romana conta vinte e duas e meia. Da mesma sorte de Chaves a Astorga, contam actualmente vinte e trez, ou quando muito, vinte e sete, segundo as diversas estradas de que se usa; e pelo Itinerario a estrada romana fazia quarenta e uma le-

(1) Argot, tomo 2.º, cap. XII, 915.

goas e trez quartos, o que parece mostrar estarem viciadas as distancias no Itinerario, e assim o julgaram algumas pessoas a quem consultei n'este particular na provincia de Traz-os-Montes; porém eu, posto que convenha em que as distancias em Antonino algum tanto andam erradas, comtudo entendo que na estrada de Braga a Chaves, ou não contém erro, ou é mui pouco; e a razão é, porque os padrões, que existem concordam com as distancias de Antonino, segundo logo veremos, e n'estes termos havemos de attribuir a discrepância da estrada actual á estrada romana as voltas, que esta fazia, e havemos de procurar indagal-as. De Chaves para Astorga, não affirmo tanto, que o Itinerario deixe de conter erro grande.»

O Itinerario conta vinte e uma legoas de Braga a Chaves, e vae n'esta incluída a legoa que havia de menos de Braga a Salomonde; Argote accrescentou duas legoas e meia ao Itinerario. A distancia de vinte e trez, ou de vinte e sete legoas que dá Argote de Chaves a Astorga, calculou-a pelo caminho que seguiu de Val-de-Telhas por diante, levando a estrada por Rebordello. Segue-se a relação dos padrões que existiam no tempo de Argote entre Braga e Val-de-Telhas.

929. «Junto ao lugar das Boticas, que dista um quarto de legoa de Ruyvães, depois de dividida a estrada actual, que por allí corre de Braga a Chaves, á vista do rio Canhuã, estão dous padrões levantados para a parte do poente, um d'elles não tem letras, o outro é dedicado ao Imperador Trajano, e diz, que d'alli a Aquas Flavias são dez legoas e trez quartos.»

930. «No outro ramo da mesma estrada, que se divide no lugar das Boticas sobredito, perto do lugar de Campos, entre o poente e sul da dita estrada, a trez tiros de mosquete, está quasi submergido em um ribeiro, entre um prado, outro padrão, dedicado ao Imperador Claudio, e diz, que d'alli a Braga eram cinco legoas; porém o sobredito padrão dizem foi tirado do alto do monte, chamado a Portella de Rebordello, e trazido para o lugar onde jaz.»

931. «Na mesma direitura, para a parte do poente, está outro padrão quebrado, na parede do sobre-

dito prado, e tem cinco palmos de alto, oito de grosso, e só tem estas letras: XXXV, que quer dizer trinta e cinco.»

«Este Padrão foi também permudado para alli da Portella de Rebordello, segundo se diz.»

932. «No lugar chamado Villarinho do Padroens, na mesma estrada de Braga a Chaves, se vêem trez Padrons, um não tem letras, outro he dedicado a Tiberio Imperador, e diz, que d'alli a Braga são cinco legoas; ambos estão deitados no chão, e tem onze palmos de comprido, e oito de grosso; o outro está levantado dentro de hum campo, perto dos outros; vê-se que teve letras, hoje já se lhe não conhecem mais que estas: M. P. XL. II. Quer dizer. Quarenta e dois mil passos.»

933. «Fóra da estrada actual de Braga a Chaves, nas visinhanças, porém della, e sitios por onde pudemos conjecturar rodava a estrada Romana, se acham os seguintes Padrons. No Zebral, lugar pouco distante do Espindo, junto á Capella de S. Martinho, estão dous Padrons, um quebrado, e com letras, mas dellas se não colhe o que dizião; tem dous palmos de comprido, oito de grosso. O outro não denota distancia alguma, sómente declara ser mandado pôr por Cezar Augusto.»

934. «No lugar de Sangunhedo, Freguezia de Codeçoso do Arco, está um Padrão dedicado ao Imperador Claudio, e diz, que dalli a Braga eram oito legoas e trez quartos. Na mesma parte estão dous Padroens metidos na parede de hum forno do sobre-dito lugar; tem letras, mas sem desfazer o forno não se podem lêr.»

935. «Em hum sitio, a que chamão Lama do Carvalho, pouco distante de Porto de Carros, em huma terra de pão, a que chamão o Borrajeiro, desviada da estrada dous tiros de mosquete existe hum Padrão com letras Romanas; parece ser dedicado a Tiberio, mas não se lhe divisão letras capazes de entendermos a distancia que denotavão.»

936. «Tambem no sitio, a que chamão a Pastoria, a huma legoa antes de chegar a Chaves, existe hum Padrão, segundo refere o Doutor João de Barros

nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, no capitulo em que trata da cidade de Braga, o qual era dedicado ao Imperador Trajano, e declarava, que dalli a Chaves era uma legoa.»

Seguindo com a lista dos padrões, diz:

«Outro Padrão existe em Val-de-Telhas dedicado ao Imperador Maximino; não declara distancia.

«Outro existia em Vinhaes, que traz Grotero, e apontava a distancia de vinte e cinco legoas, sem dizer respeito do lugar?

«Outro Padrão dizem existe em Lubian, terra de Castella, na estrada para Astorga; porém até aqui não me chegou a sua Inscricção?

«Além destes, acho no doutor Barros acima citado outros dous Padrons, hum que existia no Codeçoso do Arco, dedicado a Trajano, e referia, que dalli a Chaves erão dez legoas e meia; outro algum tanto distante do Codeçoso era posto por ordem do Emperador Hadriano, e declarava, que dalli a Chaves eram dez legoas e trez quartos.

«Tambem no lugar dos Curraes, que fica adiante da Lama do Carvalho, existe um Padrão sem letras que serve de haste a huma cruz; e dizem estava outro, de que se não sabe, os quaes forão alli trazidos de uma terra chamada dos Padroens, que fica junto á estrada.

«Outro Padrão sem letras se vê no sitio, a que chamão a Cruz de Leiranco, a qual Cruz está posta sobre o Padrão, que tem doze palmos de alto, e nove de circumferencia, e dizem foi trazido alli de uma villa arruinada, chamada Mel.

«Outro Padrão sem letras existe adiante de Chaves, no lugar de Lourenço; e no lugar dos Possacos, algumas legoas adiante de Chaves, se conserva.»

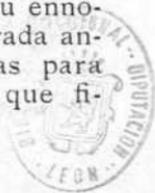
Foi com estes dados e com os da tabella a que Argote chama a segunda estrada, isto é, a de Vespasiano, que elle fez o seu traçado desde Braga a Chaves. Milliarios não faltam, mas haverá alguns que dêem indicações numericas certas para a estrada de Vespasiano?

VI

No capitulo XIII expõe Argote o seu traçado de Braga a Chaves, que vou tambem expôr na integra.

944. «Do que fica dito no Capitulo acima se pôde considerar, que o regular a estrada Romana, que corria de Braga a Chaves, e dalli até Astorga, he quasi impossivel, e acertar com os lugares por onde ella passava, porque os Padrões, que nos poderião dar alguma luz, causão mayor confusão, por que nos mesmos sitios, ou quasi nos mesmos sitios, achamos uns Padrões, contando as distancias a respeito de Braga, outros a respeito de Aquas Flavias, o que foi uma incrível perturbação. Da mesma sorte achamos Padrons em sitios diversos, apontando as mesmas distancias, o que parece ser impossivel.»

945. «Nesta preplexidade, consultadas as pessoas intelligentes das Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, se dividirão em pareceres, e o Illustrissimo Bispo de Uranopolis mandou á sua custa examinar a sobredita estrada, e me mandou a relação assaz exacta e curiosa. Eu direi o que me parece. Primeiramente entendo que a sobredita Via Militar Romana teve suas mudanças no mesmo tempo dos Romanos, e que era em muita parte diversa, a que se praticava desde o tempo de Augusto Cezar, da que se praticou depois do Emperador Vespasiano: fundo-me em que todos os Padrons que existem dos Emperadores antes de Vespasiano, contão as distancias começando de Braga e tomando a Braga por principio da estrada; ao contrario todos os Padrons que existem do Emperador Vespasiano em diante, contão as distancias de Chaves para Braga, e tomão a primeira por principio; o que a meu ver foi porque no tempo de Vespasiano se povoou ou ennobrecceu Chaves, e deviam então mudar a estrada antiga, que de Braga ia naquellas visinhanças para Astorga, e a lançarão por Chaves de modo, que fi-



cou a dita estrada cortando em algumas partes, ao menos por diversas paragens, do que atélli, e dahi procede a diversidade do principiar as distancias, e tambem a de não convirem algumas, ao que se poderá accrescentar estarem os numeros em alguns Padrons errados, e tambem a estarem deslocados do seu lugar primitivo: confirmão-se estas conjecturas com vermos que no Padrão celebre, que hoje existe na Ponte de Chaves, e segundo dissemos quando tratamos de Aquas Flavios, vêm nomeados os mesmos Legados, e Pretores que no tempo de Vespasiano tiveram a incumbencia de edificar a Via Millitar do Gerez.»

946. «Deixando, pois, a estrada antiquissima, parece que a estrada do tempo de Vespasiano em diante se deve regular na fórma seguinte: Sahia a estrada de Braga, e continuava até ao lugar, a que chamão de Arêas, dalli passava ao Carvalho onde contão uma legoa e proseguia ao Pinheiro onde fazem duas, depois aos Pardieiros, onde contão trez da mesma fórma, que hoje corre a estrada de Braga a Chaves. Do Pinheiro (alias Pardieiros) ia sahir á Cruz de Real, e começando a afastar-se para o Sul da estrada, que actualmente se pratica passava perto de Salamonde, ou Sella, (1) que parece ser a Salacia que Antonino diz ficava a cinco legoas de Braga. Prova-se em muita parte este discurso evidentemente, por que o Doutor João de Barros nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, diz que o Arcebispo D. Diogo de Souza trouxera da estrada, que vae de Braga a Chaves um Padrão Romano, que dizia serem d'alli a Braga trez quartos de legoa, signal que a estrada actual, e nos seos principios é a mesma que a Romana.»

«Prova-se tambem, ou ao menos se persuade a descripção acima, por que é certo que a Via Millitar romana de Braga a Chaves precisamente se havia de fazer n'aquelle rumo, que leva a estrada actual, e da posição, e curso della se vê, que a estrada Romana

(1) De Braga a Salamonde são seis legoas: vêde — Carta de Folque, (H. Pinheiro.)

por alli discorria, e a distancia que achamos entre Salamonde, e Sella de Braga que é de cinco legoas, mostra ser a primeira estancia ou parada das milicias que sahião de Braga, a que Antonino chama Salacia e a colloca na mesma distancia.»

948. «Este discurso tem contra si dous Padrões, de que no capitulo antecedente fizemos menção, o que existe adiante do lugar de Boticas, e perto do de Campos, dedicado ao Emperador Claudio; e o outro que está em Villarinho dos Padrões, dedicado ao Emperador Tiberio, os quaes dizem que dalli a Braga são cinco legoas, e ficão os sitios em que estão muito distantes de Sella e Salamonde.»

949. «Ao que, porém respondemos, que o Padrão dedicado a Claudio, consta não ser aquelle o seu lugar primitivo y assim tem pouca força o que se deduz da distancia, que assina contra nós; nem é possível que alli estivesse Salacia, nem os Romanos contassem cinco legoas sómente, por que é muito mayor a distancia dalli a Braga; o mesmo respondo ao outro Padrão dedicado a Tiberio, pelo que entendendo tem as letras numeraes gastas com o tempo. Se bem não duvido que estes Padrões, estivessem na estrada antiquissima, e primitiva do tempo de Augusto, e Tiberio, e que esta cortasse por alguma parte mais difficultosa, porem mais breve.»

950. «De Salamonde proseguia a Via Militar Romana ao sitio chamado Confurco, e dahi por fôra de Espindo ia ao lugar do Zebral, distante de Sella ou Salamonde duas legoas pouco mais, ou menos, e do Zebral hia a Bustello e dahi o Boticas de Ruyvães, Santa Leucadia e Ponte do Arco, onde a estrada romana se cruza com a actual, ficando esta para a parte do Sul, e a Romana para a banda do norte, e corria por Villarinho dos Padrões até ao Codeçoso do Arco, e Castro de Codeçoso, onde contão seis legoas e meia de Salamonde, e vinha a fazer seis legoas, segundo os lugares por onde temos dito passava, e por aqui pouco mais ou menos entendemos ficava o lugar, a que chamávão Praesidium, que Antonino põe a seis legoas e meia de Salacia e onze de Braga.»

951. «Prova-se ou se persuade esta descripção, pelos Padrões que existem no lugar do Zebreal, e Villarinho dos Padrões, que lhe fica perto, porque á vista de por allí se conservarem tantos Padrões Romanos, he sinal que por allí corria a estrada; e posto que muitos não apontão as distancias, e o dedicado ao Emperador Tiberio, desdiga muito, e declare, que dalli a Braga são cinco legoas, desde já se vê, que ou está errado, ou foi allí conduzido d'outra parte; dos outros bem se mostra que a Via Militar corria por allí, ou perto. De mais que o Padrão de Villarinho, que denota a distancia de dez legoas e meia, já se conforma muito com o Itinerario de Antonino, ou denote a distancia de Braga áquelle lugar, ou a de Aquas Flvias, porque o Itinerario situa Presidio, isto é Codeçoso, segundo dizemos a menos de meia legoa, do qual está Villarinho, a onze legoas de Braga, e a onze legoas de Chaves, que vem quasi a concordar com as distancias, que vamos assignando nesta estrada. E isto se confirma com dous Padrões, que refere o Doutor Barros acima citado, existião (hoje não sei se existem, ou se são os que estão em Villarinho) no Codeçoso, dos quaes um dedicado a Trajano, dizia, que d'allí a Chaves erão dez legoas e meia, e outro dedicado a Hadriano, que elle diz estava algum tanto distante do Codeçoso, dizia que dalli a Aquas Flvias, isto é, Chaves, eram dez legoas e trez quartos, as quaes calculações vão conformes com o Itinerario; e assim ou seja no Codeçoso do Arco ou no Crasto do Codeçoso, ou quando muito atraz de Villarinho dos Padrões, devemos situar a Presidio, o que se confirma como veremos que allí houve Povoação Romana, por que Fr. Bernardo de Brito, no livro V, cap. XIII da *Monarchia Lusitana*, diz que no Codeçoso se acharam muitas moedas Romanas, e tanto em Villarinho como no Crasto do Codeçoso se vêm ruinas de Povoação antiga, especialmente no Crasto se vêm vestigios de trincheiras, e estrada encoberta, até chegar a um rio, e parece era para levarem a beber os cavalloos da fortificação, que estava no monte; e o nome Presidio se conforma muito com o de Crasto, e Fortaleza, as quaes circumstancias todas

junctas quasi nos seguram que no espaço que vay de Villarinho até Crasto de Codeçoso, estava a Povoação, que Antonino nomêa Presidio.»

952. «Contra este discurso parece obstar hum Padrão, que no Cap. antecedente dissemos estava á vista do rio Canhuma, junto ao lugar de Boticas de Ruyvães, o qual era dedicado, ou mandado pôr pelo Emperador Trajano, e n'elle se dizia que dalli a Aquas Flvias, isto é, Chaves, erão dez legoas e trez quartos, e sendo isto tão distante do Codeçoso do Arco e a pouco mais de seis legoas de Braga, já se vê que todo o nosso systema desta estrada vay errado, e se deve presumir que os Padrões que refere Barros, são este e outro algum por alli perto.»

953. «Respondo, que este Padrão ou he, ou não he o que traz Barros: se é devemos entender, que foi mudado de a par do Codeçoso, onde estava, segundo o Author sobredito refere, e consequentemente não faz nada contra a descripção acima; se não é o mesmo, como na realidade não he, porque o de Barros era dedicado a Hadriano, e outro semelhante, que traz dedicado a Trajano, não só tem diversa distancia, mas tem diversa inscripção, como adiante veremos, o que se segue é huma de duas, ou que a distancia no Padrão está errada, ou que Trajano reformaria por alguma razão a estrada antiquissima. E a não ser isto assim, era preciso dizermos, que o Itinerario de Antonino errava inteiramente todos os calculos de Braga a Chaves, o que não é crível. Demais, que os padrões, que diz Barros existião no Codeçoso, porque reguley a estrada acima, faz menção delles Fr. Bernardo de Brito acima citado, e uma lista particular dos Cypos de Chaves, e seo termo, que me deo João de Moraes e Castro, das principaes pessoas daquella terra, e convem em tudo com o que refere o Dr. Barros, pelo que não ha motivo de duvidar delles. O Padrão que no capitulo antecedente dissemos existia no Lugar de Sanguhedo, freguezia de Codeçoso do Arco, e era dedicado a Claudio, ou mandado pôr no seu tempo, e diz que dalli a Braga são quasi nove legoas, não se oppõe muito, á conta que levamos, se bem entendo

era da estrada primitiva, em razão de apontar a distancia a respeito de Braga, e tambem me parece que a estrada do tempo de Vespasiano em muita parte era a mesma que a primitiva.»

954. «Do Codeçoso do Arco, como dissemos, ia a Via Militar Romana rodeando o monte, a que chamão Castro do Codeçoso, e pegada á margem de hum rio, corria até ao lugar onde chamão Porto-de Carros, e disem tinha alli ponte de trez olhaes, que levou ha annos o Ragabão, e ainda existem vestigios d'ella, e da sobredita ponte proseguia a estrada até ao lugar, chamado Lama do Carvalhal, a uma legoa de Codeçoso; de Lama do Carvalhal proseguia por fóra do lugar a que chamão Curraes, e por Subilla, onde dizem faz outra legoa, daqui continuava ao sitio a que chamão Brêa, depois ao da Pedreira, e logo por debaixo do lugar de Ladrugaes, chegava ao sitio a que chamão Gêa, e dalli a Cumbella, depois ao Pizão de Ocade e á Cruz de Leiranco que fica a pouco mais de uma legoa de Subilla. Da Cruz de Leiranco discorria por espaço de outra legoa até ao Lugar de Penedono, e Travassos da Chã; deste ultimo proseguia até S. Vicente da Chã, e logo a Peireses, donde continuada, ia findar a outra legoa em Codeçoso da Chã, pouco mais ou menos. Do Codeçoso da Chã passava á Portella de Orseira, e dalli a um lugar antigo, chamado os Cazaes, até chegar a um sitio onde hoje chamão a Ciada, a legoa e meia de S. Vicente da Chã, e a seis legoas e meia de Codeçoso, e neste sitio chamado a Ciada estava a grande cidade de Caladuno, que Antonino situa a seis legoas e mêm de Presidio.»

955. «Prova-se com certeza esta calculação e descripção. Primeiramente é certo que por onde temos dito passava a estrada romana, como se vê dos muitos Padrões, ou com letras, ou sem ellas, que alli existem, como é o que está em Lama do Carvalhal, o dos Curraes e o da Cruz de Leiranco. Em segundo lugar a distancia, que Antonino calcula de Presidio a Caladuno, são seis *legoas e meia*, e estas mesmas são a Codeçoso do Arco, que dissemos ser Presidio, a Ciada, que diremos ser Caladuno. Da mesma sorte

Antonino de Caladuno a Aquas Flavias, conta quatro legoas e meia, e isto he, o que de Ciada vay até Chaves, segundo logo diremos. Accrescenta-se a isto que no Codeçoso se vê ainda um pedaço de estrada, que faz gyro para a parte, que dissemos; e sobretudo no sitio da Ciada se vêm manifestos vestigios de Povoação Romana, assaz grande, e de edificios notaveis, como dissemos acima, no capitulo vinte e hum do livro antecedente. E o nome Ciada a meu ver é corrupção do nome Cidade, ou Cividade, que os rusticos dão ás ruinas notaveis de Cidades Romanas, ou antigas. O que tudo juncto nos declara, com bastante segurança, que naquellas ruinas existia a Cidade de Caladuno.»

956. «Eu bem sei que, alguns Codices do Itinerario de Antonino dizem que de Presidio a Caladuno só são quatro legoas, o que a meu ver se deve reputar menos certo.»

957. «Da Ciada corria a Via Militar a hum lugar chamado a Solveira, e depois por Soutelinho passava ao lugar de Castelãos, e d'alli, indo por fóra do sitio chamado Seaara Velha entrava no da Pastoria a trez legoas e meia da Ciada; da Pastoria proseguia por fora de Valdantas, passava ao lugar das Cazas dos Montes, e dalli entrava em Aquas Flavias, que é Chaves, distante uma legoa da Pastoria e quatro e meia da Ciada, e d'esta sorte vinha a fazer em Chaves as vinte e duas legoas e meia, que demarca o Itinerario de Antonino.»

959. «Descripta assim a estrada se vê que a maior parte desta, vinha proxima de montanhas, mas por boas planicies, fazendo alguns rodeyos, e fugindo dos maus passos, que tem a que hoje é versada de Braga a Chaves, com a qual se topava, e encorporava em algumas partes.»

960. «Mas para que se comprehenda melhor a sobredita Via Militar, regularrei aqui summariamente a opinião de uma pessoa intelligente, que por ordem, e á custa do Illustrissimo Bispo de Uranopolis, observou com cuidado a sobredita estrada. Diz elle, que os

Romanos usarão de duas estradas de Braga a Chaves, e as descreve na forma seguinte. (1)

VII

O que me levou a estudar esta porção do Itinerario, isto é, a parte comprehendida entre Braga e Chaves foram os erros que encontrei n'elle entre a Poeblla de Sanabria e Astorga e entre Braga e Salamonde, que dizem ser a Salacia do Itinerario, erros que iam affectar as partidas e por isso as sommas dadas no Itinerario. Estas differenças iam reflectir no meu estudo, e d'ahi surgiriam duvidas até sobre a parte que eu julgasse mais perfeita do meu trabalho: diriam, por exemplo que não havendo harmonia no todo, em alguma das partes haveria falha.

Tendo reconhecido praticamente que se pôde ter plena confiança na Carta de Folque resolvi estudar sobre esta Carta a porção da via romana comprehendida entre Braga e Chaves, servindo-me dos trabalhos de Argote e dos de P.^e Mattos Ferreira, tendo porem sempre em vista os dados fornecidos pelo Itinerario. P.^e Mattos é um auxiliar que merece certa confiança, mas não digo o mesmo a respeito de Argote.

O fragmento do Itinerario de Antonino, que me enviou Martins Sarmiento com os respectivos variantes, diz que de Braga a Chaves, isto é de Bracara a Aquas são vinte legoas; ha, porem que accrescentar a legoa que o Itinerario dá a menos de Bracara a Salacia ou Salamonde. Deve pois dizer-se—de Braga a Salacia XXIV m. passos, visto serem seis legoas de Braga a Salamonde, que é considerada como a Salacia do Itinerario. P.^e Mattos conta cinco, mas a legoa de que elle se servio é um pouco maior do que

(1) Vide Trabalho de P.^e Mattos, estrada de Vespasiano.

a legoa metrica, e por isso devem contar-se seis segundo a medida que empregou; talvez medisse a curva que forma a estrada de Braga para Salamonde. O que não se pode contestar é que de Braga a Salamonde são seis legoas em linha recta: é por isso certo que de Braga a Salamonde são seis legoas: nem mais, nem menos.

Não ha outro erro no Itinerario entre Braga e Chaves: são pois de Braga a Salamonde seis legoas, de Salamonde a Presidio seis e meia, de Presidio a Caladuno quatro, a Chaves quatro e meia. — Vinte e uma legoas de Braga a Chaves.

Argote conta seis legoas e meia de Salacia a Presidio e situa esta estação em Cadeçoso do Arco. Isto não pode ser, e é aqui que está a mexonifada. Padre Mattos conta de Salamonde a Ruivães uma legoa, a Boticas de Ruivães outra legoa, a Santa Leucadia zero, Covello do Monte, idem, Ponte do Arco um quarto, Vellarinho dos Padrões, zero, Codeçoso do Arco idem, Porto de Carros idem. — O que quer dizer que de Salamonde a Porto de Carros, que está ainda adiante de Codeçoso ou Presidio, são tres legoas, pouco mais ou menos. Padre Mattos procurou os vestigios da estrada, seguiu-os e foi notando os pontos por onde ella passava, em que povoação tocava e qual era a distancia que existia entre cada povoação.

Isto é fazer um estudo sobre o terreno, um reconhecimento sobre a estrada ou sobre pontos muito proximos d'ella. Acontece muitas vezes a abundancia de vestigios, de ruinas, dar logar a confusões, a duvidas, principalmente quando se trata de determinar a situação de uma estação.

Parece que Argote ignorava que a distancia de estação a estação tem por medida a visual que as liga; é isto o que elle devia ter em vista quando chegou a Salamonde. Ora, muitas vezes (quasi sempre) a projecção da visual sobre o terreno não coincide com os pontos por onde a estrada passa, como se vê na porção da estrada de Braga a Salamonde, na qual se vê que o que mede a distancia de Braga a Salamonde é a recta que liga estas duas povoações e não a curva que o caminhante percorre indo de Braga

para Salamonde. Acontece muitas vezes que a linha que mede a distancia entre duas estações quebra-se para mudar de direcção, como se pode vêr na linha quebrada que liga Compleutica ou Sacoias a Castro d'Avelãs—quebra em Rabal para seguir em linha recta d'esta povoação para Castro d'Avellãs. D'esta povoação segue para Vinhaes; mas quebra-se sensivelmente em Ouzilhão para tomar em linha recta para Vinhaes: é este um dos casos em que é necessario medir esta linha, porque a sua inflecção recta é bastante sensivel e é indicadora da marcha para Vinhaes. A visual dirigida de uma estação para outra tem sómente duas funcções, uma dirigente e a outra consiste em indicar o ponto visado, que é o limite da etape.

Supponhamos que a curva que descreve o viajante, indo de Braga para Salamonde, é um arco de circulo: a corda d'esse arco é a visual traçada de Braga para Salamonde. Dividindo esta corda em seis partes eguaes, e levantando por estes pontos perpendiculares que cortem a curva, esta fica dividida em seis partes eguaes; é evidente que o caminhante que percorre esta curva anda mais do que as seis legoas marcadas na directriz; ás divisões da visual correspondem as divisões do arco e vão augmentando gradualmente dos dois extremos para o centro; d'onde se conclue que quando o milliario A diz a Bracara XXIV, conta com relação á visual; quando a estrada corre parallela á visual, o caminhante vae percorrendo as distancias que o Itinerario marca, não incluindo as depressões e elevações do terreno em que marcha.

VIII

Salamonde é a Salacia do Itenerario, está situada a seis legoas metricas da cidade de Braga; é freguezia da comarca da Povia de Lanhoso, concelho de Vieira, perto da esquerda do Cavado. Os nossos antiquarios

consideram-a como a Salacia do Itinerario e creio que não pôde duvidar-se que foi a estação romana que se seguia a Braga. P.^o Mattos menciona-a, certamente por ter alli achado vertigios da estrada: situa-a entre Gavinheiros e Ruivães, a meia legoa de Gavinheiros, e a uma de Ruivães, seguindo desta para Boticas de Ruivães, Santa Leucadia, Covello do Monte, Villa do Arco, que dista trez quartos de legoa (commum) de Boticas de Ruivães. A estrada devia passar o Rabagão na Ponte do Arco, e seguir para Villarinho dos Padrões e Codeçoso do Arco. Devia repassar o Rabagão entre Codeçoso e a V.^a da Ponte; talvez em Pondras.

Vamos, porém, a Chaves. Padre Mattos Ferreira diz que a estrada de Augusto passava, partindo de Chaves, pelas seguintes povoações—Chaves, Cazas dos Montes, Ribeira de Curalha, Cazas Novas, Sapiães, Granja, Boticas de Barroso, Quintas, Carvalhedeo, etc. Alem disto a estrada devia passar necessariamente por Alturas (povoação); e leve-se tambem em conta que de Chaves a Boticas de Barroso são trez legoas e meia. Para acharmos a situação de Presidio devemos procurar um ponto que diste seis legoas e meia de Salamonde e uma de Boticas de Barroso. Este ponto é o que indica a povoação de Cadeçoso de Canedo, e leva-nos naturalmente para Salamonde por Bessa e Aluras e para os pontos do Rabagão acima mencionados. Era esta a estrada velha ou de Augusto. Tinha dezesete legoas e meia de extensão—setenta mil passos. (1)

A estrada de Augusto tinha alguns pontos communs com a de Vespasiano, uns no Rabagão, e um delles devia ser necessariamente Codeçoso de Canedo, ou Presidio. Tracemos duas rectas, uma de Codeçoso de Canedo para S. Vicente da Chã e outra deste ponto para Curriço—a uma milha antes de chegarmos a Curriço existio a cidade de Caladuno. A etape tem quatro legoas: e a seguinte é de quatro e meia;

(1) Sobria lo te Codeçoso de Canedo para Alturas, a passagem do rio Bessa devia effectuar-se no ponto marcado por um asterisco, defronte de Bessa.

isto é, leva-nos a Chaves que dista quatro legoas e meia de Caladuno. A etape de Presidio a Caladuno, tem duas directrises, uma de Presidio a S. Vicente da Chã outra de S. Vicente ao ponto que designei anterior a Curriço; a etape de Curriço a Chaves tem tambem duas directrises, uma do ponto que designei, e proximo de Curriço, ao Arco, e a segunda deste ponto a Chaves. E' de notar que de Chaves a Presidio, indo pela estrada de Augusto, são quatro legoas e meia, e quatro e meia são de Chaves ao ponto que designei nas proximidades de Codeçoso de Canedo. Ainda mais, a parte comprehendida entre Chaves e Codeçoso de Canedo é symetrica com a que vae de Curriço a Chaves. A symetria continua: Salamonde é o vertice de um triangulo isosceles cuja base é a linha que liga Caladuno com Presidio ou Codeçoso de Canedo e cujos lados iguaes são formados, um pela directriz traçada de Salamonde a Codeçoso de Canedo e outro pela linha traçada de Salamonde para Caladuno.

Argote diz que Caladuno é em Gralhas, n'um sitio chamado a Ciada, a seis legoas e meia de Codeçoso do Arco, o Presidio dos nossos archeologos. Digo em primeiro logar que Presidio é uma estação que dista seis legoas e meia de Salamonde, e Codeçoso do Arco dista trez legoas e meia de Codeçoso do Arco, como todos sabem ou podem ver.

O que me parece muito plausivel, é que houvesse uma variante de Caladuno, e diria assim — De Caladuno a Salacia XXVI; o codice não a menciona, mas isso não obsta a que ella existisse. Se assentarmos uma regoa graduada de Salamonde para o ponto que já designei proximo a Curriço, vemos que de Salamonde áquelle ponto são seis legoas e meia, e a mesma distancia ha de Salamonde a Codeçoso de Canedo que é o Presidio do Itinetario. Este conjuncto de concordancias não pode ser obra do acaso: logo implica uma idéa de ordem — a ligação de Caladuno com Codeçoso do Arco. Este troço de estrada ligava Chaves com Braga; tinha pontos communs com a de Augusto e com a de Vespasiano e conduzia de Chaves a Braga pelos pontos seguintes: Chaves, Arco, Curriço, ou Caladuno, S. Vicente da Chã, Ponte do Arco, Co-

deçoso do Arco, Villarinho dos Padrões, Villa do Arco, Ruivães, Salamonde, Braga. Tinha de extensão dezeseite legoas e meia.

Não era, porém esta a estrada de que trata o Itinerario, tinha esta a mais as quatro legoas que vão das proximidades de Curriço a Codeçoso de Canedo, a base do triangulo isosceles que já indiquei, e tinha portanto vinte e uma legoas de extensão, levando já em conta a legoa que havia a menos na etape de Braga a Salamonde.

Da estrada de Augusto ficou sómente a porção comprehendida entre Codeçoso de Canedo e Braga, ficando abandonada a parte comprehendida entre Chaves e Codeçoso de Canedo. Deste ponto sobia pelo rio Bessa e dirigia-se por Alturas para o Rabagão, passando este rio talvez em Pondras ou Villa da Ponte, confundindo-se assim com a da variante de Caladuno.

Em summa, a estrada de Augusto dirigia-se de Braga para Chaves por Salamonde, Ruivães, Villa do Arco, Villarinho dos Padrões, Codeçoso do Arco, Pondras, e talvez Villa da Ponte, Alturas, Codeçoso de Canedo, Boticas de Barroso, Sapiães, Ribeira de Curalha, Chaves. A de Vespasiano ou do codice seguia para Braga por Valdantas, Arco, Curriço, S. Vicente da Chã, Codeçoso de Canedo, Alturas, V.^a da Ponte ou Pondras, Codeçoso do Arco, Villarinho dos Padrões, V.^a do Arco, Ruivães, Salamonde, Braga. A variante confundia-se com estas desde Caladuno a S. Vicente, V.^a da Ponte, Pondras, Codeçoso do Arco, Villarinho dos Padrões, V.^a do Arco, etc.

Já mencionei a inscripção do padrão de Tiberio, e disse que correspondia á quinta legoa da primeira etape da estrada de Braga. Argote diz que existia no logar de Villarinho dos Padrões e que marcava XX; vem no tomo segundo, na pagina 601; no mesmo tomo vem as inscripções de outros milliaros.

O padrão de Claudio diz:

CLAUDIUSCAESAR
AUG.GERMANICUS
PONT.MAX.IMP
VCOSIITRIB.
POT.IIIPP.BRAC
M.P.XXXV.

984. «Consta outrosim que a sobredita estrada foy reedificada pelo Emperador Trajano, segundo se colhe de um Padrão, que existe na estrada que vay de Chaves para Braga, adiante do lugar das Boticas, á vista do rio Canhuã, o qual Padrão, segundo a relação remetida á Academia Real pelo Illustrissimo Bispo de Uranopolis, tem a seguinte inscripção»:

ÍMPCAESTRAIANUS
AUG.P.M.TR.POE.XXRE
FECITAQUISFLAUIS
M.P.XLIII

Estes dois milliarios e o de Tiberio vem no segundo tomo das *Memorias de Argote*, pagina 601 e seguintes. O de Claudio dá oito legoas e trez quartos contando de Braga; deve ser o de Codeçoso do Arco, pois que a ordenada indica Pondras. O de Trajano conta de Chaves. Se pertencia á estrada a que se refere o Itinerario. o seu logar era nas proximidades de Alturas: se pertencia á estrada da variante de Caladuno, era o seu logar entre Campo e Ruivães; é o que me parece mais provavel. Quanto ao de Tiberio, já disse que pertencia á etape de Braga a Salamonde, isto é, marcava a quinta legoa a contar de Braga, por isso foi transportado do logar em que antes esteve, para Villarinho dos Padrões.

986. «Tambem no anno de cento e trez ou cento e quatro, no Imperio do mesmo Trajano, se reformou a estrada, a meu ver desde Braga a Codeçoso do Arco, porque o doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, faz menção de dous Padrões, que existião nesta estrada, e ambos declaravão serem levantados, tendo Trajano a setima vez o poder Tribunicio, e vem a ser desde outubro de cento e trez, aliás de cento e quatro. Donde tambem parece se colhe que a reformação começou de Cha-

ves para Braga. O primeiro Padrão estava na Pastoria, e a uma legoa de Chaves, e tinha estas letras:

IMP.CÆSAR
DIVINERVAE
F.AUG.GERM.MAX
TRIB.POT.VIIIMP.IV
AQUIS. FLAVIS
M.P.IV

E' o da Pastoria, ponto que dista uma legoa de Chaves.

Outro Padrão estava em Codeçoso, a seis legoas de Chaves? Isto não póde ser, porque de Chaves a Codeçoso do Arco são quasi oito legoas em linha recta. A designação numerica dá XLII, porisso é o que precede Alturas.

IMP.CÆSDIVI
NERVÆFNÆERVÆ
TRAIANO.AUG.GER.
DACICO.POT.MAXI
TRIB.POT.VIIIMPIV
AQUISFLAVIS.M.PXLII

988. «Tambem consta que esta mesma estrada foy reedificada no tempo do Emperador Adriano, segundo consta de um Padrão que existio no cemiterio do hospital real de Chaves no tempo do doutor João de Barros, o qual já existia naquella praça, e estava detraz de um poço, segundo elle refere nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, no capitulo em que trata da cidade de Braga e das suas antiguidades e seu termo, o qual Padrão tem a seguinte inscripção, segundo a relação exacta, que veio da Academia Real:

IMP.CAES.TRAIANUS
ADRIANUS.AUG.
P.M.F.POT.XXREFE
CII.AQUISFLAVIS
M.P.II

O milliaro de Claudio conta de Braga, indica Codeçoso do Arco.

O de Trajano conta de Chaves: a ordenada indica Alturas ou Villarinho dos Padrões. O que o precede é claro que é o companheiro do de Trajano: devem pertencer a Villarinho dos Padrões.

Não se pôde duvidar que Aquas Flavias, existio onde hoje vemos a Villa de Chaves. Resumiremos o que diz Argote a respeito da situação, ruínas e monumentos desta cidade notavel, nas suas Memorias para a Historia Ecclesiastica de Braga, e porque esta obra é assáz volumosa, e rara, convem extractar d'ella o que este auctor diz a respeito da moderna Villa de Chaves que é ainda actualmente a povoação mais importante da provincia de Traz-os-Montes.

IX

«Aquas Flavias Julias era uma cidade notabilissima que estava situada onde hoje vemos a Villa de Chaves, na provincia de Traz-os-Montes, como consta de muitas Inscriptões, que alli existem actualmente, que logo relataremos. O nome de Aquas, parece o tomou em razão dos banhos, que alli havia; o titulo de Flavias, parece se lhe deo em obsequio ao Emperador Flavio Vespasiano, a quem se dedicou alli uma notavel Inscriptão, de que depois trataremos em Dissertação particular. O nome de Julias se não acha gravado nas Inscriptões, que existem em Portugal, mas acha-o em uma que refere Sertorio Ursato, de que logo fallarey. Este titulo não me parece o tomou em obsequio de Julio Cezar, mas de algum outro Emperador, como Philippe, que se chamava Marco Julio, segundo refere Ursato *De Notis Romanorum*, na palavra Imperator, ou de Sexto Julio Saturnino, que tambem foi acclamado Emperador no tempo de Gallieno. Que não tomasse este titulo em obsequio de Julio Cezar, se prova, porque não consta, que Cezar chegasse alli com a sua conquista, e ainda mais, porque nesse caso não havia de chamar-se

Aguas Flavias Julias, mas Aquas Julias Flavias, porque Julio Cezar foi muito antes de Flavio Vespasiano, de quem tomou o nome de Flavias »

451. «Quem foi o fundador d'esta cidade se ignora. Suspeita-se que foi o Emperador Vespasiano, e que por isso tomou o nome de Flavias. Porem este fundamento he frouxo, pois vemos naquellas visinhanças, e em toda a provincia de Galliza, muitas cidades com este titulo, como são Iria Flavia, Flavio Bergido, Interamnio Flavio, Flavio Brigancio, e não é possível se edificassem todas por Vespasiano, antes de Flavio Brigancio consta existia já no tempo de Julio Cezar, e de Augusto; com o que o motivo de estas cidades e outras da Galliza se denominarem Flavias, entendendo foi ter alli arribado Vespasiano, ou ao menos, ter visitado aquella Provincia, quando houve tempestade o obrigou a tomar a costa de Hespanha, segundo refere Plinio, no livro terceiro, cap. terceiro.»

454. «O que me parece he, que Aquas Flavias foi fundação de Vespasiano, ao menos naquelle tempo começou a ser povoação nobre, e estimada; o que provo desta sorte. As Vias militares costumavam medir as distancias, começando-as de cidades principaes, como eram Chancellarias, Municipios, Colonias; ora até ao tempo de Vespasiano na Via militar, que, corria entre Braga, e o sitio de Aquas Flavias as distancias se contavão começando de Braga, como consta dos padrões, que alli existem do tempo de Augusto, Tiberio, e Claudio; porém do tempo de Vespasiano em diante contão-se, começando de Aquas Flavias, como se vê dos padrões que existem do Emperador Trajano, e Adriano, posteriores a Vespasiano; logo parece certo, que este Emperador foi o que enobreceu, ou fundou esta cidade.»

455. «Dos Geografos e Emperadores Romanos se não póde extrahir noticia alguma a respeito de Aquas Flavias, nem dos Gregos, porque foi tão desgraçada com huns, e outros, que nenhum se lembrou della, sendo uma das primeiras povoações de Hespanha, como logo veremos. Só o Emperador Antonino, no seu Itinerario faz menção della, no primeiro caminho de Braga a Astorga, mas de tal sorte, que ficou

incognito o seu nome. Chamou-lhe Aquas, sem declarar o titulo de Flavias; e como naquella Provincia havia muitas cidades que tinham o nome de Aquas, como erão Aquae Querquerquernae, Aquae Calidae, Aquae Celeniae, e outras muitas, ficou para os vindouros incognita, e confusa a Povoação de que alli tratava Antonino; e para o sabermos, foi necessario com trabalho, e estudo regularmos aquella Via militar, que descrevia alli o Emperador, como adiante se verá. Porem isto mesmo mostra a grandeza, e nobreza de Aquas Flavias, pois daqui se conhece que naquelle tempo vencia todas as de mais cidades chamadas Aquas, e que quando se nomeava a cidade de Aquas, se entendia por authonomasia Aquas Flavias, ao menos em Hespanha, assim como actualmente quando dizemos o Porto, ou Evora, sem outro titulo, se entende a cidade do Porto em entre Douro e Minho, ou a de Evora no Alemtejo, porque ainda que haja outras Povoações deste nome, não são tão illustres, ao menos em Portugal. Idacio que floresceu no quarto seculo no tempo em que já os Barbaros tinham entrado e ainda dominavam tambem os Romanos, he o unico Author antigo, e Romano em que se acha o nome de Aquas Flavias, no Chronicon, na Olympiada trezentos e dez. Santo Isidoro na Historia dos Suevos chama-lhe Civitas Flaviensis, de sorte, que no tempo dos Godos, em que o Santo floresceu, parece que era conhecida pelo titulo de Flavia, e que assim era chamada por authonomasia, em rasão de haver outras muitas cidades, que se intitulavam Flavias, na mesma Provincia de Galliza. Sebastiano, Bispo Salmanticense, que escreveu no tempo dos Arabes, lhe chamava tambem Flavias. Ultimamente João de Mena, citado por Henao nas suas averiguações das Antiguidades de Cantabrica, lhe chamava Flavia na seguinte copla:

Tabila olvidado será en aquella hora,
y los claros hechos de Alónso primero;
Aqual que a Segobia gano guerrero
Braga, la Flavia Ledesma, y Zamora.

Onde é de advertir, que la Flavia não é titulo que o poeta dêsse a Braga, como cuidou o Doutor Barros nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, no cap. treze, mas he Chaves, que foi conquistada por El-Rei D. Affonso I.

459. «Foi Aquas Flavias Colonia dos Romanos, como se prova evidentemente de uma Inscricção, referida por Grutero, pag. 23, a qual existia em um cippo fóra dos muros da cidade de Clausemburg, em Transsilvania, e dizia assim:

I O M
V. VI COR
PRO SALUTE SUA ET SUORUM
IUL.AUR.DECORAT.DEC.COL
AQ.FLA.IUL.AEDH.ET.
M.AUR.FILIORUM S.DEC
COLAQ QUES
V. S. L. M.
PERPETUO ET CORIOLANO
COS.
VIII IDUS IUNIA

Quer dizer: Aos seis de junho, sendo Consules Perpetuo e Coriolano, Julio Aurelio Decorato Decurião da Colonia e Almotacel da Colonia de Aquas Flavias Julia, e Marco Aurelio Decurião da Colonia de Aix, com animo agradecido, por voto, que tinham feito pela sua saude, e de seus filhos, dedicarão esta Memoria a Jupiter Optimo Maximo, vencedor, vingador e coruscante. D'esta inscripção, pois, fica manifesto, não só ser Chaves Colonia no tempo dos Romanos, mas outrosim, que já o era no anno duzentos e trinta e sete, porque no tal foram Consules Perpetuo e Corneliano, e tambem já então tinha o appellido de Julio.

457. «Visto que Aquas Flavias foi Colonia, segue-se darmos noticia do tempo em que teve esta dignidade, ou honra. Eu entendo, que desde a sua fun-

dação, e que foi feita Colonia totalmente de novo e fundada pelos Romanos em tempo do Imperador Vespasiano; e a razão que tenho, é a mesma que acima dei para dizer que fôra fundação deste Imperador, e outrosim a notavel Inscriptão que alli existe dedicada a este Imperador, de que depois se tratará. Nem obsta o silencio de Plinio, que esteve em Hespanha, e viveo neste tempo, por que este mesmo silencio guardou Ptolomeo, Estefano, e outros, que florescerão depois de Plinio, a tempo, que Aquas Flavias estava certamente fundada, e ennobrecida. De mais, que Plinio gastou muitos annos naquella obra, e poderá ser, que quando escreveu a Geografia da Hespanha, ainda não estivesse fundada esta Colonia.»

458. «O sitio preciso onde estivesse esta cidade assentada, por onde corrião as seos muros e a sua circumferencia, não é facil de averiguar, porque dentro da Villa de Chaves, e fora se achão tantos vestigios de Povoação Romana, que causão confuzão, segundo a exacta, e bem escripta Relação que mandou a Academia Real Thomé de Tavora e Abreu, secretario do Exercito de Traz-os-Montes é natural da mesma Villa; os moradores têm por tradição, que a Cidade Romana corria pelas margens do Rio Tamega acima espaço de uma legoa; eu não duvido que a Cidade por alli se estendesse, mas que de muros a dentro occupasse tanto terreno, não é possivel, porque como diversas vezes temos observado, os Romanos fazião cercas, ou muralhas de pequeno circuito ainda nas mesmas Chancellarias, e Metropolis. Porem não se pode duvidar que em todos os arredores de Chaves, a distancia de uma legoa, e legoa e meia se topão por toda a parte vestigios de edificios Romanos, sinal de que tudo estava povoado, ou fosse como suburbios, ou como Aldeas, e casas de campo.»

459. «Segue-se darmos noticia dos edificios; e é certo havia de ter Aquas Flavias, Rocio, Curia, Erario, Theatro, e os mais que tinhão Colonias Romanas, porem de nenhum ficou memoria, só do Erario a acho n'uma Inscriptão, que vem na lista que me deo João de Moraes e Castro, a qual estava n'uma,

que existia no sitio chamado a Petisqueira, e dizia assim:

PICTELANCIA. PICTELANCI
FILIA AN XXXXH SE.
CEMELUS. F. CURAERAR.
FRATER. MODESTUS.
P.

460. «Ha tambem vestigios dos banhos, os quaes ficavão em sitio, que hoje está dentro da Villa, porque entre as casas da rua da Cadeia, que olhão para o Forte do Rosario e o Convento das Religiosas da Conceição, passava um grande aqueducto, por onde corrião as agoas de poente a nascente, no qual vinhão entestar muitos outros aqueductos menores, e no fim estava um tanque de tijollos de argamaça de quarenta palmos em quadro, tudo muito perfeito, e os tijollos de tal grandeza que passavão de ter dous palmos em quadro. Tambem na cortina do Forte de Rosario até ao meio do baluarte de Santo Antonio estava um tanque de sessenta palmos de comprido, fabricado de cantaria lavrada de uma e outra parte á escoda com sua escada e seis degraos, ao qual tanque vinha agoa morna, o que tudo se descobrio na fabrica de diversas obras modernas, e mostra evidentemente, que alli erão os banhos, e que estes erão magnificos. No sitio do Toural, debaixo da Capella de Santo Antonio, corria um grande aqueducto, sobre um grande lageado, obra polida, e bem fabricada.»

461. «Debaixo de umas casas do Coronel Luiz Bahia Monteiro, estava um edificio, que pelos signaes mostrava ser obra sumptuo-a. Alem d'estas ruinas se têm descoberto ha poucos annos pedras lavradas, columnas e pedestaes, cornijas, e capiteis de jaspe, e obra Corinthia, sinaes evidentes de edificios magnificos, que enobrecião a Cidade.»

462. «O edificio porém que desde aquelles tempos permanece inteiro, e sem lesão, é a ponte do Tamega, rio que passa por dentro da Villa de Chaves. A obra não é muito polida, mas é forte e bem ajustada. Os parapeitos eram guarnecidos de ameias, que lhe ser-

viam de ornato, mas certo Governador das armas lh'os mandou deitar ao rio, por sua vontade e sem razão. Tem de comprimento noventa e seis passos geometricos e trez palmos que montão seiscentos e noventa e trez palmos craveiros. De alto tem quatro passos geometricos, e dois palmos, que montão trinta e dois palmos craveiros, incluindo a altura do parapeito. De largo tem trez passos geometricos, e quatro palmos, que montão vinte e seis palmos craveiros, incluindo a grossura do parapeito, e banquetta. Tem dezeseis arcos, incluindo quatro, por onde no tempo presente não passa o rio, porque estão casas arrimadas á ponte,»

463. «Fabricou-se esta ponte no tempo do Emperador Trajano, e á custa dos moradores de Aquas Flavias, como consta de uma inscripção que actualmente existe em um padrão Romano da mesma ponte, e diz assim:

IMP.CAES.NERVA
TRAIANO.AUG.GER.
DACICO.PONT.MAX.
TRIB.POT.COS.P.P.
AQUIFLAVIENCES
PONTEM LAPIDEUM
DE SUO. F. C.

Argote, fazendo varias considerações a respeito desta inscripção, conclue que a ponte de Chaves devia ser feita, ou acabada, entre os annos de cento e dous e o de cento e vinte. Nesta ponte existe ainda hoje uma celebre inscripção que vem copiada em Argote, e a respeito da qual fez este auctor uma minuciosa dissertação com o fim de emendar alguns erros que ella contem e de assentar ácerca della algumas cousas que são falsas, ficando assim melhor estabelecido o que disser sobre este assumpto.

Este padrão diz o seguinte:

IMP. CAES. VESP. AUG. PON.
MAX. TRIB. POT. X̄ IMPXX̄ PP COS IIX
IMP VESP PAES AUG F PONTRIB
POT VIII IMP XIII COS VI

.
.
.

C CALPETANO RANCIO QUIRINALI
VAL FESTO LEG AUG PR PR
D CORNELIO MAECIANO LEG AUG
(¹) TARUNIO MAXIMO PROCAUG
LEGVII GEM. FEL.
CIVITATE S.X̄

AQUI FLAVIENSES. AVOBRIGENSES
BIBALI COELERINI E. QUAE SI
INTERAMNICI LIM CI AEBISOC
QUARQUERNI TAMXGANI

499. «O primeiro escriptor, que eu saiba, que copiou esta Inscrição, foi Vaseo, no seo Chronicon cento e seis. Seguio-se depois Morales e todos os mais que tratarão das antiguidades de Hespanha, porem nenhum a copiou com os erros que tem, mas copiarão como entenderão se devia emendar, de que procedeo que em parte acertarão e em parte se enganarão, o que succede commummente a todos os criticos.» (²)

500. «Os erros, pois, que contem esta inscrição na forma em que actualmente existe, são os seguintes. Na segunda regra, nas ultimas letras, onde tem COS PX, deve emendar-se desta sorte COS IIX, como depois mostraremos. Vaseo Morales e os demais emen-

(¹) Lucio ou Tito.

(²) A inscrição supra diz com pequena differença o que diz Argote.

darão ou copiarão COS IX, mas não pode ser, segundo veremos.

501. «O segundo erro, que contem a Inscripção, he, que em diversos lugares onde ha-de ter a letra G tem a letra C, como se deixa vêr na palavra LEC, devendo escrever LEG, *Legatus*; da mesma sorte na palavra *Augustus*, e *Legio*.»

502. «O terceiro erro é no nome Cornicio, que deve emendar-se, e dizer Cornelio, quarto erro é no nome IARUNTIO, que deve emendar-se e ler-se TLARUNTIO, Tito Aruntio ou L.ARUNTIO, Lucio Aruntio. O quinto erro é no nome Flaviences, que deve ler-se Flavienses. O sexto erro é no nome BSALI, que deve ler-se VIBALI. O setimo erro no nome COELERN, que deve ler-se COELERINI, *Caelerini*; a razão é, porque de Plinio e de Pelotomeo, consta que por alli perto vivião os Povos Vibalos e Colerinos, e não nos consta que houvesse povos Bsalos, nem Celernos. Morales, Brito e outros, quando copiarão esta inscripção na terceira regra copião assim: IMP.TI. VESP. etc. que vem a dizer Imperatori Tito Vespasiani, etc. porem copiarão erradamente, porque a Inscripção não tem o nome de Tito, como se vê da copia acima, que veio á Academia Real, e Vaseo tambem não copiou o nome de Tito.»

503. «Emendada assim a Inscripção, antes de a interpretarmos, e traduzirmos, resta averiguarmos o que significa a letra F, que se acha na terceira regra, por que pode dizer *Filio*, e então mostra que trata do Emperador Tito, e faz este sentido: *Imperatorios Vespasiani Caesaris, Augusti filio*. Ou pode dizer *Felici*, então mostra, que trata do Emperador Vespasiano, e faz este sentido: *Imperatori Vespasiano Caesaris Augusto Felici*.»

504. «Se dissermos que a letra F significa *Filio*, e que a inscripção alli trata de Tito, tem isto contra si, que ella diz que Vespasiano tinha a decima vez o poder Tribunicio, e que era Consul nove vezes; e tratando de Tito, diz que tinha a oitava vez o poder Tribunicio, e era a sexta vez Consul, o que implica ser tudo ao mesmo tempo em que se gravou a inscripção, porque Vespasiano entrou a ter o decimo poder Tri-

bunício, em julho do anno sessenta e oito, e o Consulado nono em janeiro de setenta e nove; e Tito começou o seu oitavo poder Tribunício em março de setenta e oito, e o setimo Consulado em janeiro de setenta e nove, como se pode ver em Paggi, na critica de Baronio, por estes annos; e assim não póde concordar o Consulado nono de Vespasiano com o sexto de Tito. Se dissermos que a letra F significa *Felici*, e que não trata de Tito, mas que trata do mesmo Emperador Vespasiano, e que aquillo são diversas inscripções, que n'aquelle padrão se gravaram em diversos tempos, ao sobredito Emperador, como parece quiz o Doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*; tem contra si que lhe dá só o titulo de Pontifice simplesmente sem o epitheto de Maximo, e tem contra si a imporporção de estar a Inscripção posterior em primeiro lugar, e em cima, e a anterior em segundo logar, e em baixo.»

505. «Suppostas estas implicancias, digo que a letra F naquella terceira regra quer dizer *Filio*, e que a Inscripção allí trata do Emperador Tito, o que se vê de lhe não dar o trato de Pontifici Maximo, mas só o de Pontifice, porque este se dava aos Collegas do Imperio, como era Tito, e o de Pontifice Maximo só se dava ao Emperador, e Augusto, o que Tito ainda em vida de seu pae não era, como veremos quando trattarmos do tempo em que se concertarão as vias romanas, que sahião de Braga. E se vê tambem das duas linhas ou regras que estão picadas no padrão, que mostrão estava allí a memoria de Domiciano, irmão de Tito, como depois diremos; e consequentemente mostrão que a inscripção foi posta não só a Vespasiano, mas outrosim a seos filhos Tito e Domiciano.»

506. «E quanto á implicancia de o nosso Consulado de Vespasiano não convir no tempo com o sexto de Tito responderemos que houve erro no gravar das letras e que o official em lugar de IIX, que significa o oitavo, poz PX que não significa nada, porque o P na conta romana não tem lugar; e emendada a inscripção nesta forma, tudo fica concordado. O que se prova nesta forma. Vespasiano foi aclamado Emperador e começou a primeira vez a ter o poder

Tribunicio em julho de sessenta e nove com o que veio a ter o decimo poder Tribunicio no mesmo mez de setenta e oito, e no anno de setenta e nove, em janeiro, começou o seo nono Consulado, e Tito começou a gosar a primeira vez do poder Tribunicio em março de setenta e um, com o que veio a começar a oitava vez o seu poder Tribunicio em março de setenta e oito e começou seo setimo Consulado em janeiro de setenta e nove. De sorte que desde julho de setenta e oito até janeiro de setenta e nove estava Vespasiano no seo decimo poder Tribunicio, e tinha sido oito vezes Consul; e nesse mesmo tempo estava Tito no seu oitavo poder Tribunicio, e tinha sido seis vezes Consul, o que tudo se pôde ver em Paggi, na critica a Baronio, no anno setenta, e setenta e um, e nesta forma fica concordado o tempo do poder Tribunicio e Consulados de Tito com os de Vespasiano. Pelo que vimos a concluir, não só que assim se deve regular a Inscripção, mas tambem a saber que foi gravada de julho de setenta e oito, até janeiro de setenta e nove.»

507. «Regulada assim a inscripção entendo que se deve ler desta sorte: A Legião decima septima feliz, e dez cidades, a saber os Aquaeflavienses, Bibalos Coelerinos, Equisilicos, Interamnicos, Limicos, Ebisocences, Quaruenos, e Tamaganos, dedicarão esta memoria ao Emperador Cezar Vespasiano Augusto, Pontifice maximo, tendo a decima vez o poder Tribunicio, sendo aclamado Emperador vinte vezes, e tendo sido Consul oito; e ao filho do Emperador Vespasiano Cezar Augusto, sendo o tal seu filho Pontifice, e tendo o poder Tribunicio oito vezes, e sendo aclamado Emperador quatorze vezes e tendo sido Consul seis::: sendo Legados de Augusto e Propretores Cayo Calpetam, Rancio Quirinal, e Valerio Festo, e sendo Legado de Augusto Cornelio Meciano e Proconsul de Augusto Tito Aruncio Maximo. As duas regras picadas se entende continhão a dedicação a Domiciano, filho tambem de Vespasiano, e que se lhe picarão as letras quando depois por ordem do Senado Romano, se mandou que o nome de Domiciano fosse riscado das obras publicas, segundo refere Suetonio na sua vida.»

No capitulo 4.º e seguinte apresenta Argote uma

lista de inscrições, umas referentes a imperadores, outras aos Deuses e a familias que residiram em Aquas Flavias.

X

Quando ha cinco ou seis annos pensei em effectuar o traçado da estrada de Braga a Astorga, pareceu-me que a parte comprehendida entre Braga e Chaves estava mal estudada, assim como a da Poeblla de Senabria a Astorga; mas vi que esta se podia regular facilmente e sem dar lugar a contestações, e asentei tambem em effectuar o traçado sem recorrer a variantes do Itinerario, servindo-me sómente d'ellas como contra-prova.

Vou, pois, de Chaves para Val-de-Telhas com as cinco legoas que marca o Itinerario, e vou por esse caminho com Argote e Silvello, e com a tradicção. Seguindo de Chaves para Mirandella não se encontra um padrão, e de Chaves a Val-de-Telhas encontram-se cinco, o primeiro em S. Lourenço, a pouco mais de uma legoa de Chaves, tendo a inscrição apagada; o segundo em Villarandello a duas legoas de Val-de-Telhas, dous em Val-de-Telhas e outro no Pontão dos Possacos, a tres quartos de legoa a occidente de Val-de-Telhas. Os padrões de S. Lourenço e o de Villarandello estão á beira da estrada de Chaves a Val-de-Telhas, os de Val-de-Telhas estão, um no alto da povoação, outro junto á Fonte. O de Villarandello diz:

IMP. CAES. M. OPELLIO. SEVE
MAGNO. PIO. FEL. INVICTO
ET MAGNO. AUG. ET M. OPELLIO
ANTONINO. DIADUMENTANO. NO
BILIS̄. MO. CAES. PRINCIPI.
IV VENTUTIS

Indo de Villarandello para Val-de-Telhas passa-se a ribeira do Rabaçal, confluyente do Tuella, n'uma

ponte de pedra muito antiga; a povoação está a menos de um kilometro da margem esquerda da ribeira. A occidente de Val-de-Telhas, mas distante tres kilometros desta povoação estão os Possacos.

Parece que a estrada romana passava perto dos Possacos antes de ir a Val-de-Telhas; Argote diz no tomo 2.^o 636 das suas Memorias: Por baixo da Ponte de Val-de-Telhas, termo de Chaves, estão em uma vinha tres Padrões; um d'elles tem a seguinte inscripção:

M. NUAA. NUM
E. RINO NOB
CAE. AUQ.

«Quer dizer: *Esta memoria se dedicou a Marco Numa Numeriano, Nobre Cezar Augusto.* Este Numeriano foi nomeado Augusto no anno duzentos e oitenta e tres, e morto no seguinte.»

«No mesmo termo, no lugar de Noval, está o Pedestal de uma columna com esta inscripção, que não entendo... etc.»

O que eu sei é que n'uma propriedade de Francisco Xavier dos Possacos existiram dous milliairos; um existia na Ribeira outro mandou-o collocar este cavalheiro á beira da estrada de Chaves. Alem destes menciono o do Pontão, perto de Val-de-Telhas, que diz o seguinte:

IMP. CAES. CIUL
VERUS MAXIMINUS PEAUG
GERMXCAG. MXSARMX
PONMXTRPUIN PUII PP COS
PCOSFICIVIVERUS MAXUMUS
ILISSIMUS CAES GERM. DACMX
SARMX PRINCEPS IU VENTUTIS
FBNIMI GAES G. IULI VERI
MAXUMINI. PE. AUG VIAS E. PONTES
IF TEMPORIS VETUSTATE GONLB SOS
RESTITUERE CURARUNT. CUR.
Q DECIO LEG AUGG P. P.

Esta inscripção está muito incorrecta; quer dizer:

O Emperador Cayo Julio Nero Maximo, Pio, Feliz, Augusto, Germanico, Maximo, Dacico Maximo, Sarmatico Maximo, Pontifice Maximo, do poder Tribunicio a quinta vez, Emperador sete vezes Consul, Proconsul, e Cayo Julio-Verio Maximo, Nobilissimo Cezar, Germanico, Maximo, Dacico Maximo, Sarmatico Maximo, Principe dos Mancebos Romanos, Filho de nosso Senhor o Emperador Cayo Julio Veró Maximino, Pio, Feliz, Augusto, mandaram concertar as estradas e pontes arruinadas do tempo. Teve o cargo da obra Quinto-Decimo, Capitão da Legião Augusta Gemina dos Pretorianos. Argote cita mais duas inscripções que existiam nos Possacos. O Pontão dos Possacos foi levado por uma cheia no anno de 1894; parece ser romano.

Diz tambem Argote que assistia em Val-de-Telhas a familia dos Elios Placinius, o que consta de uma pedra que se achou n'umas ruinas no sitio a que chamam o Cabeço, junto de Val-de-Telhas, e que diz existia em casa de Luiz da Costa, e dizia assim:

I O M
PUBLIUS
AELIUS
PLACINIUS

Seguindo dos Possacos para Val-de-Telhas, e tendo caminhado uns duzentos metros, encontra-se um milliaro enterrado na areia; tem apenas tres ou quatro decimetros fóra da terra: está proximo do rio. Dizem que este milliaro não está no seu sitio primitivo: esteve um pouco mais acima.

Existem mais dois, e estes estão na povoação de Val-de-Telhas, isto é, entre a ribeira do Rabaçal e o Tuella; um junto á Fonte e outro no alto da povoação. A fonte é em arco romano, e parece ser romana pelo seu todo. Na esquina posterior da fonte existe um milliaro que serve de resguardo á esquina da fonte, e a fim de que o continuo roçar dos carros a não arruinem. Observam-se n'elle algumas letras; mas não

formam sentido: vêem-se apenas tres linhas, e incompletas. No final da segunda lê-se bem IR. NINO.

Um pouco adiante de Val-de-Telhas, e seguindo para o Tuella, existe um padrão cravado n'uma rocha de granito e acunhado com pedras de shisto. Tem de circumferencia 1^m,83, e de altura a contar do solo 1^m,92. Tem a frente voltada para o caminho, e lê-se n'elle sómente NST. EAVO. Deste ponto devia seguir a estrada, passando o Tuella, para Mascarenhas. Este milliario está na margem direita do Tuella, no caminho de Val-de-Telhas a Mirandella, e é de suppor que a passagem do Tuella fosse n'este ponto.

Quanto ao padrão de que estou fallando, é ainda de notar que a parte que está cravada no sólo é de secção rectangular e a parte que está acima do nivel do sólo é cylindrica, está crivada de pedradas. O milliario está acunhado na rocha de granito com pedras de schisto.

A maior parte das notas relativas a Val-de-Telhas foram-me fornecidas pelosr. padre Salles de Succães, pois não me foi possível vêr tudo o que alli existe de velharias n'um dia que estive em Val-de-Telhas. E' ainda elle que diz:—«Na povoação de Val-de-Telhas não achei resto algum de telha romana, nem me disseram que a haja. Ao sair da povoação para a ponte ha uma fonte bastante funda e em arco romano, a que chamam a fonte dos mouros, e perto desta fonte está o sitio denominado o Cabeço. Neste sitio abunda a telha romana, e ainda em maior quantidade do que na Sainça, ou no S. Pedrinho. E' realmente um cabeço pouco elevado, com enormes blocos de granito e nos quaes ha buracos redondos, quadrados, pias quadradas e redondas, feitos de qualquer coisa.

No topo do Cabeço achei restos de edificações, e em fôrma de semi circulo, e ahi encontrei tambem muitos fragmentos de louça grosseira e de varios feitos.

Na Monchicara e na Muralha ha tambem muita telha romana. A Monchicara é um cabeço sobranceiro ao rio, e n'um ponto que é vadiavel. Ahi existem restos de fortaleza e ainda uma pedra com letras.»

A recta traçada de Chaves para Val-de-Telhas não

dá rigorosamente as cinco legoas que marca o Itinerario; ha uma pequena differença interior a uma milha. Se attendermos a que a estrada devia passar pelos Possacos, e talvez tocar em Valpassos, essa differença desaparece. Sendo assim, a etape de Chaves a Val-de-Telhas tem duas directrizes, uma de Chaves aos Possacos e outra dos Possacos a Val-de-Telhas. Consta tambem que o milliario de Villarandello não está no seu logar proprio: foi permutado das proximidades de Villarandello para a estrada que vae de Valpassos para Chaves por Francisco Xavier dos Possacos.

A villa de Valpassos é a povoação mais importante da região comprehendida entre Chaves e Mirandella, e, como veremos quando tratarmos da variante b de Pinetum, a estrada passava, segundo esta variante, em Valpassos e em Mirandella, como veremos no numero seguinte.

XI

Os padrões que existem entre os Possacos e Tuella levam-nos a crêr que a estrada romana passava por esta povoação, dirigindo-se para o Tuella depois de atravessar Val-de-Telhas. Tambem não consta que houvesse ponte sobre o Tuella, e por isso a passagem d'este rio effectuar-se-ia em barcos; ha ponte sobre este rio sómente defronte da Torre de Dona Chama e em Mirandella, e, como não ha traducção que diga que a houvesse, é de crêr que tambem alli a não haveria no tempo dos romanos. Como quer que fosse, a estrada seguia de Val-de-Telhas para os feracissimos campos da freguezia de Mascarenhas. N'esta freguezia ha uma collina que domina toda esta região e a que chamam—Senhora do Vizo. Ha alli ruinas romanas, e na mesma freguezia de Mascarenhas, em Guribanes ha um templozinho que me pareceu ser romano.

Argote, Silvello e Aureliano Guerra commetteram um erro enorme, dirigindo-se de Pinetum para N. E. Diz o Itinerario que de Pinetum a Roboretum são

nove legoas, e Argote situa Roboretum em Rebor-dello, que dista trez legoas de Val-de-Telhas e não nove. Diz que a estrada dava muitas voltas, mas não diz por onde iam essas voltas. E' tambem facil de ver que por aquelle caminho breve chegava a Vinhaes, que, segundo todas as probabilidades, devia ser a Veniatia do Itinerario. Vendo isto, desistio do seu traçado; pois que o mais que disse são divagações diffusas e de nenhum proveito para a sciencia. Por estes e outros motivos não segui o douto academico; segui de Val-de-Telhas para Mascarenhas.

Em Mirandella ha ruinas muito importantes, na villa e fóra d'ella. As da villa consistem em pedaços de muros que ainda se vêm perfectamente, e a que estão encostadas algumas casas. Viterbo cita um opidum em Mirandella, no sitio a que chamam Castello Velho: não o conheço.

As outras ruinas que existem em Mirandella são romanas: principiam á entrada da villa, a Leste, entrando na villa pela estrada de Bragança. Accentuam-se em S. Sebastião, onde ha restos de sepulturas romanas; seguem pelo Mourel, e por ahi se encontra telha de rebordo, moinhos de mão e mais sepulturas. Mais acima está a Torre Velha no alto da qual ha bancos cavados na rocha, onde podem estar sentadas commodamente duas ou tres pessoas em cada um. Estas ruinas estendem-se na direcção de Sedães, Romeo, e Villares e ligar-se-hiam com a Senhora do Vizo.

O traçado da estrada de Val-de-Telhas a Rebor-dãos, que é o Roboretum do Itinerario, tem tres directrizes: a primeira de Val-de-Telhas a Mascarenhas, segunda a de Mascarenhas a Sezulfe, a terceira deste ponto a Rebordãos. A ultima directriz abrange o grupo Edroso, Pombares, Espadanedo, Soutello Rebordainhos, de onde seguia, por Sortes, para Rebor-dãos. Ha ruinas em Espadanedo e em Soutello, e nesta povoação appareceo um bezerrinho que dizem ser de ouro; mas segundo melhores informações é de bronze: pertenceu a uns parentes da familia Moraes de Quintella de Vinhaes. A altitude da Serra de Nogueira está indicada na carta de Folque pelo numero

1321. Esta Serra tem mais propriamente o nome de Serra de Rebordãos: assim deve chamar-se, porque designa assim a porção da Serra que está sobre a extincta Villa de Rebordão. E' o ponto mais elevado da Serra de Nogueira.

De Soutello á Senhora da Serra ha um caminho muito batido, o que indica que foi muito trilhado, razão porque suspeito que a estrada seguia de Soutello para a Senhora da Serra, descendo d'ahi para Rebordãos. Preferi a estrada por Sortes por ser mais viavel. Não consta que tivesse apparecido um milliaro em qualquer ponto da etape de Val-de-Telhas a Roboretum, temos portanto de nos guiar por conjecturas e pelos dados fornecidos pelo Codice. Mas por outra parte é sabido que as directrizes são traçados geometricos, linhas rectas, e por este motivo o soldado romano poucas vezes caminharia sobre estas rectas, tinha por isso de marchar rarissimas vezes sobre a respectiva directriz.

Ha nesta etape uma povoação muito importante, pelo que foi e tambem pelo que é; esta povoação é Quintella de Lampaças. Dista duas milhas, ou meia legoa de Pombares. No alto de Quintella ha ruinas muito importantes, e ha-as tambem na povoação; pôde dizer-se que é uma villa que está, ainda actualmemente caindo em ruinas: não me parece forçado incluil-a no grupo a que pertence Pombares. Viterbo cita muitas vezes esta villa e documentos antigos que n'ella existiam e que passaram para o archivo do Mosteiro de Castro d'Avellãs.

Chamo ainda a attenção do leitor para a povoação de Cellas, que dista uma legoa da Senhora da Serra. E' povoação muito pobre, mas tem ainda duzentos fogos, incluindo S. Cibrão que lhe é annexa. E' muito provavel que os povos cellerinos que menciona a celebre inscripção da Ponte de Chaves tivessem Cellas como cabeça.

Em Argote, livro II. Cap. VI. Pag. 315 encontro o seguinte: «Caladunum era uma cidade que estava situada na jurisdicção de Braga. Sanson, citado por Baudrand no *Lexicon Geografico*, entende estava onde hoje vemos a villa de Mirandella»; Argote diz que isto

é falso; é todavia certo que uma das variantes do Itinerario, a variante (b), dá Pinetum em Mirandella, dizendo—De Aquas a Pinetum XXVIII m. p., isto é, sete legoas; e effectivamente de Chaves a Mirandella são sete legoas em linha recta. A variante (c) dá Roboretum a XXXIII m. p. de Mirandella, effectivamente vão trinta e tres mil passos ou oito legoas e um quarto de Mirandella a Rebordãos, e em linha recta.

Vejamos que interpretação devemos dar ás variantes do Itinerario. Entendo que indicam caminhos diversos dos ordinariamente seguidos, e por onde as marchas se effectuavam dadas certas circumstancias; umas vezes encurtavam distancias de uma etape a outra, e casos havia em que as alongavam, como se vê nas variantes de Compleutica em que a primeira é de XVIII m. p. e a ultima de XXXIII m. p. A etape de Roboretum a Compleutica é de sete legoas, e, segundo a primeira variante de Compleutica são quatro legoas e meia de Roboretum a Compleutica. Ora Compleutica é em Sacoias, como veremos, e de Rebordãos a Sacoias são quatro legoas e meia, seguindo para Sacoia pelos pontos seguintes: Rebordãos, Castro d'Avellãs, Meixedo, Rabal, Sacoias. A distancia de Roboretum a Sacoias é, pois, de quatro legoas e meia, segundo a variante, e de sete segundo o codice. Sobre isto não pôde haver a minima duvida, se attendermos a que Sacoias, ou Compleutica, é principio da etape de Compleutica a Veniatia, que é Vinhaes; e tenha-se ainda presente que Castro d'Avellãs é um ponto certo da estrada romana, visto terem alli apparecido dous padrões: está esta povoação a tres legoas de Sacoias e a tres e uma milha de Vinhaes. Está, pois comprovado que a expressão *variante* indica um caminho differente do geralmente seguido: será talvez o que nós chamamos ramal.

A extincta villa de Rebordãos está situada á beira da estrada que vae de Mirandella a Bragança e a duas legoas d'esta cidade n'um extenço e fertil valle, contornado em semicirculo pelo norte, pela Serra de Nogueira e ao sul pela continuação d'esta, que toma o nome de Serra de Rebordãos. E' aberta por leste e sul.

Não ha ruinas na povoação, ha-as a pouco mais de um kilometro, para norte; essas ruinas têm o nome de «Castello de Rebordãos». A metade do Castello que está voltada para a povoação é, difficilmente accessivel; vêem-se deste lado, e distinctamente, vestigios de fossos e de andares de defêza, entulhos formados de conglomerados de argamassa, pedras, tijolos; a outra metade está quasi intacta. Esta tem no cume uma especie de plataforma com alguns compartimentos com aberturas, semelhando ameias de largura variavel. Qual não foi o meu espanto quando ao approximar-me de uma das ameias deparo com um abysmo de cento e cincoenta a duzentos metros de profundidade! Aquelle lado do Castello é todo elle uma rocha apumada. O meu companheiro e eu retirám'o-nos um tanto confusos pelo sitio por onde tinhamos feito a ascensão, e com grande risco de rebolearmos por aquellos entulhos.

No ponto mais elevado da Serra de Rebordãos existe a ermida da Senhora da Serra. Tem como orago N. S. da Assumpção. E' muito provavel que alli existissem ruinas romanas, pois que com frequencia apparecem nas proximidades da explanada moedas e outros objectos de bronze. (1) O templo mede em comprimento vinte e sete metros sobre quatorze de largura. E' de trez naves, e a julgar pelo feitio das columnas, só duas são do templo primitivo, pois que estas são formadas cada uma de quatro conjugadas em feixe, o que não deixa duvida de que são romanicas; os ornatos dos cestos chamam a attenção e vê-se bem que foram levantados por cinzel firme: estas columnas são as duas mais proximas do altar-mór, as outras são de varios feitios, umas quadradas outras cylindricas, demasiado grossas. Tem falta de luz; recebem-a sómente pela porta da frente e por umas frescas que têm na capella-mór. Parece exteriormente um barracão, pois que a altura não está em proporção com as outras duas dimensões.

A descida para Rebordãos effectua-se por um ca-

(1) E' tradição que foi povoado o pequeno plató onde existe actualmente o templo da Senhora da Serra.

minho de carro que não deve ter mais de desoito por cento de inclinação; este caminho segue por entre a deveza de carvalhos até ao Valle, seguindo sempre uma grande levada de agoa que vae regar as hortas e pomares de Rebordãos.

D. Sancho deu foral á villa de Rebordãos em Coimbra, em novembro de 1208. D. Diniz confirmou o antigo dando-lhe outro em Lisboa a desoito de maio em mil dozentos oitenta e cinco, augmentando-lhe os seus privilegios (1)

Diz o Itinerario que de Roboretum a Compleutica são sete legoas. Pela direcção que levava a estrada desde Braga até Rebordãos, Compleutica ia para oriente de Babe, isto é pela Hespanha dentro; Aureliano Guerra situou-a a seis legoas a oriente de Bragança n'el Poio. Quando principiei este estudo, julguei como quasi certo que Compleutica devia ser em Sacoias, a occidente de Babe, porque a estrada devia passar forçosamente em Castro de Avellãs, visto terem apparecido nas ruinas d'esta povoação dous milliaros.

A estrada devia, necessariamente seguir pelas povoações seguintes — Sarzeda, Failde, S. Pedro, Samil, Alfaião, Ponte de Valbom, Quintas, Milhão, Babe e por fim Sacoias.

De Rebordãos á Sarzeda são dous kilometros. E' povoação pequena annexa a Rebordãos; o terreno é tão fertil como o de Rebordãos. Perto de Failde estão em exploração desde o tempo dos romanos as minas de Paredes, as de Parada e S. Martinho. Em S. Pedro parte do terreno é calcareo. Tem fornos para fabrico de cal, e uma gruta com stalaquetites, que não consta que fosse explorada. Samil está a dous kilometros de S. Pedro. Tem um Castro sobranceiro á povoação, defendido naturalmente pelo lado do sul e por obras de terra pelo norte; por esta parte está a cavalleiro da estrada que sae de Bragança para Mirandella. A noroeste da povoação estão os prados de Gostei e de Castro d'Avellãs, á distancia de trez kylometros.

A sudoeste de Samil ha um monte a que cha-

(1) Para o mais vid. Pinho Leal.

mam Martim Cançado, onde têm apparecido sepulturas romanas; vi uma cavada na rocha no alto do monte. A meia encosta de Martim Cançado ha uma matta de castanheiros a que chamão o Souto de Samil; a estrada devia descer pelo souto, torneando-o para descer á bacia de Alfaião. O termo d'esta povoação comprehende uma extensa e fertilissima bacia, onde prospera a oliveira. Ha quasi contiguo á povoação um Castro, cuja flexa está ainda perfeita, e seguindo para as thermas ha um monte em que havia *um alinhamento*. As lageas foram transportadas pelo dono de uma vinha, na occasião em que andava fazendo uma casa no dorso do monte, umas para fazer vedações e outras para construcção da casa. Pinho Leal cita o alinhamento, que diz ser *segundo o Stylo antigo*.

Ao poente da povoação existem as thermas; estão mal aproveitadas. As aguas brotam do lodo e não da rocha, mas ainda assim a frequencia é regular.

Ha no termo de Alfaião e no de Samil umas construcções que parecem terem sido grutas artificiaes, a julgar pela que não foi de todo destruida; as outras estão de tal modo revolvidas que apenas se conhecem os materiaes de que foram feitas: têm o nome de *lagarêtas*. Em Samil e Alfaião chamam lagaretas a pequenos tanques. Descreveram-me uma, a que foi encontrada em melhor estado; pelo que vi, e pelo que me disseram a respeito d'esta, devem ser sepulturas ou grutas artificiaes; estava cavada em terra dura, e para a camara descia-se por trez degraos de schisto. As paredes lateraes eram de pedra da mesma natureza e ligada com argamassa. O tecto era de terra dura.

Conduziram-me a Val d'Ossos, sitio que dista um kilometro de Alfaião. Na corôa de um pequeno Castro vi pedras ligadas com argamassa, que serião restos de ruinas de uma ermida.

Partindo de Samil, a estrada devia necessariamente levar este rumo para seguir para a Ponte de Valbom, que é tambem ponto forçado da Via Romana, que forçosamente passava em Babe. Mas, supponhamos que a estrada romana seguia de Rebordãos

para Sacoias por Bragança; teríamos neste caso trez legoas e meia de Rebordãos a Sacoias. Havia ainda outra hypothese—seguir de Bragança para Babe por Gimonde: tínhamos quatro legoas de Rebordãos a Babe, e uma e um quarto de Babe a Sacoias, o que é o mesmo que quatro legoas e um quarto de Rebordãos a Sacoias, devendo ser sete.

A estrada devia, pois, seguir o rumo que indiquei, não podia seguir outro; por isso sigo de Alfaião para Milhão, passando o rio Sabor na Ponte de Valbom. Esta ponte é de schisto, foi construida ha cerca de cinquenta annos; a velha era de granito, segundo me informaram. A distancia de quasi meia legoa estão as Quintas; pertencem a Milhão: são uns Villares muito fertes, e, como Milhão, de clima muito temperado, e onde prospera a oliveira.

De Milhão a Babe é uma legoa de excellente caminho; é um plató até proximidades de Babe; proximo de Babe o terreno levanta-se mais e fórma um segundo plató em que está assente a Povoação. A oriente de Babe o terreno é quasi inculto e quasi plano, a occidente ha um encadeamento de cerros em que se apoia a explanada em que está assente a povoação. Os mais notaveis destes cerros são o Castro de Babe e aquelle a que chamam Castellares. O Castro de Babe está sobranceiro a Gimonde, o de Castellares está ao norte d'aquelle, e é por elle que se effectua a descida para Sacoias, passando pelas pedreiras de schisto.

As provas a respeito da situação de Roboretum e de Compleutica vão-se, pois accumulando, e levando-nos por isso ao convencimento de que Roboretum existio onde hoje vemos a villa de Robordãos e que Compleutica existio onde hoje existe a povoação actualmente chamada Sacoias.

E', pois, principio da etape de Compleutica a Veniatia, e dista seis legoas e uma milha de Vinhaes, e trez de Castro d'Avellãs, onde appareceram dois Padrões.

Ha, porém, mais provas a respeito da situação de Compleutica, e por isso vou expol-as circumstanciadamente para que não fique duvida, ou não se diga que não são convincentes as que acabei de expôr.

Como se vê em todo o traçado desde Braga a Babe, a estrada tem a orientação O.E; mas em Babe a orientação da estrada muda segundo E.O. Esta mudança de rumo effectua-se, descendo de Babe, para Sacoias, e indica por isso a marcha para Vinhaes que é de suppor que seja a Veniatia do Itinerario. Leve-se tambem em conta que Babe e Vinhaes estão no mesmo paralelo; e como de Vinhaes tem de seguir para Astorga quasi em linha recta, toma em Vinhaes a orientação N. N E.

De Sacoias a Castro d'Avellãs devem ser trez legoas, visto serem trez e uma milha de Castro d'Avellãs a Vinhaes, quasi em linha recta, seguindo o caminho que vae a Vinhaes por Alimonde e Ousilhão. Ora, a distancia em linha recta de Sacoias a Castro d'Avellãs é de pouco mais de duas legoas; é porisso, certo que a estrada devia dar uma volta, de quasi uma legoa, de Castro d'Avellãs a Sacoias. Mas chama desde logo a attenção a povoação de Rabal, por ser depois de Babe a mais importante d'esta região, e que pela sua posição topographica e importancia das ruinas que alli existem devia ser ponto por onde passava a via romana, vindo de Babe para Castro d'Avellãs.

O rio Sabor, passa em Montesinho, junta-se com o rio que vem de Calabor e que passa na Avelleda, defronte do Rabal, um pouco mais abaixo. No ponto da junção dos dous rios ha uma ponte que liga Rabal com a Avelleda e com Sacoias, dando-se mais a circumstancia de a distancia da Avelleda a Rabal ser egual á de Sacoias a Rabal. Estão ambas (1) a uma legoa do ponto de junção dos dous rios. N'este ponto ha um monte a que chamam o Monte dos mouros e um pouco mais acima outro cerro chamado a Torre. Toda a margem direita, na extensão de quatro ou cinco kilometros é um encadeamento de cerros quasi inacessiveis, e a estrada, como uma bicha, contorna-os n'uma distancia de tres ou quatro kilometros. A vegetação é em ambas as margens de uma belleza que encanta.

O Castro de Rabal é o maior que tenho visto; os dous terços inferiores estão entregues á cultura de ce-

(1) Sacoias e a Avelleda.

reaes desde tempos immemoriaes. No terço superior de-
senham-se ainda bem trez andares de defeza; a corôa
está coberta de matto, e encontram-se ahi tambem al-
gumas lousas que serviram para cobertura de casas.
Não encontrei ceramica nem objectos de qualquer met-
tal; lá tem, ao sair de Rabal para França, a sua capel-
linha com S. Sebastião como protector.

De Rabal a Sacoias é, pois, uma legoa, e a mes-
ma distancia é de Rabal á Avelleda

Vejamos agora se de Rabal a Castro d'Avellãs
são duas legoas. Assentando uma regoa graduada na
carta de Folque (na de 1860-1865, porque não tenho
confiança nas outras) de Rabal para Castro d'Avellãs,
povoação que está a uma legoa certa de Bragança, e
sobre a estrada que vae de Bragança a Vinhaes por
Alimonde e Ousilhão, vê-se que a linha que liga Cas-
tro d'Avellãs com Rabal é uma recta de duas legoas
metricas; vê-se tambem que passa por Meixedo e que
é tangente á curva superior do B da palavra BRA-
GANÇA. (1) N'este ponto de tangencia existem as
ruinas de Brigancia, ruinas que descobri quando anda-
va a estudar o traçado de Castro d'Avellãs a Com-
pleutica ou Sacoias. Estas ruinas estão a pouco mais
de meia legoa de Bragança — a medida sobre a carta
de Folque dá sete millimetros. Vê-se tambem que a
distancia de Castro de Avellãs ás ruinas de Brigantia
é de meia legoa metrica. (2)

Entre a estrada que vae de Bragança a Donai, e
segue para a Moimenta, e a ribeira de Villa Nova, que
é quasi tangente á estrada, veem-se bem desenhados
alguns andares de defeza, pedaços de telha de rebor-
do e lages furadas, que serviam para cobertura de ca-
sas, ou cabanas. A corôa eleva-se pouco acima da es-
trada de Bragança a Donai. Esta é a parte sul das
ruinas, está coberta de estevas. A metade fronteira
ao Norte é toda uma deveza de carvalhos; é toda um
pedregal desde o cume do Monte até á Ribeira de
Villa Nova. No extremo noroeste da deveza ha restos

(1) Em Folque.

(2) Castro d'Avellãs não vem em Folque; dista uma milha
de Gostei seguindo para Nogueira.

de uma vinha, já perdida com a filoxera, cujos sucalcos foram construídos com pedras arrancadas na devesa.

Ha tambem uma lenda em Villa Nova a respeito da *menina*.

A ribeira de Villa Nova, depois de contornar a base das ruínas de Brigancia vae desaguar ao Sabor.

A população de Villa Nova é actualmente de vinte fogos, não contando as casas que estão espalhadas pelas Quintas de Font'Arcada e por outros pontos proximos da povoação. O S. Jorge que figura em Bragança na festa de Corpus Christi não tem em Bragança capella propriamente sua; é recolhido, logo que acaba a festa, na capella de S. Sebastião, que está proxima da cidadella. E' portanto um hospede em Villa Nova.

Todos os annos, no dia 23 de abril, vae a Villa Nova acompanhado de muito povo e rapazio, e apageado por um piquete de cavallaria, afim de assistir á missa na sua capella e receber umas rendas que ninguem sabe em que consistem. Assiste á missa em Villa Nova, conservando-se fóra da sua Capella, e emquanto alli demora é guardado pelos de Villa Nova; porque se passar para a outra margem da ribeira, para as ruínas, não volta, fica lá.

Depois trava-se uma lucta simulada entre os povos das duas margens da ribeira, em que ficam vencedores os de Villa Nova; e por fim os povos de ambas as margens apresentam ao santo os seus rebanhos que são em seguida benzidos por elle.

Enviei ao sr. Martins Sarmiento uma nota a respeito das passeatas annuaes do santo, e n'essa occasião pedi-lhe que me dissesse tudo quanto soubesse a respeito do Deus Brigo; disse-me o seguinte na *Nova Alvorada*, publicada em Villa Nova de Famalicão em 1.º de maio de 1894, IV anno, n.º 2:

O DEUS BRIGO

«Como em todo o Minho, não faltam em todo o concelho de Famalicão ruínas de povoações, que mais podem chamar-se pre-romanas, que romanas. Uma

d'ellas fica na freguezia de Delães, na corôa d'um monte onde se vê a capella de S. Miguel o Anjo, e é sobretudo notavel por sabermos d'uma inscrição (¹), encontrada nas suas proximidades, qual foi o deus principal dos seus habitantes.

Este deus chamou se Brigo. Brigo não é romano; os celtistas juram que é celtico, porque o nome se interpreta bem pelo irlandez, razão para mim bastante para o capitular de pre-celtico. Não é porem d'essa questão que vou occupar-me agora, senão de saber se a etymologia pôde esclarecer-nos ácerca das funcções que exerceria o velho deus. Infelizmente a etymologia pouco adianta. Segundo os entendidos, Glück, Whitley Stokes, J. Rhys, a raiz é a mesma que a de briga, Brigantes, Brigantia, e implica a ideia d'altura, tanto no sentido physico, como no moral. Assim, se o ultimo nome, Brigantia, designa uma cidade, e n'este caso está decerto a nossa Bragança, na Irlanda designa uma deusa que tem sido identificada com Minerva. Um Deus Brigante ou um deus Brigo devia ser uma especie de paraedro da Brigantia irlandeza; mas não ficamos d'este modo muito esclarecidos.

Procuremos por outro lado. E' ponto incontroverso que um dos meios a que a Igreja se soccorreu para destruir a religião pagã, enraizada nos aldeões (pagani), foi christianisar os seus *loca sacra*, os seus deuses, cujas imagens muita vez aproveitou. Um exemplo entre mil deu-se com a deusa Brigantia, da qual se tem por certo que Santa Brigida herdou não poucas attribuições; e, se ha sancto que respire paganismo por todos os póros, é o Anjo S. Miguel, que, como exterminador do dragão, não passa d'um irmão gêmeo de S. Jorge. Quanto a este, Clermont Ganneau provou á ultima evidencia que o sancto, precisamente como vencedor do dragão, é apenas mencionado nos apocryphos, sendo impossivel deixar de vêr n'elle o heroe solar conhecido em todas as mythologias antigas e christianisado com bullas que não podem ser

(¹) A inscrição é a seguinte: A. BRIGO || FLAVS A | PILI | VAL | ABRICII | NSISVO | TVM. S L | M. MIIRITO. A *Brigo* Flaus Apili Valabricsensis votum s(o'vit) l(ibens) m(aximo?) merito.

mais falsas. Na mythologia ariana os representantes d'este heroe solar são innumeraveis, mas bastará citar Apollo matando a serpente Pythoni, Perseu vencendo o monstro que havia de devorar Andromeda. Tudo isto symbolisa, como se sabe, a lucta da luz com as trevas, figuradas pela serpente ou pelo dragão.

Nenhuma duvida ha que a religião dos nossos antepassados era ariana, não podendo faltar n'ella o culto do famoso heroe. A elle allude certamente a tradição popular na «historia da bicha de sette cabeças». Poderá dizer-se que a lenda foi importada; mas, quando vemos uma lenda pagã localisada entre nós em taes e taes sitios, e ainda para mais relacionada com monumentos da epocha pagã, acreditamos pouco em taes importações. A «historia da bicha» está n'este caso, com a circumstancia de que o heroe toma então o nome de S. Jorge. Exemplos: em S. Jorge de Selho, concelho de Guimarães e a pouco mais de legoa e meia de Delães, o orago da freguezia mata-ria o dragão nas proximidades de um castro, chamado Monte da Senhora. Em S. Jorge de Vizella mostram-se mesmo n'uma lage as marcas das ferraduras do cavallo, em que montava o sancto, o despenhadeiro por onde rollou o monstro agonisante, o lugar d'onde a «menina» assistiu á victoria do seu salvador.

Eu explico muito bem que S. Jorge se popularisasse entre nós por substituir uma entidade pagã, cujas proezas já eram conhecidas e estavam localisadas nos tempos pre-christãos, e não explico de modo algum que já em tempos christãos o povo se lembrasse d'appropriar aos castros e aos penedos, marcados por signaes chamados pre-historicos, as proezas apocryphas d'um sancto qualquer.

Vou ainda mencionar um outro factó que derrama certa luz sobre outra face da nossa questão. A pouco mais de dous kilometros, a noroeste de Bragança, ha uma capella de S. Jorge voltada para as ruinas d'um castro. O sancto «reside», em Bragança n'uma capella da camara, proxima das muralhas da cidadella, mas em certo dia do anno vae assistir a uma missa na «sua capella» e receber umas «rendas», que ninguem sabe em que consistem; feito o que, volta para

Bragança, apageado por um piquete de cavallaria e por uma turba de rapazes, que tambem o acompanham na ida.

Segundo as maiores probabilidades, o castro aruinado foi a séde da antiga Brigantia, e tudo faz crêr que este S. Jorge seguio os Brigantinos na sua translocação para Bragança, com a condição de que o levariam annualmente ao logar, onde fez os seus primeiros milagres. Eu não admirava se a tradiçção contasse que esta condição foi significada a principio pela fuga nocturna do sancto para a «sua» capella: casos d'estes são vulgares nas antigas legendas. Mas certo é que nos tempos mais primitivos o castro havia de ter um deus tutelar. Não lhe sabemos o nome; mas, vendo um S. Jorge mythico assistir ao culto n'uma capella, voltada para a Brigantia pagã, não é desarra-soado conjecturar que o nome do velho deus fosse identico ao do Brigo de Delães, talvez mesmo Brigante, e que n'uma e n'outra parte a façanha que mais o caracterisava, a do destruidor do dominio das trevas e do inverno, motivasse a escolha do Anjo Miguel para o substituir n'uma, o de S. Jorge para a substituir n'outra».

XII

E' positivo que Brigantia existia no tempo de Theodemiro. No documento n.º 1, éra de 607 vem com o nome Vergancia, no de Wamba vem com o nome Bregancia, e em ambos classificada como Pagus pertencente á Chancellaria de Braga; já não era portanto uma cidade. Por outra parte, se é certo que o Mosteiro de Castro d'Avellãs foi fundado em 667, não seria então mais do que Pagus, e por isso a sua ruina vinha de mais longe. Se continuasse a existir como Pagus o archivo do Mosteiro de Castro d'Avellãs havia de fazer menção de Brigantia, ou Bergancia, como faz de de muitas povoações que ficam mais distantes de Castro d'Avellãs. Viterbo esteve em Bra-

gança e confiaram-lhe o archivo da camara ecclesiastica. O conego Pires, ha pouco fallecido, conhecia e lia todas as obras do Archivo, e diz que Brigantia era uma cidade que comprehendia a actual Bragança e que se estendia pelas terras de Vald'Alvaro, citando fontes e propriedades que existem actualmente em Bragança! Não diz coisa que possa acreditar-se. Viterbo cita tantas povoações das cercanias do termo de Bragança e que dizem respeito ao Mosteiro de Castro d'Avellãs, que é impossivel que entre ellas não apparecesse Brigantia, se existisse; o que diz é que não duvida que Brigantia existisse não longe das margens do Sabor, e não se enganou.

Este consciencioso antiquario diz no seu Elucidario na palavra Bemquerença:

«Bemquerença. Este era o nome, que primeiramente se deu á Villa de Bragança, por ser o nome, que antes tinha o terreno, quinta, ou lugar em que El-Rei D. Sancho 1.^o a fez de novo construir; havendo dado ao Mosteiro de Castro d'Avellãs as Villas de Penelo e Santulhão em escambo, e troca pelas terras que fazem assento e arrabaldes desta villa. Das inquerições d'El-Rei D. Affonso III, na freguesia de S. Vicente de Vimioso, e nas da freguesia de Santa Maria de Bragança, consta: que o concelho de Bragança abada as Igrejas de Bragança e não a corôa: e o Arcebispo de Braga leva a terça, e o concelho outra, com as offertas, e os clerigos que as curam, e servem levam outra, com as offertas, e mortuarios: E isto porque El-Rei encartou «concelho em todo o Realengo que tinha em Bragança, e seu termo e Lampaças, com a condição que povoassem os Villares antigos» que estavam despovoados, e que d'elles lhe pagassem os fóros que lhe eram devidos. Porém o concelho até ao tempo (das inquerições) os não tinha povoado; por que as Ordens Militares e o Mosteiro d'Avellãs lho impediam com o pretexto de que tinham direito n'estes Villares e que pelo uso eram seus. E que Villar de Paradinhos fôra da corôa—*et quot levabant inde Paradam ad Hominem Domini Regis, qui stabat in Alvelina ante quam Villa de Bragança esset populata.* Assim consta do extracto

das inquerições, que se guarda no Archivo da Camara Ecclesiastica de Bragança. Alli mesmo se guarda um livro, extrahido da Torre do Tombo no anno de 1485; n'elle se acha o escambo que El-Rei D. Sancho 1.º fez com o mesmo Mosteiro de Castro d'Avellãs, que lhe demitto a sua herdade que tinha em Bragança chamada *Bemquerença*, e receber da Corôa a Villa de S. Gião, e a Igreja de S. Mamede com seus terrenos, que alli demarca e conta, e exime os seus habitantes de pagarem portagem: «*In Civitate Bragançiae nec in suo termino.*» Feita a carta na éra de M.CC.XXV, que é do anno de Christo 1187. Confirmando, entre outros, Pedro Fernandes, que tinha a terra de Bragança. Do que se vê que as testemunhas da inquerição não estavam bem certas das formalidades do contracto, e só confirmam em o nome da Herdade, que foi trocada, e no destino da troca, que era a fundação de uma nova povoação, e realenga na terra de Bragança.

.....
«Não negamos, comtudo que junto ás margens do Sabor, e não muito longe de Bragança, se acham ruinas de povoação antiga, que dizem era a cidade de Brigantia, no tempo dos romanos, e que alli nasceram os santos Martyres, João e Paulo, (mas emquanto não temos melhores fundamentos, suspendemos o nosso juizo). Como quer que seja, no tempo dos reis Godos e dos reis de Leão, a terra de Bragança foi governada por Condes e outros grandes Senhores. No tempo de El-Rei D. Affonso Henriques não havia povoação alguma que se chamasse Bragança onde hoje a vemos, como bem se colhe da doação do Couto que este monarcha fez ao Mosteiro de Castro d'Avellãs no anno de 1444; pois nomeando os seus limites entre o Togia e o Rio Sabor, se não faz menção de Bragança, que hoje se acha entre estas duas balizas. D. Sancho, porém, Senhor já de Bemquerença tratou logo de projectar a nova colonia, dividindo-a entre Villa, Cidade e termo. O termo foram os antigos limites da de Bragança, em que havia diferentes Julgados, Comarcas ou Concelhos: a cidade comprehendia os pequenos povos e lugares que pertenciam á nova Camara

de Bemquerença; a Villa emfim, compunha-se dos que moravam na cerca do Castello ou nos seus arrabaldes fóra da dita cerca. Isto se evidencia não só do escambo de que acima se fallou, no qual se distingue o termo da cidade, mas, e principalmente do foral que logo no anno de 1187 o mesmo Rei lhes deu, o qual se acha no livro dos *foraes velhos*, e a sua traducção do seculo XIII se acha na camara ecclesiastica de Bragança, em publica fórma, mas com o insanaavel erro de data no anno de 1182, quando D. Sancho ainda não governava, nem tinha adquirido a Herdade de Bemquerença. (1) As suas formaes palavras são estas:

Esta é a carta de foro que eu, D. Sancho ffago a vós pobladores da Cibidade de Bragança, aquelles que som e que ande veir por sempre. Damos a vós e outorgamos por foro que todo morador da Cibidade de Bragança, que ffilos ouver non seia maneiro; que seia o ffilo morto, quer vivo. E moradores da vossa Villa, que hi herdades ouverem, livremente as possuyan, assi que non sejam sometudas en poder de Sayones nem juises. E barones de vossa Cibidade sirvam quem quiserem; convem a saber, Rei, ou Conde, ou Infanções... Servos, e homiziaes e adulterios que á vossa Villa veerem murar sejam livres e engeos... Moller veuda, que com alguem ome, que nom for de vossa Villa aia seu iojzio .. Homeens de vossa Villa non den portaje em vossa Villa etc... Pobradores da Villa... E se peom da vossa Villa... Nemgum pobrador da Cibidade de Bregança en todo o meu Reyno non dia portage. Damos de mais á Cibidade de Bregança, e aos pobradores d'ella todo Bregança e Lampaças com seus terminus...

«No tempo de Affonso III já em todos os documentos apparece Bragança com o titulo de Villa, e mesmo no foral que elle deu ás aldeias de Bragança para regular sómente a cobrança dos direitos reaes,

(1) Na camara de Bragança existia uma cópia do proprio foral ou da que existe na camara ecclesiastica: estava em poder do padre João Pessanha quando eu saí de Bragança, em 11 de janeiro de 1895. Não sei se já deu entrada no archivo da camara.



no de 1253. De sorte que é bem para admirar que no alvará de D. Affonso V, dado na cidade de Ceuta a vinte de fevereiro de 1464 a instancias de D. Fernando II, Duque de Bragança, pelo qual fez cidade a Villa de Bragança com todos os privilegios e liberdades que tem as mais cidades do reino, se diga: ouvimos certas informações que antigamente ella era cidade e depois se despovoou, e quando se tornou a reedificar ficou Villa, pois d'esta destruição e reedificação não apparece o mais leve documento».

O que se conclue de tudo isto é que Brigancia não existio onde hoje vemos a cidade de Bragança, que só tomou este nome no tempo de D. Affonso 3.º; em todos os documentos do tempo de D. Sancho vem com o nome de Bemquerença.

O que ficamos sabendo é que existia no tempo em que tiveram logar os dous concilios, em Lugo, e que no primeiro vem com o nome de Vergancia e no segundo com o de Bregança, e que em ambos vem classificada como Pagus. Temos tambem como certo que Brigantia não existio onde hoje vemos a cidade de Bragança e que Bemquerença apparece com o nome de Bragança sómente no reinado de Affonso 3.º. Tambem temos como certo, segundo diz Viterbo, que no tempo de D. Affonso Henriques não havia no termo de Bragança povoação alguma que se chamasse Bragança.

As despesas da visita que faz o santo todos os annos a Villa Nova são pagas pela camara de Bragança, que mette todos os annos em orçamento uma verba de trinta mil réis para occorrer a ellas, verba autorisada pelo governo desde tempos que não pude precisar; mas que, segundo me informaram, vem já do tempo de D. Affonso 3.º

Parece-me certo que os de Villa Nova trabalharam na edificação de Bemquerença, mas que a ida do santo para Bragança foi no reinado de Affonso 3.º, provavelmente contra a vontade dos de Villa Nova, mas com a condição que lh'o levariam lá todos os annos.

Não sei se o santo fugiu para Bragança: ou haveria uma combinação qualquer com os de Villa Nova, sob

promessa de lh'o levarem lá todos os annos. Não duvido que enchotasse das ruínas o deus Brigo, mas esse caso dar-se-ia em tempos que não posso precisar.

A tradição diz que a fundação de Brigantia data do tempo de Moysés; mas o que falta é proval-o.

XIII

A distancia de Sacoias a Rabal é dada pela recta ou directriz que liga estas duas povoações e quasi a meia distancia d'estas existe Baçal. Baçal e Sacoias estão subordinadas ecclesiasticamente a Avelleda, e bem assim Varge (1). Sacoias, a Avelleda e Varge são pontos que determinam um triangulo scaleno, cujo lado maior dá uma legoa, distancia de Sacoias á Avelleda.

Empreguei tres dias em pesquisas no termo da Avelleda, e não encontrei alli vestigios de ruínas romanas. Ha uma cruz de granito no caminho que vae da Avelleda a Portello; tem nos braços uma inscripção na qual só pude lêr mil e sete centos.

Ha na povoação uma fonte que denota muita antiguidade: tem uma inscripção sem importancia; e subindo para a egreja ha outra inscripção tambem sem importancia. A egreja é de uma pobreza que envergonha; existem alli algumas sepulturas de ecclesiasticos: uma d'estas sepulturas tem a éra de 1700.

A povoação está n'uma baixa e dividida ao meio pelo rio que tem sua nascente em Hespanha, nas thermas de Calabor.

Uma grande parte das casinhas da Avelleda tem um ar bem romano; são cobertas de louza, como as de Baçal e Sacoias e poucas excedem a altura de um homem regular. O terreno fertil encontra-se sómente nas proximidades do rio, não excede a quatro ou seis hectares. Mais de metade da população vive do producto do carvão que vão vender a Bragança.

(1) Folque diz Vazeia—deve dizer-se—Varge.

E', todavia, certo que o rio arrasta areias de ouro e que existem alli jazigos de estanho.

Vi em Bragança um annel fabricado com ouro colhido nas areias do rio: mostrou-m'o, ha dez ou doze annos Manoel José de Castro, pharmaceutico em Bragança; deve existir em poder dos herdeiros do referido pharmaceutico. Ha dous annos, os inglezes manifestaram uma mina de ouro na Avelleda, o que consta do respectivo registo existente na camara de Bragança.

A variante *d* de Compleutica diz que de Roboretum a Compleutica são XXXIII m. p. ou oito legoas e uma milha, segundo a interpretação que tenho dado ás variantes, quer isto dizer que algumas vezes, e por motivos que não podemos especificar, a marcha de Compleutica para Rabal effeituava-se por Varge e pela Avelleda; pois que a medida tomada sobre a carta de Folque dá uma legoa e uma milha de Sacoias a Avelleda, indo por Varge a Avelleda, e d'esta fórma seguiam da Avelleda para o Sabor e Rabal, e pela estrada que, ainda actualmente se segue da Avelleda para Rabal. Mas n'este caso a estrada tinha mais uma legoa e uma milha.

Não sou militar, e por isso não sei absolutamente nada de estrategia: parece-me, todavia, que devia existir um troço de estrada que ligasse a Avelleda com Portello. Este ramal era ao mesmo tempo de importancia economica e militar.

A variante devia, pois, existir, por que era necessaria, economica e militarmente. Compleutica, quasi aberta pelo poente e pelo norte, devia ter a sua guarnição.

XIV

Existe em Baçal uma inscripção latina; está gravada n'um cippo de granito de fórma cylindrica, e serve de apoio ao corrimão da escada de uma casa, situada quasi no cimo da povoação; indicou-m'a Padre

Manoel, actualmente parochó em Mairos, perto de Chaves. Padre Manoel e outros disseram-me que este cippo fôra transportado do Castro de Sacoias para Baçal, o que posteriormente confirmou o dono do cippo, e Albino Vidal, chefe da estação telegraphica de Bragança e natural de Sacoias, disse-me tambem que o cippo viera de Sacoias. Diz:

OV :: VS
L :: CIF
ANXXV
S. T L

Altura do cippo a contar do solo.	1 ^m ,10
Diametro	0 ^m ,25
Corpo da letra	0 ^m ,055
A parte enterrada no solo, pelo menos. . . .	0 ^m ,3

Esta inscripção está inedita.

Conservam-se em poder dos irmãos Vidaes, naturaes de Sacoias, duas inscripções latinas, cujos cippos são de schisto que abunda na localidade. Foram ambas publicadas na *Revista* de Borges de Figueiredo; uma d'estas publiquei-a no meu Relatorio sobre as ruinas de Castro d'Avellãs, *Revista da Sociedade Martins Sarmiento*, em 1889, p. 92. A respeito destas inscripções, diz Hübner:

Hubner, Supplementum 7.H. L, 903.

5619. *Sacoias* prope Bragança, lapis altus m. 1.37, latus m. 0.3.

Litterae sund rudes, altae m. 0,6, saeculi puto primi.

ARRO
CLOV
AL

Descripisi ex ectypo misso a Figueiredo, qui edit *Revista Archeologica* 1887 p. 92; Pinheiro *Rev. de Guimarães* V 1889 p. 88.

Figueiredo comparat Arronis nomen in titulo Segoviensi u 2735 nomen deest.

Figueiredo legit *arro clou(ti) a(nimo) libens.*

Nescio num praestit *arro cloutai.*

5420.

Sacoias prope Bragança, ubi servatum. Cippus altus m. 1.6, latus m. 0.4.

rosa

D M

FLA O

FESTI F

ANN XXX

S TT L

Figueiredo, *Revista Archeologica* I 1887 p. 92, 9 v. Estes cippos não os conhecia Borges de Figueiredo, foram-lhe indicados por Albino Vidal.

No meu relatorio sobre as ruínas de Castro de Avellãs fiz menção de um precioso achado.

Conversando com Albino Vidal sobre coisas de Sacoias disse-me que possuía um bezerrinho de bronze e que seu pae o achára n'uma vinha do Castro de Sacoias. E' effectivamente de bronze, e é uma vaquinha, um primor de arte.

Tem entre as pontas um furo onde devia aparafusar uma meia lua: é pena que já lhe faltasse aquelle apendice. Foi-me cedida pela quantia de doze mil reis, e foi enviada para a Sociedade Martins Sarmiento.

Os andares de defeza do Castro de Sacoias quasi que têm desaparecido na metade voltada para poente, na outra metade desenham-se ainda perfeitamente.

A povoação está n'uma baixa e encostada ao Castro pelo lado sul; pelo norte é completamente aberto. O dorso do Castro estende-se de norte a sul. Ha ruínas em todo o dorso, e ha ahi um espaço de terreno, muito coberto de pedras, a que os de Sacoias chamam — o Castro. No extremo norte o Castro, é completamente aberto. O templo romano devia ser al-

li, e sobre elle edificaram uma igreja os christãos. A telha romana e a commum ahi existem misturadas; as lapides da familia Vidal foram alli desenterradas, e ahi cavou, durante um dia, Borges de Figueiredo para depois os *irmãos campainhas* de Lisboa e Porto dizem «que Borges de Figueiredo tinha descoberto duas lapides romanas em Sacoias; ora, essas lapides eram as dos Vidades! *Parce sepultis!* Sim. Mas não hade, um dia, deitar a Verdade a cabeça fóra do seu poço?

Varias pessoas de Sacoias, e entre ellas Albino Vidal, me informaram de que apparecera na corôa do Castro um candelabro de bronze, ornado com figuras do mesmo metal. Tendo feito indagações a este respeito, disseram-me que fóra transportado para Bragança por um individuo que tinha propriedades em Sacoias.

A povoação de Sacoias é pequena, tem apenas quarenta e oito fogos. A igreja é bonita, está bem construida. A frente é elegante e ornada com columnas retorcidas.

Pinho Leal diz com referencia a Sacoias:

«Orago da freguezia N. S. da Assumpção. Segundo a lenda, no primeiro de dezembro de mil seis centos e quarenta, dia da primeira aclamação de D. João IV, tocaram (repicaram) os sinos da egreja sem que alguma pessoa os tangesse. Este milagre foi authenticado pelo cabido da Sé de Miranda, *in sede vacante*; e constando isto á rainha, D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, mandou á padroeira da freguezia uns riquissimos vestidos de tela branca.

«No dia quinze de agosto, que é a festa principal da Senhora, havia aqui, antigamente, um concorridissimo arraial.

—A igreja matriz fica fóra do lugar, pelo que o Santissimo está n'uma capella, dentro d'elle.

A igreja é antiquissima, e segundo a tradição foi construida no tempo dos godos, sendo depois mesquita mourisca.»

Pinho Leal foi mal informado: a igreja matriz não fica fóra do lugar, está n'uma baixa, na povoação,

cercada de casas e fóra do Castro. A igreja antiquíssima (as ruínas d'ella), está no extremo do Castro, onde existe uma oliveira. Foi n'este ponto que Borges de Figueiredo se demorou um dia com escavações. E' esta a igreja velha ou o sitio onde existiu um cemiterio romano, e por ahí passariam tambem os godos e os arabes. E' verdade que chamam a este sitio a—Egreja velha: está no Castro. Figueiredo disse-me que Sacoias era a velha Brigantia.

Não me repugna admittir que Sacoias fosse saqueada e que o nome que tem actualmente aquellas ruínas notaveis venha de *saco* ou *saque*. Que Castro d'Avellãs foi arrasada é para mim quasi certo.

Parece-me que Miranda do Douro teve a mesma sorte. Oito kilometros a leste de Miranda existe uma povoação chamada Aldeia Nova. Ha alli ruínas romanas muito notaveis, a julgar pelas ruínas que alli existem e por umas inscripções que me entregou o meu amigo e predilecto discipulo, capitão Adriano Beça. Na carta da Hespanha romana do engenheiro Charles, vem Mirobriga no sitio em que existem as ruínas de Aldeia Nova.

As referidas inscripções enviei-as, haverá dois annos para a Sociedade Martins Sarmento, e bem assim as seguintes provenientes do Felgar, povoação situada a legoa e meia, a leste da Villa de Moncorvo.

Estas inscripções, as do Felgar appareceram n'um sitio chamado a Carvalhosa por detraz do Cabeço da Mua, no prolongamento do monte Roboredo e tambem proximo dos jazigos de ferro, que foram explorados pelos romanos, e n'aquelle mesmo sitio. Não me enviaram nota do corpo das letras e as dimensões das lapides. Estas têm respectivamente os dizeres seguintes:

N.º 1

rosa

REBVRVRS
ARLSEVRV
S.ϷANARE
LIA. LXII

N.º 2

CORACIA
VXOR
AN. LII

São ambas funerarias. A primeira parece dizer — Reburros Seviro da Centuria Narelia faleceu tendo sessenta e dous annos de idade.

Não sei o que queira dizer ARI, nem se existiu uma Centuria Narelia; sei que o C invertido \cap quer dizer Centuria, que algumas vezes se marca assim — \cap O n.º 2 diz que Coracia, mulher casada falescera tendo cincoenta annos de idade.

XV

Antes de tratar da estrada de Castro d'Avellãs a Vinhaes, é necessario fazer menção do importante Castro de Meixedo e de um cippo que existe no alto do caminho velho de Font'Arcada; este Castro tem diversos nomes nas cercanias de Meixedo. Os de Meixedo chamam-lhe - Castro de Meixedo, os de Carregosa Castro do Thezouro ou Torre do Thezouro, os de Donai—Lombeiro Branco, e tem ainda o nome de Castro da Moura. O nome de Lombeiro Branco provem-lhe certamente da côr do shisto que o constitue.

E' completamente inacessivel nos dois terços que olham para o sul, o outro terço constitue a flexa, dando-se ainda a circumstancia de ser banhada por uma torrente a parte inacessivel. Esta torrente toma o nome de Ribeira de Villa Nova, e defronte d'esta povoação existem as ruinas de Brigancia, ficando assim Villa Nova e Brigantia frente a frente, e separadas pela ribeira.

Entre o Castro de Meixedo e esta povoação existiu um sitio chamado o Padrão: ninguem me pôde dizer de onde procedia aquelle nome. O alto do Padrão é uma explanada por onde passava a estrada ou caminho que seguia de Bragança para Carregosa, antes de construida a estrada de Bragança ao Paramio.

No ponto mais elevado do Padrão e precisamente no Alto de Font'Arcada, linha divisoria das aguas do Sabor e da ribeira ou torrente de Villa Nova, en-

contrei uma pedra, entre as silvas do comoro, e com uma das faces perfeitamente bem aparelha, contendo a inscripção seguinte:

CA

BAR. A parte plana da pedra contem a inscripção, o reverso está desbastado grosseiramente. Disseram-me varias pessoas de Meixedo que o cippo de Font'Arcada é um marco de limite do termo de Meixedo. Os marcos de limite de termo têm em Traz-os-Montes o nome de marras.

Soube no Governo Civil de Bragança que a marra de Font'Arcada não está registada n'aquella repartição; mas o que achei extraordinario foi dizerem-me que havia mais duas semelhantes, uma em Carregosa e a outra em Soutello, accrescentando que a de Carregosa não marcava o limite do termo desta povoação. Lembrei-me que a inscripção tivesse um sentido cyprianista, mas o sitio onde a inscripção appareceu, contiguo ao Padrão levava-me ao quasi convencimento de que aquella pedra era effectivamente um padrão. A convicção tornou-se completa desde que achei, por meio de permutações a solução seguidte: A. BRAC.— tantos mil passos a contar de Braga.

As letras estão bem gravadas, e têm nas tres marras a mesma fórma, disposição e corpo: vê-se bem que foram gravadas pelo mesmo artifice.

Os marcos de limite de termo são uma pequena pedra que os camponezes respeitam, e tão pequena que muitas vezes fica coberta pelas lavouras; neste caso, o lavrador escavou a terra com o pé, e logo que descobre uma parte do marco, segue o seu caminho.

Fiz varias permutações com as letras que compõem a inscripção: achei—Barca, cabra e cabar. Tendo pedido informações a algumas pessoas de Carregosa e de Soutello a respeito das marras d'estas povoações, fiquei sabendo que as tres marras tinham os mesmos dizeres, e as letras a mesma fórma e corpo; além d'isto já sabia que havia, proximo de Carregosa um sitio que tem o nome de Lombo da Via. Como estas duas marras pertencem á etape de Veniatia a Pe-

tavonio, farei menção d'ellas, e mais circumstanciadamente quando tratar da etape a que pertencem.

RELATORIO

Sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação de Castro d'Avellãs no mez de fevereiro de 1887 e sobre o reconhecimento que nas referidas ruínas fez José Henriques Pinheiro por conta da Sociedade de Martins Sarmento

I

Está situada a povoação de Castro d'Avellãs a quatro kilometros ao poente de Bragança (1), n'um formosissimo valle, á beira da ribeira de Grandaes. Tem actualmente vinte e seis fogos, que se empra-zaram em terrenos que pertenceram ao extincto mosteiro de S. Salvador. Este mosteiro era de monges benedictinos e foi fundado, segundo dizem, por S. Fructuoso no anno de 667. Pertenciam-lhe terras e coutos em que entrava Bragança, ou antes Bemquerença, e que depois foram permutadas com el-rei D. Sancho I. Na herdade de Bemquerença mandou aquelle monarcha edificar a villa do mesmo nome, sendo só mais tarde que appareceu o de Bragança. O D. Abbade tinha poderes prelatícios, e a sua jurisdicção estendia-se á villa e a todas as suas dependencias, nomeando e dando investidura aos magistrados publicos.

Foi tambem famoso aquelle mosteiro pela hospedagem que n'elle fez D. Alam á filha do rei d'Armenia, que ia em romaria a S. Thiago, a qual raptou, e d'elle procedem illustres familias, a crêmos em Francisco Ribeiro de Sampaio na sua Memoria sobre os monumentos lapidares de Castro d'Avellãs. Foi extincto por D. João III e com suasinguissimas rendas foi

(1) Ou cinco, contando da Cidadella de Bragança.

fundada por este monarcha a Sé de Miranda no anno de 1545.

A antiguidade do mosteiro attestam na as ruinas que alli existem. A igreja era de tres naves; os tres arcos ainda de pé são de architectura romanica; toda a fabrica é de tijolos e argamassa grosseira em camadas alternadas. O arco da nave central, com um pequeno corpo d'igreja de construcção moderna, formam a igreja actual; o arco do lado do Evangelho com outro appendice formam a sacristia, casa de arrecadação e baptisterio; o do lado da Epistola está destacado da igreja, ainda completo, posto que bastante arruinado. A casa de residencia do parcho foi edificada sobre parte das ruinas do mosteiro, porque alli se vêem ainda restos de paredes da mesma fabrica dos arcos e algumas portas em arco romano. As paredes do adro assentam tambem em restos das paredes lateraes do corpo da igreja antiga, cuja abside está ainda completa.

Encarregado pelo sr. dr. Martins Sarmiento, em janeiro de 1887, de indagar se no adro da igreja de Castro d'Avellãs existiriam duas aras devotadas ao deus Aerno, fui áquelle local e não encontrei nenhuma das referidas aras. Encontrei no cemiterio, quasi de todo enterrada, uma bonita lapide funeraria de bello marmore branco com a seguinte inscrição:

palma
palma palma
D M
PROCVLEIO
GRACILI
ANNORVM LV
STTL (1)

Encontrei tambem dentro da igreja, meio mettido na parede, o tumulo do conde d'Ariães ou de Aries Anes. Em Castro d'Avellãs ha uma ponte com o nome de ponte d'Ariães (2); junto á povoação umas pro-

(1) O AN da quarta linha ligados.

(2) E' romana e de tres arcos.

priedades chamadas — terras do conde — e ao sul da povoação, a distancia de um kilometro, umas propriedades denominadas — o condado —. O tumulo tem a data de 1300 (éa).

Sobre as humberias da entrada do adro da igreja existem dous leopardos (?) de um metro de comprimento, talhados em granito, que, apesar de grosseiramente esculpidos, tem uma expressão de ferocidade bem caracterizada. A julgar pela exculptura são de tempos visigoticos.

Voltei para Bragança, e dei conta ao snr. Martins Sarmiento do que tinha encontrado em Castro d'Avellãs. Respondeu-me o seguinte:—logo que na inscripção não appareça o nome Aerno bem claro, ou de qualquer deus lusitano (não romano) incluindo algum deus Lar, evaporou-se o desejo de qualqner conquista.

Todavia, estas interessantes coisas têm seus feitiços: a importância do mosteiro, as suas ruinas de aspecto tão antigo, as aras que alli existiram, a lapide romana. o tumulo do conde d'Ariães, embora do seculo XIV, os leopardos de granito, a lenda do tumulo de Caio Sempronio encontrado em 1591 a quatro kilometros a NO. de Castro d'Avellãs, em Castrellos, com nove mil moedas d'ouro do tempo d'Antonino, o nome e belleza do local; tudo isto me affluiu ao espirito, e resolvi lêr o que podesse encontrar em Bragança a respeito de Castro d'Avellãs, e voltar lá depois.

Foi a Memoria sobre as ruinas do mosteiro de Castro d'Avellãs de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, publicada no quinto volume das Memorias da Academia Real das Sciencias em 1783, que me serviu de guia, e que por isso passo a extractar:

«...Qual não foi o meu espanto, quando ao lado da Epistola vi um marmore de quatro palmos de altura e dois e meio em quadro, no alto do qual havia uma abertura, ou buraco de meio palmo de comprimento e quatro dedos de largura; e á roda d'este buraco uma rasgadura, que mostrava que era para alli encaixar uma peça. Tudo isto indica que aquelle marmore era uma ara e que aquelle buraco era onde se intro-

duzia a peça de metal em que se accendia o fogo para o sacrificio A inscripção é concebida na fórma seguinte:

DEO
AERNO
ORDO
ZOELARVM
EXVOTO

« Não podemos duvidar que seja uma dedicatória d'aquella ara a Deus Æterno. Pois que Aerno não pôde deixar de ser uma abreviatura de Æterno. Na parede de uma casa de Castro d'Avellãs se acha outra pedra que tem palmo e meio de altura e um de largura: mostra ser remate de pedra maior e tem á roda alguns lavoires e uma inscripção mutilada, na qual se deixa unicamente perceber o seguinte:

DEO AR
NOM
ACIDI

«O dono da casa, em cuja parede se vê esta inscripção, me informou que elle a achára em uma parede velha do mosteiro, e que fazendo a sua casa de novo, a transportára para a dita parede para a conservar, e que tambem constava que se tinha achado outra igual em uma antiga igreja que fica em um outeiro junto áquelle logar.»

Accrescenta ainda Ribeiro de Sampaio que fallando com um erudito sobre este assumpto, elle discorrera assim—Ordo quer dizer Curia, Senado, Republica, etc. Du Cange.—Zoelarum é nome nacional de que se lembram os AA. da Geographia antiga na divisão das Hespanhas. O abbade Baudrant diz no seu Lexicon geographico—*Zoelæ populi Hispanie Terraconensis in ora Arturum quorum Urbs Zela.*

«O abbade Langlet, tratando da geographia antiga na primeira divisão da Hespanha em ulterior e ceterior, subdivide esta, que tambem se chama Terra-

conense, em vinte e oito povos ou nações, das quaes a segunda era a dos Astures, que subdivide novamente em Astures Transmontanos, que são os Astures de Oviedo, e Astures Augustanos, cuja cidade principal era Astorga, e a esta região pertencia Bragança com o nome de Brigæcium Brigæciorum, onde os geographos suppõem os povos Zoelae: e mal se poderia duvidar que estes Zoelae fossem os habitadores de Castro d'Avellãs, á vista da inscripção que alli apparece. e talvez ainda se descubra que Castro d'Avellãs foi a cidade Zoelae.»

«Supposto a verosimilidade d'aquellas conjecturas, devemos discorrer que, sendo aquelle monumento romano, isto é, latino, foi feito por povos de dominação romana, ou fossem de municipios ou de colonias, que fundando-se o mosteiro de S. Salvador de Castro d'Avellãs, onde aquelle monumento se achava no anno de 667, tempo em que aquelles territorios eram occupados pelos godos, seria n'aquelle sitio achado o monumento e conservado pelos monges como uma antiguidade, e para maior recato posto na igreja, como vemos praticado em Braga e n'outras partes d'este reino.»

Viterbo transcreve tambem a inscripção da ara da ORDO ZOELARVM; tenta porém alterar a palavra AERNO, dizendo que deve ser AVERNO, deus dos infernos; d'onde conclue que os povos zoelas prestariam culto a Plutão, e accrescenta: «Ora não é de crêr que esta pedra fosse adduzida de muitas leguas de distancia para este sitio: portanto devemos presumir que os zoelas de quem aqui se faz menção habitaram não longe d'este logar. E sendo certo que na primitiva lingua dos hespanhoes sempre Briga significou cidade, fica natural se dissesse Zelobriga ou Celiobriga, esta cidade ou notavel povoação dos Zoelas; e que esta nos offereça ainda alguns vestigios não longe do Sabor.»

Diz tambem na nota (1): «E' logo bem de presumir, que no *Sitio* ou *Aro* de Bragança existiu alguma cidade, na qual a Ordem dos Negociantes ou Artistas dos Zoelas, dedicaram aquella Memoria a Plutão.»

(1) Elucidario.

O medico Antonio Pires da Silva, que era natural de Bragança, na sua obra intitulada *Chronographia Medicinal das Caldas d'Alafões* diz que na igreja de Castro d'Avellãs existe uma ara consagrada a Deus Eterno.

Voltei, pois, a Castro d'Avellãs em melhores condições de servir o meu amigo, o snr. Martins Sarmiento, tomando como principal guia a Memoria de Ribeiro de Sampaio, e disposto a examinar interior e exteriormente todas as casas de Castro d'Avellãs, se necessario fosse.

Soube, depois de minuciosas indagações, que a ara da Ordo Zoelarum fôra extorquida á parochia de Castro d'Avellãs pelos irmãos Assis em 1846, quando um d'elles era administrador do concelho de Bragança, e que d'ella mandaram fazer uma urna para collocar sobre um mausoléo da familia, que existe no cemiterio de Bragança, e que hoje pertence á familia de José Castro Ledesma, filho de um dos irmãos Assis.

Fiz algumas averiguações infructiferas afim de descobrir a outra ara; mas finalmente disse-me um individuo da localidade que n'uma casa á entrada da povoação havia uma pedra branca mettida na parede. Pedi-lhe immediatamente que me conduzisse a essa casa. Lá estava o monumento, o mesmo de que falla Ribeiro de Sampaio, mettido na parede de uma casinha de uma só janella: li da rua, á distancia de cinco ou seis metros, a inscrição seguinte:

palma
palma palma
DEO AER
NO. M
.ACIDI

O monumento está partido pelo meio das letras da terceira linha, e antes do A cabia ainda outra letra, pelo menos. Passados oito ou dez dias adquiri-o pela quantia de 1\$800 réis (A).

Apesar de ser um pouco tarde, não voltei para Bragança sem perguntar aos individuos que me tinham acompanhado n'aquellas averiguações se Castro d'Avell-

lãs era povoação muito antiga, e pedi-lhes que me contassem tudo o que a este respeito soubessem. Disseram-me que tivera antigamente sómente nove casas, e que os moradores d'estas vieram de um outeiro situado ao poente da povoação. As casas de Castro d'Avellãs estão todas alinhadas á beira de um caminho que conduz ás aguas thermaes, que estão a seiscentos ou oitocentos metros a NO. da povoação. A cavalleiro das primeiras casas que se encontram, indo de Bragança, existe um outeiro quasi inaccessible do nascente; está quasi todo coberto de carvalhos e entregue á cultura de cereaes em parte da rampa do sul e norte; este outeiro é denominado —a Torre Velha—; termina ao poente por um outeirinho que é a parte mais elevada e o extremo do outeiro da Torre Velha. A estes terrenos, seguindo sempre para o poente, succedem-se outros denominados —terras de S. Sebastião—ou simplesmente —S. Sebastião—; pertencem ao termo da freguezia de Gostei, que dista de Castro d'Avellãs cêrca de dois kilometros.

Os homens que me disseram que a povoação de Castro d'Avellãs fôra formada por nove casas, conduziram-me, a meu pedido ao outeiro da Torre Velha. A meia encosta do outeiro principiei a vêr fragmentos de telha de rebordo; chegando ao cume vi com abundancia fragmentos d'aquella telha e de discos de granito, que não eram senão peças de moinhos de mão, pedaços de ceramica grosseira e vermelha de importação. Tinha subido o outeiro da Torre Velha com bem fundadas esperanças de ahí encontrar vestigios de ruinas; não me enganei, pois eram tão abundantes que não duvidei de que a Torre Velha fôra a séde d'um antigo povo.

Era muito tarde e não tinha tempo de verificar a extensão das ruinas, porque o dia ia desaparecer. Apanhei alguns d'aquelles cacos e um pedaço de marmore branco, igual na côr e contextura ao da lapide funeraria que tinha visto no cemiterio de Castro d'Avellãs e ao do monumento do deus Aerno. No dia seguinte fui ao cemiterio de Bragança, e lá vi sobre o mausoléo da familia José Castro Ledesma, uma urna torta, e parece que desbastada á grossa, feita de

marmore igual em contextura ao do fragmento que trouxe da Torre Velha. Esta variedade de calcareo é granuloso, branco, de grãos não muito finos, crystalinos e pouco adherentes: não faltam nas ruinas fragmentos de marmore d'esta contextura e côr. E' provavel que haja pedreira nos terrenos das ruinas, porque encontrei alguns pedaços d'esta variedade com ganga e como que cuspidos da rocha. Entre Bragança e Castro d'Avellãs abunda a serpentina e o calcareo grosseiro debaixo de terrenos de transporte ou de marga. O marmore do monumemo ao deus Aerno é tambem granuloso, pouco puro, manchado de argilla.

Voltei ás ruinas, e verifiquei que se estendiam pelas terras de S. Sebastião. Quasi no meio d'estas terras ha uma pequena collina, separada do outeiro da Torre Velha por uma bem accentuada depressão de terreno, onde apparece tambem alguma telha de rebordo, grande quantidade de fragmentos de telha commum e muita pedra de mistura com a terra; na parte mais elevada da collina havia como uma mancha de caliça. Suspeitei desde logo que alli existiriam as ruinas da igreja de S. Sebastião. Observei que nos sulcos que as aguas das chuvas têm cavado no declive da collina está descoberta a pedra dos entulhos; o cascalho e os fragmentos de telha foram arrastados para o valle. Ha vestigios de ruinas na extensão de quatrocentos metros approximadamente, na direcção LO., a contar da base do outeiro da Torre Velha, isto é, da povoação de Castro d'Avellãs.

II

Informei o snr. Martins Sarmiento ácerca do achado da ara e da descoberta das ruinas; enviei-lhe os desenhos de dois objectos de bronze que eu tinha adquirido; um é uma fibula semelhante á que o snr. Martins Sarmiento encontrou em Sabroso, e que tem o n.º 97 na obra do snr. Cartailhac—*Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*. A fibula foi en-

contrada poucos dias antes na Torre Velha, no sitio onde principiei as escavações; o outro objecto tinha sido encontrado perto do mesmo sitio, poucos mezes antes, pelo dono da propriedade: parece ter sido tambem um fibula. N'este mesmo local encontrei á superficie do terreno muitos fragmentos de ceramica de importação.

Escolhi este local para fazer algumas pesquisas, marcando uma faixa de terreno á beira de uma seára de centeio e d'uma mata de carvalhos na meia encosta SE. do outeiro. Poucos dias depois recebi uma carta do snr. Martins Sarmiento, auctorisando-me a fazer escavações nas ruinas por conta da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, e pedindo-me que lhe cedesse os dois objectos de bronze que já mencionei.

Ao quarto dia de trabalho, com quatro homens, reconheci que estavam trabalhando dentro de uma casa, pois que tinhamos na nossa frente duas paredes convergentes construidas de pedra secca, e cujo ponto de concorrência estava muito proximo de nós. Emquanto não encontrei as paredes fiz a exploração com pouco cuidado: encontrei muita pedra, e tanta que me parece que destrui a parede da frente sem dar por isso: pareceu-me que eram entulhos, e tinha pressa de encontrar uma parede. Calcúlo que explorei sómente metade do interior da casa, levando a escavação rente com a rocha que estava coberta de lousas presas á rocha branda por pregos de ferro. Puz assim á vista a parede posterior N., encostada á rocha e que mede nove metros de comprimento sobre metro e meio de altura; a lateral a O., que tem sete metros de comprimento e outra média perpendicular á lateral a O. e distante da posterior quatro metros. A lateral a E. era muito baixa, porque d'este lado a rocha está quasi á superficie do terreno. No extremo O. do compartimento appareceram alguns ossos humano em estado de decomposição muito avançada; talvez fossem de dois cadavares, porque estavam separados em duas porções aos dois cantos do compartimento. Se os dois cadaveres foram allí enterrados, as sepulturas estariam orientadas na direcção OE., porque a parede a O. estava argamassada e pintada

de vermelho. No extremo E. do compartimento havia restos de carvão de carvalho, algum muito bem conservado, e alguns fragmentos de louça grosseira.

Os objectos de incontestavel interesse encontrados n'esta casa são: o remate de uma lapide romana contendo duas linhas de inscripção onde se lêem distinctamente as letras seguintes:

...ECI.
CORNELI.

o remate de outra lapide contendo sómente a roseta symbolica, dois pedaços de columnas, um contendo a base e parte do fuste, outro o capitel com parte do fuste, uma peça de bronze que seria a aza de um vaso do mesmo metal, a extremidade de um chifre de touro, que continha um objecto de bronze, semelhante a uma agulha com a cabeça achatada e furada. Apareceu tambem um bloco de marmore branco muito puro e da mesma granulação da dos cippos, e alguns fragmentos de louça d'importação. Não continuei com as escavações n'este sitio, porque a E. e N. a rocha está quasi á flôr da terra, e a O. havia uma sementeira de centeio (BB).

Mandei abrir vallas na pequena esplanada do cume do outeiro. O terreno tem n'este sitio apenas cinco ou seis decimetros de profundidade; encontrei ali restos de paredes, entulhos e ceramica grosseira com abundancia.

Disse que o outeiro, denominado vagamente Torre Velha, termina ao poente pelo outeirinho. No lado O. principiam os terrenos denominados S. Sebastião; n'esta direcção, e junto á base do outeirinho, que para este lado tem a rocha á v sta, vi, quando fiz o reconhecimento da extensão das ruinas, muita telha de rebordo, tijolos e fragmentos de argamassa.

Teria principiado as escavações n'aquelle sitio, se não tivesse tido difficuldade em tratar com o dono do terreno quanto lhe devia dar de indemnisação, pois que estava semeado de centeio. Effectuada o contracto verbal, chamei para alli quatro homens, que em poucos minutos de trabalho puzeram a descobrir-

to dois ou tres metros quadrados de um pavimento construido de argamassa grosseira, e tão consistente e liso, que julguei primeiro que era construido de granito. Reconheci desde logo que estavamos trabalhando no angulo do pavimento, pois que do lado E. topámos com um muro construido de pedra e cal, encostado ao outeirinho, e do lado N. resto de parede ao nivel do pavimento e formando angulo recto com o muro.

No dia seguinte verifiquei que o piso coberto de argamassa continha seis plintos de granito, dispostos em duas linhas, ambas na direcção NS., distanciados uns dos outros pelo intervallo de tres metros e meio, approximadamente. São formados de pedras de granito; as pedras que rematam cada plinto são inteiras, rectangulares, e as arestas horisontaes medem sessenta e oito centimetros cada uma. A superficie superior e horisontal d'estas pedras está a oito centimetros acima do nivel do piso de argamassa. A primeira pedra de cada plinto assenta sobre outra maior, a terceira, quarta e quinta camadas são formadas, cada uma, de duas pedras que vão successivamente augmentando de tamanho até ás que assentam sobre a rocha.

O piso de argamassa mede de N. a S. quatorze metros, e nove metros de E. a O. Do lado do nascente está bem determinado, porque ha ahi restos de parede encostado ao córte feito na rampa O. do outeirinho; ao norte ha vestigios de parede, mas debaixo d'esta parede appareceram mais dois plintos em novembro proximo passado, que o proprietario do terreno pôz a descoberto, quando andava tirando duas pedras do primeiro plinto do norte para as vender. Ao poente encontrei parte do pavimento destruido, e tendo feito algumas pesquisas para procurar terceiro alinhamento de plintos, não o encontrei: estas pesquisas foram feitas sómente até á profundidade de um metro.

Mandei abrir uma valla ao sul, perpendicularmente ao pavimento e proximo do outeirinho, afim de conhecer se alli haveria algum fosso, porque é este o ponto menos defensavel da Torre Velha, e para conhecer a que profundidade assentavam as ultimas

pedras dos plintões: encontrei rocha á profundidade de quatro metros, e vi tambem que a rocha do outeirinho tinha sido cortada quasi a prumo. Este córte pôz tambem a descoberto uma parede de um metro e vinte de espessura, construida de pedra secca e muito arruinada, e grande quantidade de entulhos quasi todos de pedra solta. Appareceram ahi varios objectos de ceramica, alguns dos quaes poderiam ter sido objectos d'adorno, e uma pequena moeda de bronze illegivel. As ruinas que acabei de descrever são innegavelmente restos de um muito antigo monumento, e é bem possivel que alli fizesse milagres o deus Aerno. Occupam a E. parte da rampa do outeirinho, que foi cortado a meia encosta.

O outeirinho é um cone de dezoito metros de diametro de norte a sul. A parte lêste e norte estava coberta de carvalhos, a oeste e sul é rocha; no vertice tem como uma corôa de carvalhos em torno de um buraco de pouco mais de um metro de diametro, e um metro e vinte de profundidade. Nunca tinha visto uma mamôa; todavia escrevi ao snr. Martins Sarmiento e descrevi-lhe o mysterioso outeirinho. Respondeu-me que me poderia ser uma mamôa, e que sendo assim, o buraco do vertice indicava que já teria sido revolvida talvez por sonhadores de thesouros, acrescentando que mandasse fazer a E. um córte perpendicularmente ao diametro OE., para procurar a galeria.

Mandei fazer um córte no sentido indicado, e encontrei uma paredinha em fórma de ferradura, feita de pedra secca e miúda com a parte mais saliente da curvatura para E. e os dois ramos na direcção O.; um dos ramos estava coberto de pequenas ardosias muito delgadas, seguindo quasi na direcção do vertice do outeirinho, que me conduziu a uma cova redonda de metro e meio de diametro, que estava cheia de pedras miúdas, e que mandei de-pejar até encontrar rocha. É uma casinha romana. O outro ramo conduziu-me a uma casinha quadrada construida de pedra secca, e que mede tres metros por lado.

Mandei alargar e profundar mais o córte perpendicular ao diametro EO., e encontrei n'um pequeno

espaço alguns ossos humanos e de cavallo em estado de decomposição muito adiantada, um instrumento de ferro profundamente oxydado, foi talvez uma fouce; tem trinta e tres centímetros de comprimento, incluindo o cabo, onde existem dois botões de ferro, que o prendiam á madeira, Appareceu tambem uma peça pequena de schisto com uma inscripção, que consta de duas linhas: a primeira é illegivel; no fim da segunda lêem-se distinctamente as letras seguintes. . NIX. Acima da inscripção ha um rebaixe limitado por duas linhas que se curvam formando ogiva, e na base da ogiva dois ornatos em relevo figurando ameias.

Se o outeirinho foi um monumento funerario, passou por differentes transformações. Os trabalhos effectuados n'este local das ruinas foram insufficientes para o demonstrar; faltou-me tempo, ou antes, faltaram-me meios pecuniarios para continuar as escavações n'este sitio. A rocha está á vista do lado do sul e poente, e o outeirinho seria formado do lado do nascente e norte por terra transportada para alli. Mandei entrar um homem com uma alavanca no buraco do vertice; a alavanca entrou com tanta facilidade até á profundidade de um metro, que tive de recommendar ao obreiro que tivesse cautela de não a deixar escapar das mãos. (4)

Mandei um obreiro a Gostei afim de chamar o proprietario do terreno onde eu suppunha que deveriam estar sepultadas as ruinas da igreja de S. Sebastião. No entretanto fui com quatro obreiros para uma terra que estava de pousio, contigua á seara de centeio onde tinha visto vestigios de ruinas. Mandei ahi abrir duas vallas, uma á beira da seara, perto dos vestigios de ruinas, outra a alguns metros mais distante e em sentido obliquo á primeira. Em ambas as vallas appareceram, á profundidade de meio metro, ossos humanos em grande quantidade dispostos em camadas separadas por lages e sem resguardos lateraes; n'uma superficie de vinte e oito metros de comprimento so-

(4) O outeirinho é uma casinha romana, redonda; existe, proximo do vertice, uma cisterna.

bre doze de largo mandei abrir vallas em differentes sentidos; em todas ellas appareceram ossos em maior ou menor abundancia. Encontrei ahi tres sepulturas cavadas em terra dura; em algumas vallas as ossadas chegavam até á profundidade de metro e meio.

Este trabalho foi feito rapidamente e só com o fim de determinar n'este sitio a extensão do cemiterio, que deve continuar por uma terra que estava então semeada de centeio, e onde não fiz pesquisas.

Encontrei n'aquelle local sómente uma moeda de bronze e um pedaço de estanho em pasta com uns buracos por onde teriam passado pregos.

Tendo obtido licença para fazer pesquisas na seara de centeio, principiei este trabalho no extremo de uma pequena mata de carvalhos, contigua á seara. Pareceu-me vêr entulhos n'este sitio, por isso tratei de verificar se ahi haveria ruinas. N'um córte que ahi mandei fazer, observei tres camadas de terra: a primeira de humus, a segunda de caliça e a ultima de terra misturada com fragmentos de telha commum. Segui a valla em sentido opposto á seara, e como os vestigios de caliça fossem desapparecendo, mandei trabalhar no outro extremo da valla, na direcção da seara. Em duas ou tres horas de trabalho appareceu uma parede de um metro e trinta de espessura, construida de pedra e cal, e pouco depois appareceu um angulo da parede. Era quasi certo ter descoberto as ruinas da igreja ou capella de S. Sebastião. Tendo determinado o outro angulo, achei que a parede era de cinco metros e meio. Mandei abrir uma valla perpendicularmente ao meio d'aquella parede, que me conduziu aos fundamentos do altar-mór; a mesa do altar tem um metro e oitenta de frente e estava destruida até quasi á base; foi construida de argamassa e schisto bem como os degraus da escada. No piso proximo da escada encontrei duas sepulturas construidas de lousas postas de cutelo e tampadas; ambas continham ossos e terra, que parecia ter sido crivada. Continuando com as escavações dentro da igreja e vendo que as sepulturas se succediam, todas construidas do mesmo modo, passei para o exterior e encetei trabalhos ao correr da parede do lado da Epistola. N'uma tira de

terreno de dois metros de largura sobre nove de comprimento encontrei algumas sepulturas com ossos, tampadas com lages e com resguardos lateraes e nos topos; ahi appareceram tambem dois tumultos ou ossuarios de granito em fórma de canôa. Poucos dias antes, tinha eu ido á povoação de Gostei, e ahi vi um tumulo igual, servindo de lavadouro; disseram-me que existia outro como aquelle na povoação da Castanheira: fui vê-lo; é igual aos outros e serve tambem de lavadouro. Disseram-me que tinham vindo de S. Sebastião; mas ninguem me pôde dizer em que tempo tinham sido alli encontrados.

Appareceram tambem no mesmo sitio quatro lapides, uma sem remate e inscripção, que por isso não aproveitei, outra com remate e parte da inscripção: o remate é uma roseta formada por tres diametros, cujos extremos dividem uma circumferencia em seis partes iguaes; os diametros são em linhas em relevo com uma curvatura em sentido opposto nos respectivos semi-diametros. (1) As outras duas lapides estão inteiras: têm respectivamente as inscripções seguintes:

1.^a
BLOEN
AE VIRO
NI ANN
LX (2)

2.^a
.....O
CILIF.A.A
N XXV

Estas lapides foram encontradas postas de cuteloformando as paredes lateraes de uma sepultura e com as inscripções voltadas para dentro.

Fiz tambem algumas pesquisas no adro para o lado do Evangelho e rente á parede da igreja. Encontrei ahi sepulturas construidas do mesmo modo, e

(1) E' a sewvastica flamejante.

(2) O AE da segunda linha e o NI da terceira ligados.

um tumulo de granito que foi primitivamente um milliario; tem uma longa inscrição muito apagada:

.....
...PRONI
...V..P.....	D.....M
IOT...DIVI	POS..DIVITRAI
.....
O.. II..M	M.....
.....	PA.....
O MAXIMO	CHR.....
O NII.. C.	MAX.....
O...X...VI	IMP.....
O...D...VI	

Este tumulo estava tampado e continha cinco craneos e os ossos mais graudos, como femures e tibias, correspondentes a cinco cadaveres de adultos, e mais alguns ossos, que certamente eram de criança de oito a dez annos d'idade; tres dos referidos craneos estavam acamados á cabeceira e dois aos pés.

Os esqueletos inteiros que encontrei fóra do adro da igreja de S. Sebastião, isto é, na terra de pouso, estavam dispostos no sentido da inclinação do terreno, SO.-NE. As sepulturas, de que já fallei, tinham a mesma orientação. Os ossos estavam muito decompostos. As sepulturas que explorei dentro da igreja e no adro estão todas na direcção OESTE, com os pés para E., em direcção opposta á da igreja, que tem a frente para O.

Depois da chegada de Borges de Figueiredo a Bragança suspendi as escavações durante uma semana, por causa da neve. Dispendi depois em quatro dias a quantia que me restava das duas verbas que me tinham sido enviadas pela SOCIEDADE MARTINS SARMENTO; e, trabalhando á distancia de seis ou oito metros da parte posterior da igreja de S. Sebastião, encontrei ahi sepulturas construidas como as que appareceram dentro e no adro da igreja. N'uma d'ellas appaeceu uma fibula de bronze, completa, e de

fôrma circular: a parte exterior do aro é em relevo de meia canna; a interna é plana. Apareceu tambem mais um milliario, servindo de tumulo; estava cheio de terra crivada, e não continha ossos; tem a inscripção seguinte:

IMP. CAESAR DIVI F.
AVG. PONT. MAXIM.P.
XVCOS. XIII TRIB. POT.
XXI. PATER PATRIAE. (4)

Os vestigios de ruinas continuam ainda até a duas fontes a oeste das ruinas da igreja de S. Sebastião. Disseram-me que junto d'aquellas fontes tem apparecido pedras de granito aparelhadas. A SO. das fontes existe uma explanada, parte cultivada e parte coberta de carvalhos; o terreno é ahi muito profundo, e conhece-se que tem sido formado por terra que as chuvas têm transportado das encostas dos cerros visinhos, que estão actualmente cobertos de vinhas ou entregues á cultura de cereaes.

Os trabalhos effectuados nas ruinas não são uma exploração; determinei apenas alguns pontos importantes; do presente relatorio se vê que não foi mais do que um reconhecimento. A insignificante quantia que dispendi nas escavações põe em evidencia que nenhum dos pontos, que determinei, foi devidamente explorado (D).

III

A sudoeste da extremidade occidental das ruinas, á distancia de um kilometro, está situada a povoação de Gostei na parte mais baixa de um pequeno valle. Subindo este valle, e percorrendo um kilometro encontram-se n'este espaço a Castanheira, Formil e S. Claudio. A cavalleiro de Formil existe um outeiro,

n'um estribo da Serra de Nogueira, denominado Castro de Formil, tem sido explorado como pedreira pelas povoações visinhas, e não me consta que ali haja vestígios de ruínas.

Ao sul de Gostei, no termo da povoação de Nogueira, e a um kilometro d'aquella povoação, ha um imponente outeiro; no cume d'este outeiro existe a ermida da Senhora da Cabeça. Encontrei ali ruínas romanas e alguns fragmentos de telha de rebordo e de louça grosseira e de importação.

A léste de Castro d'Avellãs, caminho de Bragança, ha um outeiro, cuja base O principia junto áquella povoação, e que tem approximadamente um kilometro de extensão; é formado por terrenos de transporte, argilla e pedras roladas, e separado de Bragança por uma planicie inculta de dois kilometros. Na explanada, que existe no cume do outeiro, ha vestígios de um fosso e de muro; tem o nome de Monte do Castro.

A cidade actual estende-se pela margem esquerda do rio Fervença que lhe fica ao sul; estenderam-na pois para nordeste e norte onde ha magnificas propriedades, e onde naturalmente haveria, como hoje ha, fontes e casas de campo. Para aquelle lado estão as propriedades que foram cêrcas de tres conventos e caminhos publicos com quatro fontes, duas das quaes foram construidas ha poucos annos; e sobretudo, aquelles terrenos são muito abertos, muito baixos e dominados completamente pela collina, onde existe a parte mais antiga da cidade actual, e pelas duas collinas que ficam a léste, onde não ha vestígios de ruínas como já disse. Não podia ter alli existido Bragança.

Por ultimo agradeço á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO a confiança que depositou em mim, pondo á minha disposição meios pecuniarios para fazer escavações nas ruínas.

Penhoradissimo para com o snr. dr. Martins Sarmiento pelos sabios conselhos e indicações que me deu antes e depois de principiar as escavações, é justo que eu declare que sem a sua iniciativa não seriam descobertas as ruínas; pois que foi elle que me pro-

porcionou occasião de eu ir a Castro d'Avellãs procurar as aras do deus Aerno.

Ao snr. dr. medico, Zeferino José Pinto, residente em Bragança, agradeço tambem o ter-me franqueado a sua selecta bibliotheca. Foi elle que me indicou a Memoria de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que me prestou o volume onde vem a referida memoria, e que me disse que a lapide M. Acidi devia existir ainda em Castro d'Avellãs; pois que elle ahí o vira na parede d'uma casa.

Bragança, 25 de março de 1888.

José Henriques Pinheiro.

NOTAS

A

Sampaio copiou mal a inscripção; as ultimas letras da primeira linha são AER, e não AR = os tres caracteres estão bem traçados. O remate do monumento tem de altura 0^m,34; largura 0^m,276; letras de altura 0^m,06.

B

A inscripção d'esta lapide foi transcripta por Borges de Figueiredo, no n.º 6.º da sua *Revista Archeologica*. Este senhor leu na 1.ª linha MAECIO, interpretação de puro palpíte; pois que as letras que estão antes do E não são legiveis, e parece-me que serão tres e não duas; a ultima póde ser um O: a ultima da 2.ª linha offerece tambem duvida.

CONTA

Datas		Despeza	Quantias
Fev.	20	Ara do deus Aerno.....	1\$800
»	»	5 geiras a 290.....	1\$450
»	27	19 ditas »	5\$510
Março	6	20 ditas »	5\$800
»	13	30 ditas »	8\$700
»	11	Por um telegramma	450
»	24	s4 geiras a 290.....	6\$960
»	»	A um policia (dois dias).....	800
»	»	Carreto de um tumulo de granito	500
»	27	5 geiras a 290.....	1\$450
Abril	3	18 ditas »	5\$220
»	4	Pelo carreto de um tumulo de granito e gratificação a quatro homens que ajudaram a descarregal-o.....	700
»	»	A um policia	400
»	10	Em pesquisas na villa (4 geiras)	1\$160
»	»	Indemnisação ao dono da terra das ruinas do templo romano.	2\$000
»	24	A um homem que ajudou a levantar a planta do terreno das ruinas.....	200
Maiο	20	Embalagem das lapides e mais objectos.....	900
»	»	Transporte para o carro e para o Pinhão.....	1\$860
»	»	Ao snr. Albino Vidal (custo da Vaquinha)	12\$000
Total....			58\$760
Receita			
Importancia de dois vales.....			58\$000

José Henriques Pinheiro.

Borges de Figueiredo, disse-me nas ruínas: «Quando a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO largar, diga-m'ò, e você vae ser encarregado pelo snr. Ministro do Reino de continuar com as escavações, visto a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO não continuar com a exploração». Não sei que motivos levaram a SOCIEDADE a abandonar tão cedo as escavações: suas razões devia ter para assim proceder, e é certo que m'as não disse, nem eu disse qualquer coisa que implicasse o eu querer indagar os motivos por que assim procedeu. Recordo-me que o snr. Martins Sarmiento me disse que a SOCIEDADE tinha deliberado suspender as escavações, visto ter-se esgotado a verba votada pela SOCIEDADE para escavações.

Aconteceu, porém, passar em Bragança o snr. Nery Delgado, que seguia para as pedreiras de mármore do Vimioso. Procurei-o no hotel Bragança; fiz-lhe uma exposição do que fiz e do que entendi devia fazer-se; e mostrei-lhe os desenhos de todos os monumentos que appareceram nas ruínas. Estes desenhos foram feitos á penna e copiados do natural, por meu filho (1).

O snr. Delgado disse-me, á vista do que lhe expuz a respeito das ruínas, que era necessario que Paula e Oliveira fosse ver as ruínas, e no dia seguinte fui prevenido para ir com Poula e Oliveira a Castro d'Avellãs. Tendo lançado a vista pelas ruínas, disse:—O que aqui temos! que mina para investigações anthropologicas. E accrescentou:—Em abril aqui estou. Você continuará as suas investigações na parte romana, e eu tomarei a meu cargo o estudo dos esqueletos de S. Sebastião.

Viu n'um relance os plintos do templo romano a casinha redonda, bem romana, e as ossadas de S. Sebastião.

Em 25 de março foi publicado o meu Relatorio sobre as ruínas; enviei um exemplar ao snr. Nery Delgado e outro a Paula e Oliveira. Escrevi a ambos

(1) Confiei-os ao snr. Cristovam Ayres quando esteve Governador Civil em Bragança: apesar de lh'os pedir já por duas vezes desde que estou no Porto, ainda não m'os restituiu.

para a repartição de trabalhos geologicos. O snr. Nery Delgado respondeu-me que o infeliz sabio estava prostrado no leito para não mais se levantar, accrescentando que lhe não tinha entregado a minha carta e o exemplar do Relatorio sobre as ruínas, por que sabia que isso lhe ia fazer mal.

Desappareceram todas as minhas esperanças; mas ainda assim, escrevi ao snr. Delgado, pedindo-lhe que visse se conseguia do governo que me fossem dados meios para continuar com as escavações, accrescentando que no caso de ser attendido o meu pedido enviaria para Lisboa os esqueletos que encontrasse em S. Sebastião, e devidamente acondicionados, pois que eu não tinha os conhecimentos que requerem trabalhos d'esta natureza. Quanto aos meios que pedi deu-me poucas esperanças, ou nenhuma; disse-me em carta de 21 de janeiro de 1889, o seguinte: — «Na proxima primavera sou obrigado a ir a Traz-os-Montes, e tenho occasião de conversar com V. sobre este assumpto quando passar em Bragança; como até então, por causa do tempo a exploração não poderá fazer-se, não haverá grande inconveniente em esperar que quando eu regresso a Lisboa, procure o snr. Navarro e lhe lembre a conveniencia de não abandonar ao olvido as interessantes descobertas de V., pois, antes é de justiça animal-o a progredir. Cumpre-me, todavia, declarar desde já a V. que nenhuma indicação especiaes poderei dar-lhe, porque nunca fiz explorações d'essa natureza; mas terei muito prazer em prestar-lhe qualquer auxilio que julgue eu possa dar lhe.»

Os donos dos terrenos de S. Sebastião cubiçavam a pedra das sepulturas e da igreja. Fiz quanto pude para salvar o que alli havia: não o pude conseguir. Os proprietarios d'aquelles terrenos aproveitaram a pedra para vedar propriedades. Todos aquelles entulhos foram revolidos. Até as ossadas desappareceram. Tudo uma vergonha, uma perfeita profanação! Os plintos do templo romano existem ainda, porque comprei o terreno em que foram encontrados. Quanto ao mais, foi tudo revolvido, principalmente a pedra. Esta foi empregada quasi toda para vedações.

N'esta conjunctura entendi que poderia apparecer mais algum monumento lapidar nas immediações de Castro d'Avellães; encontrei na igreja de S. Claudio, séde da freguezia a que pertence Castro d'Avellães, o monumento consagrado a Tiberio Claudio e um cipo funerario dedicado a Flavio Fronto. Estas duas inscripções publiquei-as em julho de 1889 na *Revista da Sociedade Martins Sarmiento*, e com o titulo seguinte:

Duas inscripções romanas ineditas

N'uma excursão que fiz ha tempos com o fim de vêr o castro de Formil, informaram-me de que na igreja de S. Claudio, matriz da freguezia formada por aquella povoação e pelas de Gostei e da Castanheira, se mostravam as reliquias de S. Claudio, que, segundo por alli dizem, fôra degollado pelos mouros, perto de Formil, no sitio onde me mostraram uma cruz. Disseram-me tambem que na referida igreja havia uma pedra com o nome do santo.

Pouco tempo depois pude obter uma cópia da inscripção, onde apenas pude lêr a palavra Claudio, precedida de um traço vertical com um appendice horizontal. Suspeitei desde logo que na inscripção se tratava do imperador Tiberio Claudio.

As tres povoações que formam a freguezia de S. Claudio estão situadas n'um valle, que segue, subindo, a direcção léste-oeste. No fundo do valle, perto de Bragança, ha uma extensa veiga (prados de Nogueira), que é dominada pelo castro da Senhora da Cabeça (1). Este castro é um estribo da serra de Nogueira, e vigia a entrada do valle de Formil. O castro de Formil defende, ao poente, o valle, e, com o da Senhora da Cabeça, estabelece communicação facil com a serra de Nogueira.

(1) Vid. o meu Relatorio sobre as ruínas.

A igreja de S. Claudio está á distancia de uns trinta a quarenta metros abaixo da cruz que já mencionei. E' antiga, e tem passado por differentes transformações: tem duas portas, ambas de padieiras rectas; n'uma, porém, deixaram o arco romano que tinha antes do ultimo concerto que lhe fizeram. Creio que foi primitivamente uma ermida, pois que quasi todas as ermidas que por aqui tenho visto têm aquelle feitio.

Entrando pela porta lateral, vi a inscripção mettida na parede fronteira, entre o pulpito e o côro; está toda coberta de cal lisa. Os traços que formam a palavra—Claudio—, e bem assim outros que não formam palavras completas ou abreviaturas, estão cobertos com tinta de oleo e rôxo-rei.

Com permissão do parochio da freguezia, e auxiliado por dois homens, subi a um cavallete que alli existia para me collocar á altura precisa e poder examinar a pedra e a inscripção. Com a ponta de um canivete puz á luz do dia todas as letras que compõem a inscripção, que é como se segue:

N.º 1

TICLAVDIO
CAESARI
AVGGERMA
NICOIMP.

Está gravada n'uma pedra de granito de 0^m,89 de altura e de 0^m,68 de largura. O corpo da letra é de 0^m,07.

Pelo exame que fiz, e pelas informações que me deram varias pessoas que viram o monumento quando foi encontrado, o cippo é um parallelipedo. Foi encontrado debaixo do altar-mór da igreja no anno de 1882, sendo presidente da junta de parochia o sr. Albino Guilherme Nogueiro, proprietario de Gostei. Estava na posição vertical com a inscripção voltada para o corpo da igreja.

Desde logo suppuzeram que alli fôra depositado

o corpo do santo e que o monumento era a lapide funeraria do seu tumulo. Disse-me o sr. Albino Guilherme Nogueiro que o cippo fôra guardado de noite e de dia, para que ninguem lhe tocasse, até ser collocado onde actualmemente está, e que algumas das pessoas que tinham ficado na igreja durante a noite, declararam que tinham visto o santo, e acrescentou que elle não o tinha visto. E' fora de duvida que tudo o que se fez e disse foi na melhor boa-fé; foi tudo devido ao enthusiasmo e fervor religioso; foi allucinação n'aquella boa gente.

O FLOSANCTORUM diz, tratando das *Fiestas y santos de Espanha*:

«San Claudio, Lupercio y Victorio, hijos de san Macelo, padecieron su martyrio en Leõ. Mandolos degollar, por no darles la gloria del mucho padecer, Deogeneano, Presidente en Gallizia por Deocleciano. Sus coerpos estan allí en Leõ en un monasterio de la orden de san Benito, llamado de san Claudio, puestos en arcas ricas en el retablo de el altar mayor. Tiene-se por cosa mui cierta en este Monasterio, que quando el Rey Almançor tomó la ciudad de Leõ, quiso entrar en aquel Monasterio, y rebentò el caballo. Y movido el Moro, por este milagro que Dios hiso por sus santos martyres, no permitiò se hiziesse daño en el Monasterio. Y assi com sus monges se conservò y librò de otros trabajos que en la destruyçiõ de Espanha sucedieron. El martyrio de estos santos fuè a treinta de Octubre, por los años del Señor, de dozientos y noventa y nueve, imperando Deocleciano y Maximiano».

Noto as seguintes aproximações entre a vida de S. Claudio e as lendas ou tradições, que por aqui se repetem a respeito do santo e do mosteiro:

O santo foi degolado; foi sepultado n'uma igreja com a invocação de S. Claudio e ahi se mostram as suas reliquias; o mosteiro de Castro d'Avellãs era tambem de beneditinos; feriu-se uma grande batalha entre mouros e christãos na Veiga de Grandaes, cujo nome se diz que é contracção de *grandes ais*; o mosteiro foi sempre respeitado, ainda nas maiores assolações praticadas pelos godos e pelos arabes.



A inscripção n.º 2 existe em Lagomar, servindo a pedra de tanqueiro á porta que dá entrada para o cemiterio. Esta povoação está assente a noroeste de Castro d'Avellãs, a pouco mais de um kilometro, n'uma cova formada por um monte que se curva em forma de ferradura com a abertura para lêste; segundo diz Pinho Leal é povoação antiga, e tinha em 1757 trinta fogos. Tem foral de 1257, dado por D. Affonso III em Santarem. No foral vem com o nome de Lagomão. Está em terreno enxuto e bastante inclinado; descendo, porém, para nascente, a meia distancia da povoação e do Monte do Castro (1), ha um prado d'alguns hectares de extensão, muito pantanoso e apaulado; d'ahi provém talvez o nome Lagomão. Em 1501 já tinha o nome de Lagomar: *Parte pelo rio (ribeira de Grandaes) a práo á moenheira velha, e desy pelo Carril, que vai ao forno telheiro, e desy pela verêa, carreira a festo, e desy como se vae á verêa de Lagomar. Tombo de Castro d'Avellãs de 1501. Doc. de Bragança.* (Elucidario de Viterbo, palavra Carril) (2).

N.º 2

FLAVO
FRON
ANLXV

Altura da pedra.....	0 ^m ,5
Largura.....	0 ^m ,35
Corpo da letra.....	0 ^m ,068

A pedra está partida, obliquamente ás arestas, pelo terço superior da roseta, e perpendicularmente

(1) Castro situa to á entrada da Veiga de Grandaes defronte da Torre-Velha. Fiz d'elle menção no meu Relatório sobre as ruinas.

(2) Os nossos auctores dizem — Tombo de Castro d'Avellãs—; deve dizer-se:— Tombo do mostei o de Castro d'Avellãs —. O mosteiro foi extinto por bulla de Paulo III, e só muito depois apparece o nome Castro d'Avellãs como povoação. O archivo veio para Bragança na occasião da extincção do mosteiro.

por baixo da inscripção. A inscripção está em bom estado.

Disseram-me que o cippo tinha vindo da capella de S. Thiago, ha dezoito annos, na occasião em que andaram concertando a igreja e construindo o cemiterio, accrescentando que vieram para alli mais *pedras com lettras*, que ficaram mettidas na parede da igreja!

Vi as ruinas da capella de S. Thiago: são um monte de pedras miudas. Estão situadas a trezentos metros a nordeste de Lagomar, a meio caminho da povoação de Donae.

Ao poente das ruinas da capella de S. Thiago, a uns trezentos metros de distancia, para poente, mas em sitio mais elevado, está Sabariz, ou Quintas de Sabariz. E' um grupo de dez ou doze casinhas meio occultas por entre o arvoredos. No verão é estancia de uma frescura deliciosa.

Parece-me certo que o monumento de Tiberio Claudio foi transportado das ruinas de S. Sebastião ou da Torre-Velha para a igreja de S. Claudio, que dista uns mil e quinhentos metros das ruinas. Em Gostei e na Castanheira, um pouco mais proximas, existem os dois tumulos de granito servindo de lavadouros, que mencionei no meu Relatorio, e é tradição que foram transportados de S. Sebastião para aquellas povoações. Os dois tumulos que encontrei em S. Sebastião existem em Gostei; levou-os para lá o dono da propriedade em que appareceram. Os milliarios pertencem á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO; conservo-os ainda em minha casa.

A lapide funeraria de Flavo creio que não procederá de Castro d'Avellãs. Tenho feito pesquisas afim de descobrir d'onde podesse vir. Até ao presente nada tenho podido conseguir a este respeito; disponho de pouco tempo e faltam-me meios pecuniarios.

Bragança, 12 de julho de 1889.

José Henriques Pinheiro.

Tinham decorrido cerca de dous annos; voltei a Lagomar, de onde segui para as ruinas da Igreja de S. Thiago, e d'este ponto dirigi-me para a matta de Donai. Soube ahi que existia n'aquella matta um grupo de carvalhos n'um espaço de terreno de fórma elliptica e que tinha o nome de—o Sagrado! Este terreno não tem dono, não pertence á igreja nem a particulares, e é por todos os de Donai respeitado. Não se pôde duvidar que isto é uma tradição dos Loca Sacra.

Percorri varias vezes os terrenos que pertencem a Donai, a Sabariz e a Lagomar; e por vezes me chamou a attenção um monticulo que existe entre Lagomar e Denai: é uma anta que não era conhecida, e tem o nome de Tombeirinho. Foi por mim explorada, e os uteis, machados de pedra, facas de sílex, um percutor, etc., existem no Museu Martins Sarmento. Este monumento é propriedade d'esta sociedade. Darei brevemente conta da exploração a esta sociedade. E' de notar que ha tambem em Bragança, dentro da cidade, um pequeno largo chamado Tombeirinho.

A respeito da inscripção de Tiberio Claudio diz o sr. Emelio Hübner o seguinte no Indice das inscripções latinas da Hespanha, supplemento:

6:217. Freguezia de S. Claudio, prope Formil Gostei et Castanheira, non procul à Bragantia (Trazos-Montes) olim subter altare majus, jam in parieti inter pulpitum et corum, lapis granitio, altus m. 0,68; latus 0,68; literis altio m. 0,07.

T. CLAVDIO
CAESARI
AVG. GERMA
NICO IMP.

Pinheiro rev. Lusitana VI 1889 p. 535. q. v et provenisse ex ruinis de S. Sebastião. Dubito de dativo.

Tratando Sampaio das aras de Castro, diz que constava ter apparecido uma pedra igual nas ruínas de uma antiga igreja. Julgo muito provavel que a pe-

dra de que falla Sampaio fosse o monumento de Claudio. Não duvide o illustre archeologo que a inscripção de Claudio esteja no dativo: todas as letras da inscripção estão muito bem gravadas.

No mesmo supplemento (extracto) diz o seguinte a pag. 994:

V Via Bracara Asturicam altera p. 639 n. 4.799 (v supra 5.560 4.797).

cui hic addendi sunt milliarium ferre panci debentur fere Francisco Martins Sarmiento et effossionibus a Societate Vimaraniensi instituti.

6.215 Castro d'Avellãs, a distancia de seis ou oito metros da parte posterior da igreja de S. Sebastião marco milliarium servindo de tumulo.

IMP.CAESARDIVIF
AVG PONT MAXIMO
XV COS XIII TRIB POT
XXI PATER PATRIAE

Pinheiro, *Revista de Guimarães*, V 1.888 p. 84.

V. 3 Sarmiento intellexit pro XV scribendum esse necessario XIV.

6.216 Castro de Avellãs, rep. no adro da igreja de S. Sebastião para o lado do *evangelho e frente à parede* da igreja; servatur no pateo da casa de José Henriques Pinheiro, milliarium altum m. 2, diametri 0,56; literis altio m. 0,8.

Constam do Relatorio sobre as ruinas as letras que contem este milliarium. São duas inscripções com a maior parte das letras sobrepostas. E allí tudo o que diz é absurdo; lêsse, porém, bem POS-DIVTRAI-PRONI MAXIMO. IMP. etc.

Ha ainda no supplemento outro ponto que é necessario esclarecer: diz respeito ao milliarium de Augusto. O milliarium de Augusto diz na 2.^a linha MAXIM.P e não MAXIMO. Na occasião em que se estava imprimindo o meu Relatorio sobre as ruinas fiz esta obser-

vação ao sr. Martins Sarmento e n'essa occasião disse-me o seguinte: «Mas, pelo que vejo, no final da 2.^a linha temos com certeza, á vista da sua observação MAX (imus) (IMP) (erator), nome e titulo estão todos em nominativo». O erro não é insanavel; pois visto publicar agora o meu Relatorio sobre as ruínas de Castro d'Avellãs, aqui declaro que a ultima letra da 2.^a linha do padrão de Augusto é um P e não um O. O sr. Sarmento diz ainda na segunda carta que me escreveu sobre este assumpto: — «Ainda fiz todas as diligencias para sustar a impressão, mas não fui a tempo; lá sahiu no ultimo numero da *Revista*.

Estes milliaros estão actualmente na cerca da Escola Industrial de Bragança. No sitio onde antes estiveram havia falta de luz, e só depois de collocados na Escola Industrial, pude lêr no de Augusto a seguinte indicação de distancia—CL, a que se segue um X, ficando assim CLX; d'este X resta só a metade voltada para o L. Como o milliaro serviu de tumulo, e porisso está cavado, abriram-lhe um buraco para escoamento da agua. O buraco tem cerca de um decimetro: o furo que lhe fizeram comprehende a outra metade do X, e ahi deviam existir mais dois X, porque o milliaro deve marcar CLXXX. Fica assim restaurada a inscripção, pois que a somma das partidas desde Braga a Castro d'Avellãs é de cento e oitenta mil passos ou quarenta e cinco legoas, e tenha-se presente que de Braga a Castro d'Avellãs as distancias de estação a estação vão marcadas segundo o codice, exceptuando a etape de Braga a Salacia ou Salamonde que segundo o codice é de cinco legoas e não de seis. E' este o unico erro que ha no codice desde Braga até Castro d'Avellãs: tenha-se presente que a distancia de Braga a Salamonde é dada por uma recta traçada de Braga para Salamonde.

A etape de Compleutica ou Sacoias a Vinhaes é de seis legoas e uma milha, uma legoa de Sacoias a Rabal, mais duas a Castro d'Avellãs, medidas pela recta traçada de Rabal para Castro d'Avellãs, recta que passa por Meixedo e ruínas de Brigantia. A distancia de Castro d'Avellãs a Vinhaes, que é a Veniatia do Itine-

rario, é dada pela recta que liga a povoação de Castro d'Avellãs com Vinhaes. A marcha de Castro d'Avellãs para Vinhaes devia necessariamente effectuar-se, partindo de Castro d'Avellãs por Gostei, S. Claudio (Formil), Castro de Formil, a que chamam também Feira dos Mouros: tem uma corôa de oitenta metros de diametro; devia seguir do Castro de Formil por Alimonde, para o famoso Castro d'Ouzilhão.

Se traçarmos uma recta de Ouzilhão para Vinhaes, essa recta leva-nos ao castello de Vinhaes e atravessa o Tuella n'um ponto a que chamam S. Jorge. Na margem esquerda existe Nunes. A estrada romana devia passar necessariamente em Nunes ou em Ouzilhão.

Sabia, porém, que em Nunes não ha ruinas romanas; ha muito que conheço as ruinas do Castro d'Ouzilhão. Este Castro é o maior que tenho visto e com mais vestigios de ruinas. Existe em todo o Castro ceramica romana e de exportação em abundancia, restos de columnas de granito. E' um dos arraiaes a que mais concorrem os romeiros, principalmente os do concelho de Bragança e os de Vinhaes. O de Formil não é menos extenso, mas nas investigações que alli fiz não encontrei vestigios certos de industria humana. Tem, sim, uma corôa de oitenta metros de diametro; mas nas pesquisas que alli fiz durante quatro dias vi apenas umas construcções de grandes cantos de pedra e de terra solta que me pareceram parapeitos enlaçados, semelhantes aos que menciona Villa-amil y Castro.

Segui, pois, as indicações de Folque e puz de parte o traçado por Nunes, que não me podia dar resultado accetavel, e tratei, porisso, de fazer investigações no Tuella afim de procurar vestigios da ponte romana, e não muito longe de Vinhaes. A distancia de Castro d'Avellãs a Vinhaes é de tres legoas e uma milha em linha recta, cujos extremos são Castro d'Avellãs e o castello ou a igreja matriz da villa de Vinhaes.

Do sitio onde existiu a ponte que ligava Ouzilhão com Vinhaes devia dirigir-se a via romana para o local onde actualmente existe o castello e a igreja ma-

triz. Esta parece ser muito antiga, a julgar pelo estado das paredes; o tecto é moderno e de madeira: pôde ser que fosse edificada sobre um templo romano.

O castello tem ainda muitos restos de muralhas; tem duas portas, ambas em arco romano e em muito bom estado. Igreja e castello estão ambos em sitio elevado e em posição facilmente defensavel, principalmente a leste, onde se vêem muitos restos das paredes que cingiam a Cidadella. Dizem que o castello fôra construido no tempo de D. Diniz.

A nordeste da villa existe um cêrro chamado Cidadella, está a cavalleiro da villa e ligado a esta por uma seria de contra-fortes que prendem á velha Vinhaes. A Cidadella é inacessivel pelo lado fronteiro á villa, é de facil accesso torneando-a pelo norte, pelo lado de Rio de Fornos. Fiz a accessão da montanha pelo lado de Rio de Fornos, povoação que fica ao norte de Vinhaes.

Ha no alto da Cidadella um grande espaço inculto, sem monte, a que chamam Arrabalde dos Mouros. Seria uma Feira dos Mouros como a corôa do Castro de Formil? E' tradiçãõ que a villa de Moncorvo, fôra o Forum Nabassarum. Argote situa estes povos entre Miranda e Freixo d'Espada-Cinta. Vinhaes está dividida em sete Bairros, e á corôa da Cidadella chamam o Bairro dos Mouros. Subindo para o cume da Cidadella ha um espaço de terreno inculto, com algum matto de carvalhos, mas raros de espaço em espaço, porque entre elles ha andares de defeza construidos com pedras soltas, cuja disposiçãõ em semi-circulo nos levou a crêr que aquella construcçãõ tinha por fim defender a parte da Cidadella voltada para a villa; pois que só por esta parte se pôde chegar ao cume d'ella. Esta construcçãõ está por tal modo disposta em semi-circulo, em cinco ou seis andares dispostos tão regularmente que não fica sombra de duvida de que tinham o fim que já indiquei. Acompanhava-me o sr. David Machado, escrivão de direito em Vinhaes, e auxiliando-n'os mutuamente, muito a custõ conseguimos atravessar os andares. Posto que extranho a cousas militares sei que é este um systema de fortificaçãõ

muito efficaz como meio de defeza, e de que fazem menção os livros de fortificação.

A Cidadelha está a 1027 m. de altitude, segundo Folque. A poucos metros da pyramide geodesica ha um casebre; é d'ahi que se vê Vinhaes, no fundo, no abysmo: Vinhaes é completamente inacessivel por este lado. O sr. Chaves de Lemos, escrivão de direito em Bragança, disse-me, alguns mezes antes de eu visitar Vinhaes, que na Cidadelha havia alguns bancos cavados na rocha, e que têm largura sufficiente para em cada um d'elles se sentarem duas ou tres pessoas; não os vi, esqueci-me de os procurar. Disse-me tambem que no prolongamento do morro, para sul, isto é, para o lado que olha para a villa, foram encontradas perto de duzentas moedas romanas de prata, com o pezo de 180 réis cada uma, e que a elle coubéra bom quinhão n'essas moedas. O sr. Campilho indicou-me tambem, quando estive em Vinhaes, o sitio em que foram encontradas aquellas moedas. Pinho Leal diz que na Cidadelha se encontraram em mil oitocentos setenta e dois muitas moedas romanas.

Baixámos da Cidadelha para Vinhaes pelo lado de Villa Verde, isto é, pela estrada velha que conduz de Villa Verde a Vinhaes.

A velha Vinhaes (Bairro da Villa) está situada a nascente da nova, e esta prolonga-se para sudeste, na direcção da estrada a Macadam que vae de Bragança a Chaves. A maior parte das casas estão voltadas para sul e de sorte que parecem uma varanda de onde se disfructa o bello e profundo valle em que estão situados os outros Bairros. Estes Bairros são uns villares constituídos por grupos de casas de campo. Alli tiveram, e têm ainda seus solares as familias mais graduadas de Vinhaes. Foi entre os Bairros e a Ponte da Ranca que encontrei as ruinas romanas, que já mencionei. ⁽¹⁾

Póde muito bem ser que aquellas ruinas sejam restos do solar do feliz senhor de Vinhaes; chamam

⁽¹⁾ A ponte da Ranca não é romana, como diz Pinho Leal: é do principio d'este seculo.

ao sitio das ruínas—a Vinha do Simão, e pôde por isso indicar que aquelle feliz senhor era ascendente da familia Pessoa de Vinhaes.

Os nomes dos Bairros são os seguintes principiando de oriente para occidente: Bairro d'Além, em S. Facundo, Bairro do Eiró, Campo, Couço, Formello, Bairro de Carvalhal, Os Bairros ruraes são estes; há além d'estes os dous da villa (villa velha e Vinhaes novo), e o Bairro dos Mouros na Cidadella.

Argote diz no livro 2.^o pp. 412: «Viniatia era uma povoação a seis legoas, (aliás seis e uma milha) indo d'esta para Astorga, como consta do Itinerario de Antonino. Não sabemos se era cidade, villa ou aldeia, nem o sitio preciso onde estava, e consequentemente ignoramos se pertencia á Chancellaria de Braga ou á de Astorga, mas como quer que fosse servia de raia ou a uma ou a outra, e estava em tal ou qual visinhança da Poeblla de Sanabria, como veremos quando descrevermos a via militar que de Braga passava por Chaves e acabava em Astorga. O nome não se percebe se era nacional ou romano.» Diz mais. D'aqui por diante já não podemos discorrer com segurança na descripção da estrada, e é necessario valer-mo-nos da estrada actual para formarmos o discurso sobre a antiga; «levando porém bem sabido que a via militar devia passar por Vinhaes.»

Se Argote seguisse de Val-de-Telhas para Rebordões, seria mais feliz no seu trabalho; foi porém por Rebordello e perdeu-se ahi mesmo, a tres legoas de Val-de-Telhas.

Argote tinha, pois, como certo que Veniatia era Vinhaes; mas sabendo tambem que de Val-de-Telhas a Vinhaes são seis legoas e meia, e que o Itinerario diz que Val-de-Telhas a Veniatia são vinte e duas e um quarto, reconheceu que todo o seu systema ia errado; mas ficando todavia certo que a estrada romana passava por Vinhaes, no que estamos completamente de accordo, e é confirmado pelo milliario de Castro d'Avellãs.

XVI

Se lançarmos a vista sobre uma carta que comprehenda Vinhaes, Poebla de Sanabria e Astorga, veremos que ha dous caminhos que nos conduzem de Vinhaes á Poebla de Sanabria e que a distancia que medeia entre Vinhaes e a Poebla é de sete legoas metricas. Vemos tambem que da Poebla a Castrocomtrigo são sete legoas, e a mesma distancia ha de Castrocomtrigo a Astorga.

Ha dous caminhos que conduzem de Vinhaes á Poebla de Sanabria com sete legoas; um vae a Requejo, o outro passa em Paçó, Soeira, Gondezende, Espinhozella, Carregosa, Soutello, França, Portello e Santa Cruz d'Abraes, e por fim Poebla de Sanabria. E' por este que devia passar a estrada romana, é o que segue sempre a gente que vae de Vinhaes á Poebla. Paçó e Soeira eram pontos forçados da estrada, por causa da Ponte de Soeira; não o são actualmente, porque quando se construiu a estrada a Macadam de Bragança a Vinhaes, construiu-se uma outra ponte mais ao sul sobre o Tuella, e na estrada nova. O rio passa-se actualmente em Villa Verde, e d'ahi se segue, deixando Castrellos ao sul, para Gondezende, Espinhozella, etc.

Estive em Paçó em 1890, onde me demorei dois dias em pesquisas sobre o terreno. Encontrei a nordeste da povoação, n'um monte sobre o Tuella, ceramica romana e restos de um aqueducto. E' annexa a Paçó, Quintella de Vinhaes, que está quasi contigua a Paçó. Vi em Quintella uma columna de ordem toscana; estava servindo de tranqueiro n'um cunhal, na porta de um curral de uma casa que pertence á familia Moraes, que tem tambem casa em Soutello. A ponte de Soeira parece ser romana.

Paçó e Quintella estão em sitio abrigado, voltadas para sul. Desce-se de Quintella para a Ponte nova sobre o Tuella por tableiros enrelvados que

produzem um effeito pittoresco. Mas a estrada romana devia passar na Ponte velha, defronte de Soeira, que como já disse era ponto forçado, e d'ahi seguir para Castrellos.

Diz Moreri no seu Diccionario Historico: Bragança, fundada por Brigo 4.º Rei d'Hspanha em 2063. Ampliou-a Cayo Sempronio, pretor, cuja sepultura se achou em Castrellos em 1591, na occasião em que se andavam abrindo os fundamentos para uma Ermida. Continha a referida sepultura moedas de ouro do tempo do Imperador Antonino. Dizia assim:

SEMPRON. TVDIT
NVMORVM. IX. M.

Argote diz: Tambem em Chaves existia a familia dos Sempronios, porque na aldeia a que chamam Eiras, na parede da capella da igreja, existe uma pedra quebrada e com esta parte da inscripção:

SULPICIA
DOMOI ?
SEMPRONIO

O que disse no Relatorio sobre as ruinas de Castro d'Avellãs a respeito de Castrellos, soube-o por citações de varios auctores ou por informações. Visitei, porém, estas ruinas em 1893, e vou descrevel-as.

Esta povoação está situada a quasi duas legoas e meia de Bragança e a pouco mais de legoa e meia a occidente de Castro d'Avellãs. No ponto mais elevado d'esta estrada, e a pouco mais de uma legoa de Castrellos, ha um sitio a que chamam o Ladairo ou Ladarrio. Deixei á direita d'este ponto a estrada nova que conduz de Bragança a Castrellos e segui pela velha que corre a norte da nova, descendo sempre até Castrellos. Tendo-me dirigido para a igreja principiei ahi o interrogatorio, perguntando se havia na povoação ou perto d'ella alguma capella ou Ermida; insistindo sobre este ponto disseram-me que houve n'um sitio que me indicaram uma capella devotada a S. João. Tendo chegado ao local da capella, que está a pou-

cos passos da povoação, vi aquelle local alastrado de ossos, de craneos, de femures, tibias, etc. Tendo dado alguns passos, vi bem desenhados os andares de defeza de um extenso castro, mas apenas a metade exposta a occidente, porque o resto do castro está coberto por uma matta de carvalhos. O outeiro onde existem os andares de defeza não tem o nome de castro. Ora, é claro que o nome Castrellos não viria do castro de S. João; mas insistindo n'estas averiguações disseram-me que havia tijolos e argamassa n'um ponto que me indicaram a oriente da povoação. Encontrei n'esse sitio tijolos e argamassa, como me tinham indicado, e vi que n'aquelle sitio havia vestigios evidentes de fortificações figurando ameias, e que por isso aquelles grupos de penedos tinham sido collocados alli intencionalmente e como meio de defeza. Conclui tambem que o nome Castrellos dado á povoação provinha dos trabalhos de defeza effectuados n'aquelle sitio, talvez antes de existir o castro em S. João.

Conserva-se em Castrellos a lenda (?) que diz que alli assistira um *general* romano, cujo tumulo alli existira, e dizem que a pedra d'armas da casa d'esse general existia ainda ha pouco na parede de um moinho, no rio Baceiro. Procurei-a, mas não a achei; é de suppôr que fosse uma inscripção.

O rio Baceiro é o confluyente do Tuella que se vê entre Soeira e Castrellos. Vi proximo de Castrellos os restos da ponte sobre o Baceiro, que dizem ser romana: existem sómente os encontros.

A sahida da estrada por Villa Verde e Paçó parece pouco plausivel; mas é certo que é necessario descer de Paçó á ponte Soeira, e d'este ponto seguir por a ponte de Castrellos.

O traçado pelo norte, isto é, Vinhaes, Passó, Requejo, Poebia não póde admittir-se, porque de Passó á raia é tudo um pantano, e sobre isto é certo que o caminho de Requejo á Poebia de Sanabria é intransitavel para cavalleiros. A gente de Vinhaes segue sempre para a Poebia de Sanabria por Gondezende, Espinhozella, Soutello, etc. Em Soutello, Montezinho e França tinham os romanos as pedreira de granito,

as minas de ferro e as de estanho que estão ainda hoje em exploração.

Por estes motivos, e por outros que podia mencionar, a estrada devia levar o rumo seguinte: Vinhaes, Villa Verde, Paçó, Quintella de Vinhaes, Soeira, Castrellos, Gondezende, Espinhozella, Carregosa e Soutello, e seguir pela Lastra para França, d'onde passava a Portello; e d'este ponto seguia para a Poeblla de Sanabria pelo plató de Santa Cruz d'Abranes.

Gondezende é a povoação mais importante da etape de Vinhaes á Poeblla de Sanabria; é a Compleutica de Silvello; está em posição elevada e quasi contigua a Espinhozella. E' provavel que parte da população de Gondezende descesse para Espinhozella.

O leitor já terá notado que até os nomes das povoações por onde seguia a via romana são de um archaísmo que encanta. O Paramio e o Baceiro, confluyente do Tuella, levam-nos naturalmente a pensar na Sepontica Paramica e nos Vacceos. Segundo Ptolomeo, Segunda Taboa da Europa, Cap. VI, o meridiano que corresponde a Sepontica Paramica marca—9:30, o que quer dizer que Sepontica Paramica existiu entre o parallelo que passa por Vinhaes e o que passa pela Poeblla de Sanabria. As taboas de Ptolomeo contém muitos erros; por isso não servem para trabalhos d'esta natureza. Subindo de Espinhozella na direcção N. N. E., e tendo percorrido a distancia de uma milha, chegamos ao dorso de um monte; uma pequena depressão d'este monte dá passagem para S. Martinho de Cova de Lua e para a povoação de Cova de Lua. Na depressão do monte que já mencionei, e do lado N. do Valle existe um curioso castro que não era conhecido.

Tendo sido suspensas as escavações em Castro d'Avellãs, disse-me o sr. Martins Sarmento que convinha averiguar se na ermida da Senhora da Hedra, perto da povoação de Cova de Lua existiria uma ara consagrada á deuzza BANDVE, pois que esta divindade alli tivera culto, segundo diz o sr. Hubner; dirigindo-me para Cova de Lua, que dista duas legoas

metricas de Bragança; informaram-me no caminho de que d'aquella ermida só existiam ruinas; disseram-me, todavia que a santa existia na igreja de Cova de Lua e que estava em pé sómente um resto da frontaria da ermida. Entre Cova de Lua e as ruinas da ermida medeia o valle por onde passa a estrada de Bragança á Moimenta. Cova de Lua está na vertente N.; as ruinas da ermida existem defronte de Cova de Lua, na vertente S. Entre os dois montes, e á beira da estrada existe um lago que se formára ha trinta ou quarenta annos; mas o nome Cova de Lua não provem do lago, pois que este nome alli existe desde tempos immemoriaes. Não encontrando monumentos lapidares na egreja de Cova de Lua, desci a encosta em que está a povoação, atravessei o valle, dirigindo-me para a ermida.

D'onde provirá o nome Cova de Lua? Nada pude colher a este respeito. Custa a crêr que áquelle nome não ande ligada alguma lenda.

O cerro onde existê a ermida é um castro; vêem-se os andares perfeitamente, olhando de Cova de Lua para a ermida, e o andar que principia na base do cerro faz parte do caminho que liga as povoações proximas com Espinhozella: faz parte do caminho de Vinhaes á Poebia de Sanabria.

Um velho que regava um prado disse-me que o cêrro em que estava a ermida tinha o nome de — Lombeiro dos Cazarellhos: é um magnifico castro, cujos andares de defeza foram todos talhados na rocha e em espiral: o que principia na base da colina conduz á ermida. O extremo do espiral fórma uma pequena praça, ou corôa de quarenta a cincoenta metros de diametro.

A ermida está encostada ao monte, a O. da praça; no extremo d'esta vê-se um extenso muro construido de pedra secca. Parte da frontaria está ainda de pé; julgo muito provavel que a ara da deusa exista nos entulhos da ermida.

Emfim, o Lombeiro dos Cazarellhos é uma fortaleza nova em folha, deve ter sido o ninho primitivo da gente de Espinhozella e talvez da de Cova de Lua.

XVII

De Vinhaes a França são quatro legoas e meia; a estrada devia forçosamente passar na ponte de Soeira, por causa da passagem do Tuella n'esta ponte. Em tempo de inverno o Baceiro poucas vezes é vadeavel; este rio tinha ponte, que segundo dizem era romana. Tendo-se arruinado de velha, construiu-se outra de frente de Castellos ha poucos annos: o Baceiro tem tambem ponte no Paramio, mas esta ponte está fóra do rumo que seguia a estrada romana.

E' tambem ponto obrigado o Castro ou Lombeiro dos Cazarelhos. D'este ponto seguiam para Carregosa pelo dorso de um monte a que chamam Lombo da Via, que termina onde principiam as primeiras casas da povoação de Carregosa, e exactamente onde existe um córte na estrada de Bragança ao Paramio. Perguntei a varias pessoas o que queria dizer — Lombo da Via: não m'o poderam dizer. Estas inquirições effectuei-as sobre o sitio que me indicaram ter o nome de Lombo da Via, isto é, no sitio onde existe o córte na estrada.

Segundo informações que me tinham dado, os de Carregosa não tinham castro propriamente seu; mas tinha-me chamado a attenção um prado natural, em cujo pendor existem taboleiros enrelvados, dando-se tambem a circumstancia de estar aquelle prado contiguo ao Lombo da Via e em parte do córte da estrada. Algumas mulheres que me observavam e que estavam n'uma pequena eminencia, á beira do córte da estrada, clamaram, chamando-me: Meu senhor! Olhe que a Capella de S. Sebastião era aqui! Os taboleiros enrelvados foram os andares de defeza do castro, cuja corôa era a eminencia de onde aquellas mulheres me tinham chamado.

XVIII

Já mencionei a marra do alto de Font'Arcada; a de Carregosa e a de Soutello pertencem á etape de que estamos tratando. A de Carregosa não está no limite do termo d'esta povoação, existe á beira da estrada de Carregosa, e a uns trinta ou quarenta metros da povoação; não póde ser, portanto, um marco de limite do termo. A lenda diz que fôra posta de noite no sitio em que está actualmente, e sem que ninguem visse. A de Soutello indica o caminho para a povoação de França. Está cravada no solo obliquamente e encostada a um castanheiro. Esta marra tanto póde indicar o caminho para França como o de Soutello. As minas de ferro de Soutello foram exploradas pelos romanos e na primeira metade d'este seculo pela familia Cruz de Bragança; ha proximo das minas um famoso castro. As minas e o castro estão a dois kilometros de Soutello.

A estrada romana de Soutello ás minas devia necessariamente ser um ramal para serviço das minas; e não podia deixar de ser assim; pois que é impossivel para peões e cavalleiros passar além da cadeia de cerros de granito que intercepta a passagem quer para Montezinho, quer para França. Finalmente, para ir de Carregosa ou de Soutello a França, temos forçosamente de ir á marra de Soutello, e seguir pela serra da Lostra para França, deixando á nossa esquerda Soutello. A recta que liga Vinhaes com França é uma directriz de quatro legoas e meia, que, partindo de Vinhaes, passa por Villa Verde, Ponte de Soeira, Lombeiro dos Cazarellhos, ou Espinhozella; quasi toca em Soutello, e por fim termina em França.

As marras têm todas a mesma fórma de letra e o mesmo corpo; o feitio dos padrões é que é diferente: têm tambem todas a mesma inscripção. Dizem todas

O cippo da de Font'Arcada é semi-cilindrico. A face plana está voltada para o caminho, está aparelhada perfeitamente por esta face e inclinada sobre o comoro do caminho e entre umas silvas.

A altura é de	1,30
Largura	0,61
Espessura	0,3

A de Carregosa, approximadamente a 80 ou 100 metros de Lombo da Via tem:

Altura acima do solo	0,79
Largura media	0,50
Espessura	0,16

A de Soutello: Altura a contar do solo	1,30
Largura	0,55
Grossura.	0,15

Esta marra indica o caminho para França pela Serra da Lastra: não ha outro que nos conduza de Soutello ou de Carregosa para a Poeblla de Sanabria. O nome—Lastra provem certamente dos lagedos que se encontram, uns na estrada outros arrumados a um e a outro lado do caminho. Parte da pedra foi utilizada por pastores para construir casinhas afim de se abrigarem, e assim continua a estrada, encaixada entre a Lastra e o Sabor até desembocar n'um canto da veiga de França.

Está actualmente em construcção a estrada de Bragança á fronteira de Hespanha, e estão construindo uma ponte perto do sitio onde existia outra; esta com certeza não é romana: a romana deve ter existido no extremo L. do Valle. Vêem-se n'este sitio os calhaus com restos de cimento, o que torna perigosa a passagem do rio n'aquelle ponto. Seguindo para Portello, ponto fiscal da raia, ha, ainda perto do rio uma calçada tambem de difficil transito. A calçada continua desde o rio até ao alto de onde se avista Portello e ahi desaparece. Não perca o leitor de vista que Viinhaes, Villa Verde, Ponte de Soeira, Espinhozella,

Lombeiro dos Cazarelhos, Soutello e França existem sobre a mesma recta, que por estas povoações passam todos os caminhanfes que transitam de Vinhaes para a Poeblla de Sanabria.

O Codice diz — de Veniatia a Petavonio são sete legoas, e sete legoas são em linha recta, o que póde vêr-se em qualquer carta, na de Perry, na de Dosseray e n'outras. As mesmas cartas nos conduzem da Poeblla a Castrocomtrigo com sete legoas certas, e d'este ponto a Astorga tambem com sete legoas e em linha recta. As ruinas de Argentiolo devem existir em Castrocomtrigo ou nas suas immediações. Argote diz — Castrocomtrigo onde por força devia passar a estrada.

Segue o Itinerario de Braga á Astorga, com as correções que entendi que deviam fazer-se.

Iter a Bracara Asturicam, m(illia) p(assum).

CCLXXVII (a)	
Salatia.....	XXIV
Praesidium.....	XXVI
Caladunum.....	XVI
Ad Aquas.....	XVIII
Pinetum.....	XX (b)
Roboretum.....	XXXVI (c)
Compleutica.....	XXVIII (d)
Veniatia.....	XXV
Petavonium.....	XXVIII
Argentiolum.....	XXVIII
Asturica.....	XXVIII (f)

(a) Variantes de varios codices

— CCLXXVI; CCLXXVII

(b) XXVIII

(c) XXXIII

(d) XVIII; XXV; XXVI; XXXIII

(f) XXIII

O Codice, tal como o apresento, é a expressão

da verdade; não ha n'elle erro de uma milha. Salatia é Salamonde, dista seis legoas metricas ou vinte e quatro mil p. de Braga e não cinco legoas, como diz o Codice. Praesidio que é Codecoso de Canedo, e não Codeçoso do Arco, dista, segundo diz o Codice a seis legoas e meia de Salamonde. Em Gralhas existiu Caladuno a quatro legoas e meia de Chaves, e d'este ponto a Val-de-Telhas são cinco legoas. A variante *b* de Pinetum diz que de Chaves a Pinetum são sete legoas: parece que esta variante indica Mirandella; pois que de Chaves a Mirandella são sete legoas certas; em todo o caso vamos em caminho de Rebordãos (1). O Codice diz que de Pinetum a Roboretum são nove legoas: é esta a distancia de Val-de-Telhas a Rebordãos, o Roboretum do Itinerario. Castro d'Avellãs existe a legoa e meia de Rebordãos, sendo meia legoa d'este ponto a Nogueira e uma de Nogueira a Castro d'Avellãs. A porção da estrada comprehendida entre Rebordãos e Castro d'Avellãs considererei-a como um ramal ou porção da variante *d* de Compleutica. Se juntarmos á legoa e meia a distancia que vai de Castro d'Avellãs a Sacoias, que são tres legoas: a variante fica completa em Sacoias. Os milliarios de Castro d'Avellãs são os reguladores certos d'esta porção da estrada e bem assim da parte comprehendida entre Castro d'Avellãs e Vinhaes.

A etape de Roboretum a Compleutica é de sete legoas; devia necessariamente levar este rumo: Rebordãos, Failde, S. Pedro dos Castelhanos, Samil e respectivo castro, Martim Cançado, vertente norte, valle de Alfaião e suas thermas, ponte de Valbom, Milhão, Babe e respectivo castro, Castellares, sobre Sacoias. N'outro logar farei ainda algumas considerações a respeito da situação de Sacoias. Quanto a Veniatia, ninguem duvidará que existiu onde hoje existe a villa de Vinhaes.

O codice diz: De Veniatia a Petavonio XXVIII p., e é esta a distancia que medeia em linha recta de Vinhaes á Poblea de Sanabria. Em que se fundaram os

(1) E' notavel a variante *c* de Roboretum: indica Rebordãos de Mirandella por uma recta de oito legoas e uma milha.

archeologos hespanhoes para situarem Petavonio a quatorze legoas de Vinhaes? Bem sei que elles ainda não acertaram com a situação de Venetia; pois, que eu saiba não a mencionam nos seus traçados, ou, para melhor dizer, não consideram Vinhaes como estação da estrada de Braga a Astorga. O seguinte traçado é em parte de Silvello e n'outra parte de Aureliano Guerra:

Ad Aquas	
Pinetum (Pinheiro Velho a N.N.E. de Vinhaes)	
kilometros	46
Roboretum (El Robledo a S.E. da Poebila)	
metros.	53
Compleutica (Hacia Oriente de Bragança)	
metros.	30

Silvello, porém, diz que Pinetum é em Val-de-Telhas, Compleutica em Gondezende, e é tambem elle que diz que Roboretum é em Robledo. Aureliano Guerra levou-nos Compleutica para Hespanha, para El Poio, seis legoas a oriente de Bragança!

O leitor vai vêr ainda mais:—Em carta de 20 de fevereiro de 1894 communica-me o sr. Christovam Ayres o seguinte, que d'aqui lhe agradeço: «A proposito de Petavonio e de Compleutica, encontro em Hubner, *Arqueologia de Espanha*, pag. 161, o seguinte, fallando d'uma cohorte que esteve em Petavonio:—Cohors Secunda Flavia Pacatianæ Pœtaonio:—tuvo su cuartel principal em Petavonium, ciudad de los Supercarios de la Galicia, nombrada por Ptolomeo (116,35) y el Itinerario (p. 423) entre Astorga y Compleutica de reduccion aun incerta, cercana a Benuza y sobre Castro.»

Aureliano Guerra falleceu ha pouco mais de um anno; era o proprietario e principal collaborador de uma revista archeologica; devia portanto tratar de harmonisar a noticia que publicou ácerca da situação de Petavonio com o que escrevera a respeito da situação de Compleutica, que diz ser n'El Poio, seis legoas a oriente de Bragança, isto é, quasi quatro legoas adiante da raia de Hespanha. D'El Poio iria a estrada mui-

to naturalmente para Castrocomtrigo com sete legoas de percurso e dando uma pequena volta; de Castrocomtrigo subia para Astorga com sete legoas, ou sete menos uma milha. Os milliarios de Castro d'Avellãs vieram, porém, destruir este castello de bogalhos; a estrada que seguia desde Braga de oeste para leste, toma em Babe uma orientação opposta á que trazia desde Braga: desce de Babe para Sacoias, segue d'este ponto para Castro d'Avellãs e assim continua até Vinhaes. Como tem de seguir para Astorga, toma em Vinhaes a orientação N.N.E., approximadamente.

Não me consta que algum archeologo hespanhol tenha feito alguma referencia a respeito das ruinas de Castro d'Avellãs, é por isso muito provavel que ignorem que n'aquellas ruinas appareceram dois milliarios; quando o souberem e virem que Castro d'Avellãs existe entre Sacoias e Vinhaes, constituindo estas a etape de Compleutica a Vinhaes, convencer-se-hão que tudo quanto escreveram a respeito da estrada de Braga a Astorga cahiu como um castello de cartas. Só o illustre Silvello disse que Pinetum é Val-de-Telhas.

XIX

O que me propuz n'este trabalho foi determinar todas as estações da estrada de Braga a Astorga, e não todos os pontos por onde passava a estrada. Com referencia á etape de Veniattia a Petavonio posso ter-me enganado preferindo o traçado por França ao de Requejo; preferi o de França ao de Requejo porque é por França que peões e cavalleiros vão, em regra, de Vinhaes á Poebla. Requejo tem tambem contra si a solidão do plató de Montesinho que está a 1674^m de altitude.

França está a quasi uma legoa da raia. Passando a ribeira de Calabor segue-se para Poebla sempre pelo plató de Santa Cruz d'Abranas; este plató é em parte uma charneca e está tambem em parte entregue á cultura de cereaes, e assim continua até baixar para

a Poeblla. A villa está dividida em duas partes pelo rio Tèra que desce da Serra de Sanabria. A parte velha da villa está na margem direita do rio, e sobre este existem muitos restos de muralhas. A nova Poeblla está n'uma baixa, e por alli segue a estrada que exporta os productos (principalmente cereaes) que vindo da Castella Velha, seguem para Orense e para outros pontos; que foi uma povoação fortificada attestam-o ainda os restos dos seus muros.

A meu vêr, Ptolomeu indica regiões; diz, por exemplo: Tarraconense—N'esta região existe Argentiola, grãos 9:20 44-45. Ora a Tarraconense comprehende a diagonal que vae do Monte Medulio a proximidades de Valentia. Tratando dos Superacios, diz: N'esta região existe Petavonio e Asturica Augusta—Asturica Augusta, grãos: 9: 30 44 o. Petavonio, grãos: 9 30 44 o. Isto é muito vago: não podemos com estes dados designar o ponto que procuramos, e é d'isto de que se trata. Os Superacios podiam ser, muito bem, povos da Serra de Sanabria: os gados da Serra e o peixe do Lago podem alimentar uma população importante. A população do lago vive ainda em cabanas: ha tres ou quatro annos um incendio devorou umas oitenta.

O Itinerario fica com menos uma estação supprimindo Argentiolo, que precede Asturica; e ficam quatorze legoas de Veniaña a Petavonio. Ora, isto não pôde ser: é supinamente absurdo. O milliario de Argentiolo marca XV p., o de Asturica XIII p., devendo marcar cada um XXVIII (1). A povoação de Argentiolo desapareceu da carta de Hespanha, mas existe Castrocomtrigo. Argote menciona-a: diz—Castrocomtrigo, onde por força devia passar a estrada: nas immediações de Castrocomtrigo, ou em Benuza sobre Castro, deve ter existido Argentiolo.

A Poeblla de Sanabria é, exceptuando Braga e Astorga, a povoação mais importante de toda a estrada. Tem menos população do que Chaves, mas o seu

(1) A rigor o milliario de Asturica devia marcar XXVII p., porque de Castrocomtrigo a Astorga são sete legoas menos um quarto.

movimento commercial é enorme, principalmente devido aos generos que transitam da provincia de Zamora para Orense.

XX

A noticia que vem em Hübner, transcripta da *Archæologia de Hespanha*, publicação de Aureliano Guerra, creio eu, é curiosa. Não duvido que assistisse em Pétavonio á cohorte segunda Flavia Pacatiana, e que tivesse seu quartel principal em Petavonium, cidade dos Superacios da Galiza. Quanto a mim, são povos da Serra de Sanabria, ninho primitivo da gente da Poebla (1).

A redução de Compleutica e de Petavonio está feita; Compleutica é em Sacoias, Petavonio na Poebla de Sanabria: Delamarche, Hachette, o engenheiro Charles, De Lafoente e outros. situam Petavonio na Poebla e Argentiolo adiante da Poebla, entre esta povoação e Argentiolo. Em Argote, livro 2.º, cap. XI, pag. 407, vem o seguinte, segundo Ptolomeu — Petavonio pertencia á Chancellaria de Astorga, Compleutica á de Braga: logo por entre essas cidades capitaes passava a raia que as dividia.

Ora, em Benuza nunca houve raia que dividir.

Os limites da raia não vêm marcados na carta de Folque, vêm na de Dosseray, e com mais rigor na carta da 3.ª Divisão Militar desenhada e ampliada por meu filho Ernesto; está na escala de $\frac{1}{200.50000}$. A demarcação foi effectuada pelos commandantes das respectivas secções do cordão sanitario, desde Melgaço até Paradello, concelho de Miranda do Douro: a marra ou marco de limite da raia que está a quasi uma

(1) O radical da palavra Poeb'a (ce pegados) contém as tres primeiras letras da palavra Pœtavonio.

legoa de Portello está quasi a meia distancia da Poebia de Sanabria e de Sacoias. Tenha-se, porém, presente que a estrada seguia da raia para a Poebia pelo plató de Santa Cruz d'Abrans e não por Calabor; seguindo para a Poebia por Calabor dá-se uma volta de legoa e meia, pelo menos.

Argote resume o seu trabalho pela fôrma seguinte: «Supposto, pois, que esta primeira via militar que Antonino descreve é a que corria por Chaves, referiremos primeiro como elle a descreve, e depois diremos quaes são hoje as terras por onde passava no tempo dos romanos, por que a tal estrada se acha actualmente mui diversa. Diz o Itinerario de Antonino que esta via militar corria de Braga até Astorga por espaço de duzentos e quarenta e sete mil passos, que montam sessenta e uma legoas e tres quartos, n'esta fôrma. Sahia a estrada de Braga e corria até Salatia em distancia de cinco legoas, passa depois a Presidio, e fazia mais seis legoas e meia; logo, andando outro tanto, chegava a Caladuno e d'alli continuava pelo espaço de quatro legoas e meia até Aquas, que dissemos era Chaves, e assim segue nomeando as estações e dando-lhes o seu respectivo valor, mas sem determinar o sitio a que cada uma pertence: diz que a Veniatia se seguia Petavonio, a Petavonio Argentiolo, que se seguia Asturica, dando a cada estação a successão e indicação numerica que lhe marca o Codice (1). Fallando de Vinhaes diz—Vinhaes, onde por força devia passar a estrada, e o mesmo diz a respeito de Castrocomtrigo. E todavia, diz no livro 2.º, cap. 1.º, a respeito de Petavonio—Petavonio era uma cidade das Asturias, segundo consta de Ptolomeu, na segunda Taboa da Europa, no cap. 6.º, na descripção de Asturias. Resta averiguarmos onde era Petavonio.—Baudrand, no *Lexicon Geographico* diz que era o logar de Vanheza (La Bañeza) onde chamam Terra de Cabreira de Leão, e accrescenta—A verdade é que

(1) Argote, to.no 2.º, cap. XII, 915. Esta nota vem tambem no meu trabalho, pag. 14 e 15.

Petavonio ficava na estrada que vae da Villa de Vinhaes, na nossa provincia de Traz-os-Montes para a cidade de Astorga de que distava sete legoas! Petavonio dista sete legoas de Vinhaes ou sete legoas de Astorga? Era em Castrocomtrigo ou na Bañeza?

ALGUNS PASSOS N'UM LABYRINTHO

Escriptos diversos

Com este titulo vêm em Filippe Simões varias considerações ácerca das ruinas de Condeixa e de Coimbra. Falla do milliaro quê existiu em Coimbra e de outro que appareceu na Mealhada; o milliaro de Coimbra marcava quatro milhas, ou uma legoa metrica, o da Mealhada contava doze mil passos, o que indica que não era aquelle o logar que lhe pertencera, pois que de Coimbra á Mealhada são quatro legoas metricas. Falla também dos restos da estrada romana, do aqueducto e das muralhas que existiam em Condeixa. Tudo isto mostra e convence de que a estrada de Lisboa a Braga passava em Condeixa a Velha, em Coimbra e na Mealhada, ou suas immediações.

E' bem conhecida a inscripção que existe em Coimbra e proveniente de Condeixa: n'ella se lê o nome Conimbriga.

Vejamos se com estes elementos e outros fornecidos pelo Itinerario de Lisboa a Braga, conseguimos

regular esta estrada. O Itinerario de Antonino marca as distancias pela fórma seguinte:

Iter ab Olisipone Bracaram	
Augustam—m. p.....	CCXLIII
Ierabriga.....	XXX
Scalabim.....	XXXII
Selium.....	XXXII
Conembriga.....	XXXIII
Eminio.....	X
Talabriga.....	XL
Langobriga.....	XVIII
Calem.....	XIII
Bracara.....	XXXV

No estudo que effectuei sobre a carta de Folque, tomei como ponto de partida Lisboa, beira do Tejo, meridiano—O—. N'esta estrada todas as estações são indicadas por uma recta, que dá a distancia de uma á outra. As legoas são de quatro milhas romanas, equivalentes á legoa metrica.

A carta de Folque dá seis legoas metricas do ponto que designei a Villa Franca de Xira, e dá oito de Villa Franca a Santarem. Como cada uma d'estas etapas é indicada por uma linha recta, a situação de Ierabriga e a de Scalabim ficam bem definidas. O milliario de Ierabriga deve, pois, marcar seis legoas ou XXIV m. p. e não XXX. Philippe Simões cita Gaspar Barreiros a proposito das ruinas de Condeixa e do Itinerario. Diz a respeito do Itinerario:—O primeiro argumento que adduzio (Barreiros) foi o que se infere do Itinerario de Antonino, que marca 66 milhas ou 16 legoas e meia entre Scalabim e Conembriga, as quaes quadram com a distancia de 16 legoas e meia entre aquella cidade e Condeixa a Velha, e não com as 19 legoas que faziam de Santarem a Coimbra; ora, a medida sobre a carta dá 19 legoas entre Santarem e Condeixa; diz que de Scalabim a Conembriga são 19 legoas; são 9 de Santarem a Villa Nova de Ourem e 10 d'esta a Condeixa.

«Falla depois dos restos que da antiga cidade romana tinham ficado no sitio de Condeixa a Velha, e transcreve uma inscripção com o nome de Conimbriga, a qual juntamente com outras no seu tempo estava na Ponte da Atadôa.» (1)

D. M.
VALERIO AVITO
VALERI MARINI
FIL, ANN. XXX.
VALERIA, FVSCILLA
MATER, FIL,
CARISSIMO, ET
PIENTISSIMO,
ET OPSEQVEN
TISSIMO.

P.

SCRIBI, IN TITVLO, VERSVCVLOS
VOLO QVINOVE DECENTER,
VALERIVS AVITVS, HOC SCRIPSI, CO-
NIMBRIGA NATVS, MORS. SVBITO, ERI-
PVIT, VIXI TERDENOS ANNOS, SINE
CRIMINE VITÆ, VIVITE VICTVRI MO-
NEO, MORS OMNIBVS INSTAT.

Diz ainda Filippe Simões: — «Vê-se ainda hoje nas ruínas de Condeixa a Velha todo o circuito das muralhas que defendiam a cidade; e, o que é notavel, o povo chama Almedina o espaço murado, posto que esta palavra devesse ser introduzida, emquanto durava a dominação dos arabes, para designar como em Coimbra a cerca ou a parte defensavel da povoação. A muralha terá de circumferencia dois ou tres kilometros, e está meio demolida em toda a sua extensão. A' sahida de uma das portas da cidade, restam dois enormes viaductos de cantaria, que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos.»

(1) Barreiros, Corographia, fol. 48 a 54.

«Segue-se tambem até Alcabideque, na distancia pouco mais ou menos, de meia legoa, o aqueducto por onde vinha a agoa para a antiga Conimbriga. E assim vae continuando, nomeando vestigios de ruinas — fragmentos de columnas de marmore, alguns dos quaes vieram para a collecção de archeologia do Instituto de Coimbra. Emfim a alguma distancia das ruinas acham-se restos da estrada romana, cuja direcção conviria determinar por esses vestigios.»

Póde, pois dizer-se, com toda a certeza, que em Condeixa existio Conimbriga.

E' tradiçãõ que Scalabim é em Santarem, a 19 legoas de Condeixa a Velha. Por outra parte esta distancia quadra bem com a distancia que existe entre Santarem e Condeixa a Velha; devemos, pois, procurar Sellium entre Santarem e Condeixa a Velha. Como n'esta estrada a distancia de estação a estação é indicada pela recta que as liga, Sellium fica determinada quando a directriz que vem de Santarem tocar no extremo da que vem de Condeixa, levando tambem em conta que de Santarem a Condeixa são 19 legoas em linha recta. Por este processo achamos que Sellium é Villa Nova de Ourem, e se demonstra tambem que Villa Franca de Xira é a Ierabriga do Itinerario de Olisipo a Bracara. Tenha-se presente que tomei como ponto de partida Lisboa, beira do Tejo, meridiano de Lisboa.

Do ponto que designei á beira do Tejo, margem direita, seguia a estrada para Villa Franca de Xira pelo espaço seis legoas. De Villa Franca seguia para Santarem percorrendo oito legoas. Seis com oito são quatorze, e quatorze são da beira do Tejo a Santarem. Não ha differença de uma milha. De Santarem seguia para Villa Nova de Ourem com nove legoas, e tendo percorrido mais dez chegava a Condeixa a Velha, de onde seguia com duas e meia até Emino ou Coimbra. D'este ponto seguia para Aveiro, ou Talabriga, com dez legoas.

O milliario da Mealhada, a quatro legoas de Coimbra e a seis de Aveiro, e a certeza com que a directriz marca Aveiro, levam-nos ao convencimento de

que Aveiro é a Talabriga do Itinerario. Acontece, porém, haver erro em tres etapes seguidas: na de Talabriga a Langobriga, na de Langobriga a Calem e na de Calem a Bracara. O erro que ha entre Braga e Calem bem se corrige, porque é bem conhecida a distancia de Calem ou Gaia a Braga. A difficuldade está, pois, na etape de Talabriga a Langobriga.

O Itinerario marca quatro legoas e meia de Talabriga a Langobriga e tres e um quarto de Langobriga a Calem. Por outra parte, de Aveiro a Gaia são quatorze legoas metricas; vê-se evidentemente que ha erro, e grande, entre Aveiro e Gaia; a difficuldade persiste, quer tentemos determinar Langobriga de Aveiro quer de Gaia, e pela rasão de haver erro no Codice em duas estações consecutivas. A povoação que quadra bem é a Villa da Feira; dista seis legoas e meia de Aveiro e cinco de Gaia: creio que deve ser isto. A distancia de Gaia a Braga é de nove legoas e meia, e não de oito e tres quartos, como diz o Codice. Esta estrada não passava em Guimarães: devia seguir de Braga a Calem por Villa Nova de Famalicao.

O Itinerario de Lisboa a Braga deve dizer assim:

Iter ab Olisipone	Bracaram Augustam m. p.	CCLXVI
Ierabriga	(Villa Franca de Xira)	XXIV
Scalabim	(Santarem)	XXXII
Sellium	(Villa Nova de Ourem)	XXXVI
Conembriga	(Condeixa a Velha)	XL
Fminio	(Coimbra)	X
Talabriga	(Aveiro)	XL
Langobriga	(Villa da Feira)	XXVI
Calem	(Gaya)	XX
Bracara	(Braga)	XXXVIII

O estudo de uma estrada romana não comprehendendo sómente a determinação das estações, é necessario, para ser completo, estudar os pontos por onde ella passava. Estes pontos existem, quasi sempre, fóra da projecção das directrizes; e, por isso é necessario effectuar estudos *sur place* para um e outro lado da estrada. Os castros que encontrarmos perto da estrada devem ser estudados, e, podendo ser, explorados.

Os montes ou cerros a que andarem ligados os nomes—Citania, Cinania, Cividade, Castello—devem tambem ser visitados.

As tres seguintes inscripções foram encontradas em Coimbra em 1773, junto ao alicerce do terreiro do Castello de Coimbra:

CHRYSIS SIBI
POSVIT

.....
VXORI. ET. MODES
F. MATRI F. C.
S. T. T. L.

D. M. S.

AVRELIO. RVFINO
ANN. XVII.
AVRELIVS. MVSAEVS
FILIO. PIISSIMO. F. C.

A segunda está mutilada; falta-lhe a primeira linha. No mesmo sitio appareceu ainda um pequeno fragmento de outra lapide com os restos de uma inscripção. No anno seguinte de 1774, appareceram tambem, junto do Castello, nas ruinas da Couraça de Lisboa, dois cippos com estes letreiros:

D. M. S.
C. IVLI
MATERNI
ANN. LXIII
BOVIA. MA
TERNA. ET
IVLIA. MA
XIMA. PATRI
PIISSIMO
F. C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO OB MERI
TA PATRONI

CAESAR. DIVI.
... VG PRON. AUG
...ONT MAX TRIB
... T. III. COS. DESIG.
P. P.
M. III.

...SAR DIVI
...RON AUG
...MAX TRIB
...COS DESI...
P. P.
XII

A ultima inscripção é a do milliario da Mealhada; está mutilada bem como a do de Coimbra; pois que o da Mealhada marca XII m. p. p.: o de Coimbra tem tambem gastas as letras numeraes.

No anno de 1872, abrindo-se os alicerces para uma sacristia junto da igreja de Condeixa a Velha, appareceu a seguinte inscripção que hoje se conserva na collecção do Instituto:

SERENIA
NVS FAMV

LVS DĪ VIXIT
ANVS III ET
REQV IN PA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIII

Ha quasi dous annos que conservo entre os meus papeis as notas referentes á determinação das estações da estrada de Lisboa a Braga, e reconhecendo que podiam ser determinadas as etapes d'esta estrada, resolvi juntar ao estudo da estrada de Braga a Astorga as notas referentes á via romana que, partindo de Lisboa, terminava em Braga.

Convinha agora effectuar estudos *sur place* desde Lisboa a Braga; bastariam dez ou doze mezes de pesquisas: appareceriam alguns vestigios da estrada e algumas inscripções. Deixar estas interessantes coisas ao acaso é uma vergonha; não faltam no Ministerio da Guerra, ou na Repartição de Trabalhos Geodesicos, individuos competentes para effectuar este trabalho. O troço que primeiro devia ser estudado, é o comprehendido entre Gaia e Aveiro; pois que ha entre estes dois pontos erro e grande nas indicações que dá o Codice. Estou persuadido que a Villa da Feira é a Langobriga do Itinerario, mas para convencer os outros preciso mais luz: digo, todavia, que a Villa da Feira é a Langobriga do Itinerario de Antonino. Folque nunca me falhou.

86

ERRATAS

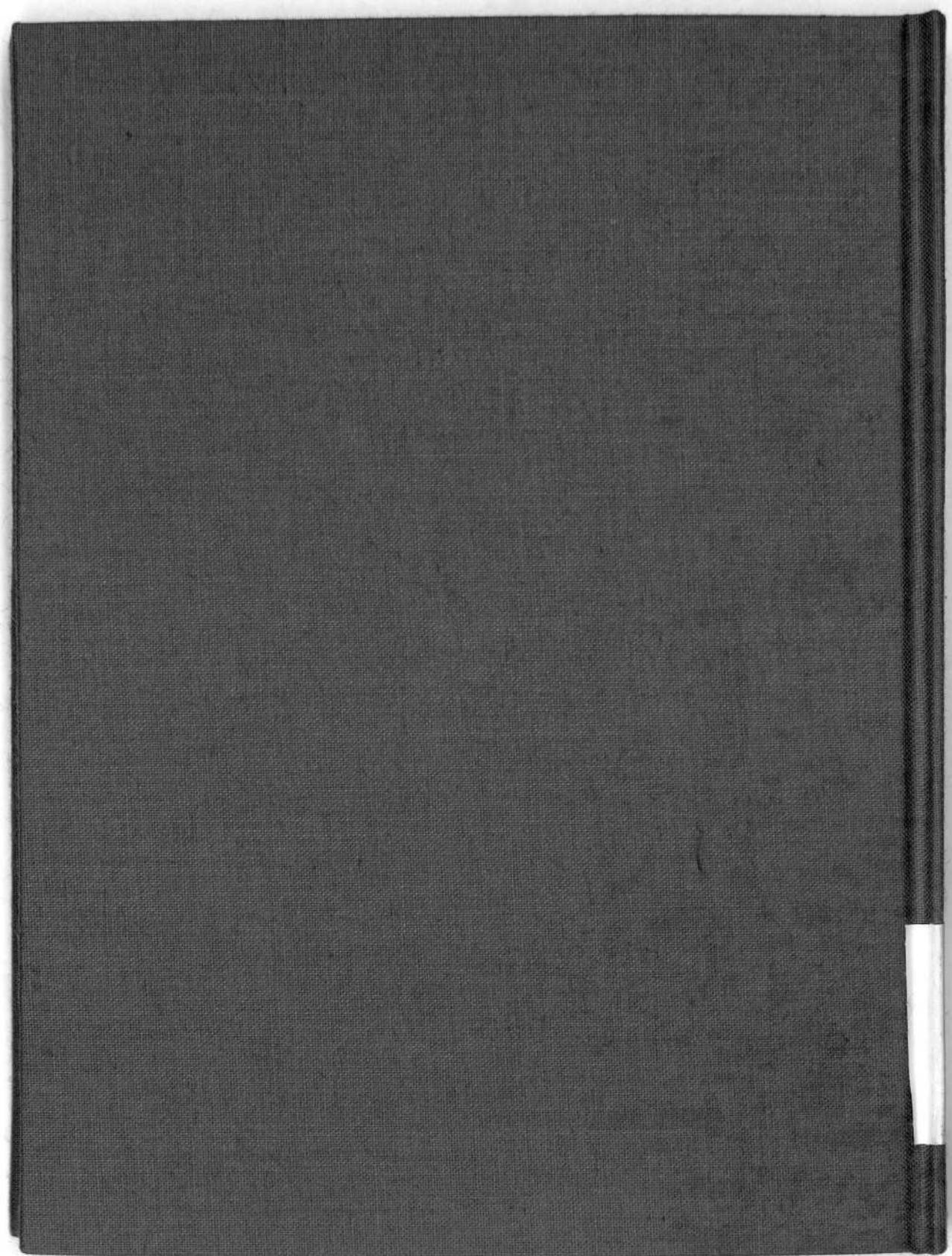
Na pag. 4, em vez de—Eu encontrei, leia-se—Encontrei.

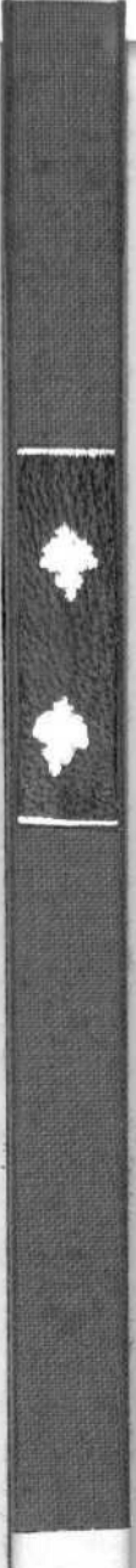
Na pag. 53, onde se lê—recebem-a, leia-se—recebe-a.

Na pag. 115, onde se lê—serra da Lostra, leia-se—serra da Lastra. *Sibelo e não Silualto*









2523